

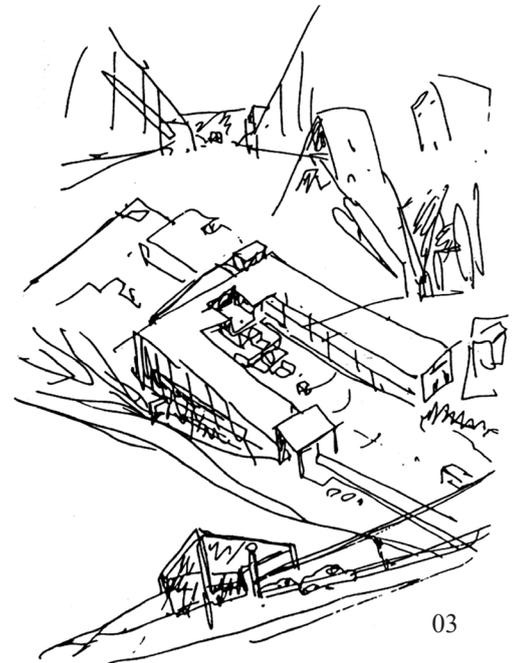
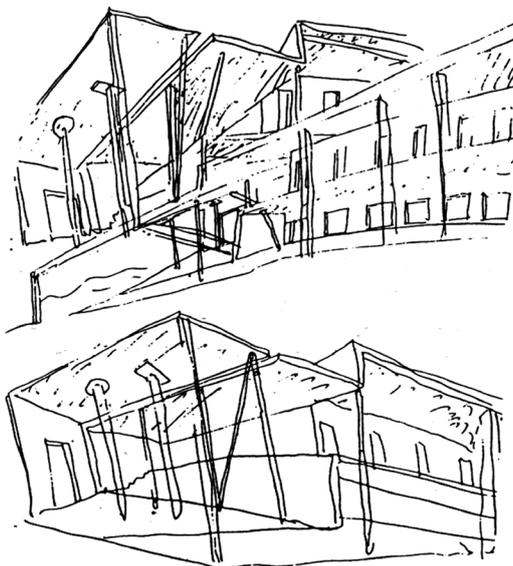
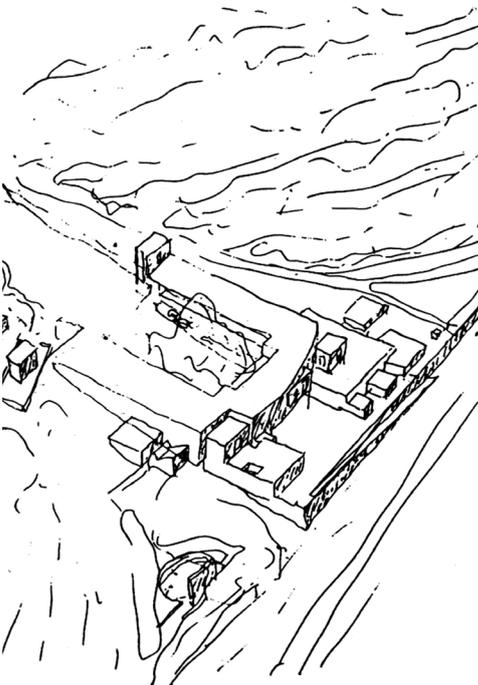
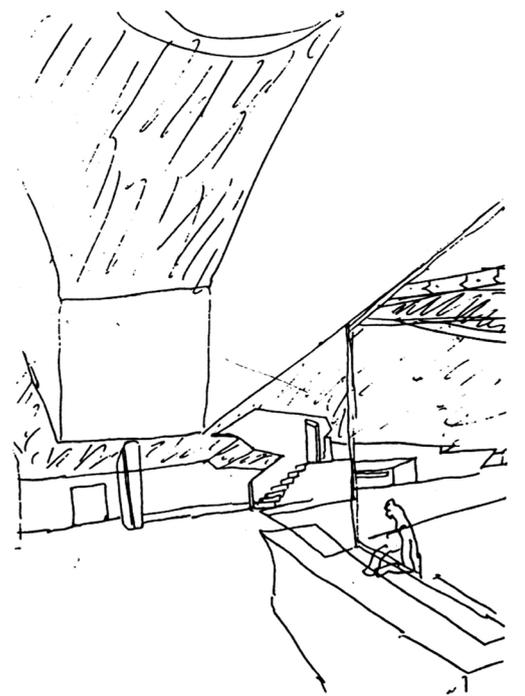
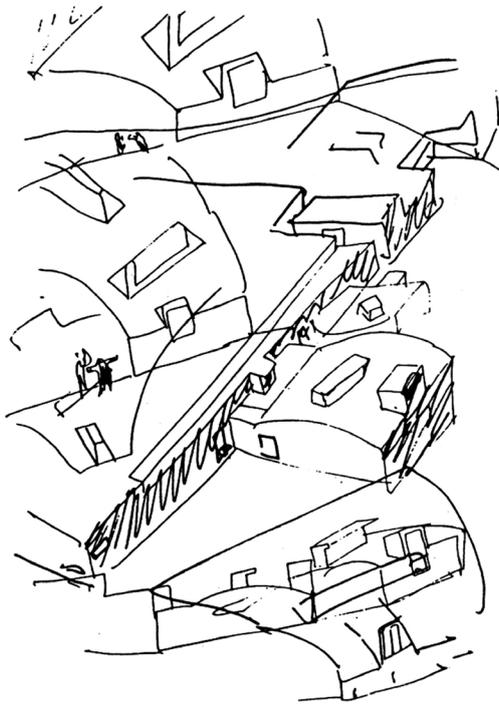
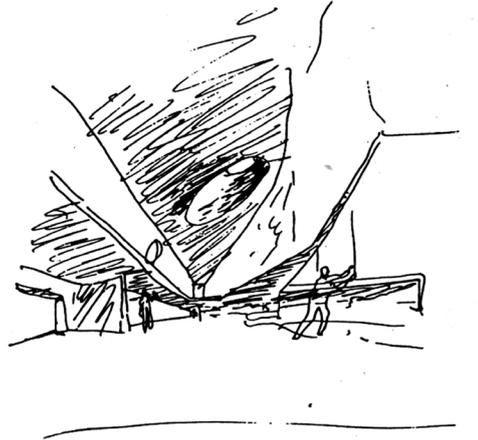
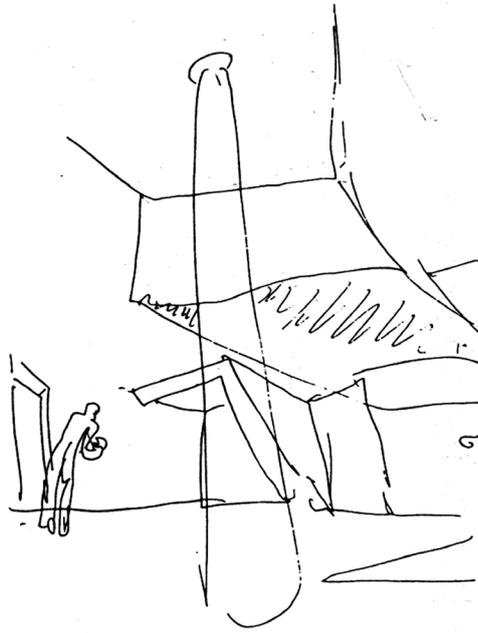
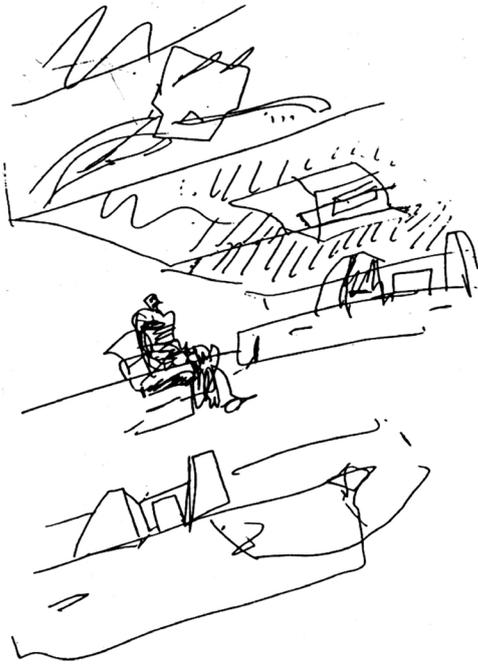
PerfilLocal

Ano 7 - nº 7 - IPS-ESE- Comunicação Social

Edição Especial



40



HINO DA ESE DE SETÚBAL

Letra e música de José Carlos Godinho

Cai a noite mas o sol fica cá dentro
Anoitece mas o dia fica em nós
Mais parece não haver um só momento
Que adormeça a nossa voz

Voz da terra, voz do mar
Voz de sobro e maresia
Rio azul, prado verde, preia-mar

Não há noite p'ra deixar cair o dia
Não há noite p'ra esconder o nosso olhar

Refrão:
Porque é na ESE de Setúbal
Porque é na ESE de Setúbal
Onde o sonho maior é fazer gente feliz
Vale a pena estar aqui

Ser feliz são palavras murmuradas
Mas que eu grito sem ter medo de as gritar
Ser feliz é saber que vale a pena
Ser feliz é acreditar

Ser feliz é sermos ESE, sermos sobro e maresia
Rio azul, prado verde, preia-mar

Ser feliz é saber que estou contigo
Não há noite p'ra esconder o teu olhar

Refrão:
Porque é na ESE de Setúbal
Porque é na ESE de Setúbal
Onde o sonho maior é fazer gente feliz
Vale a pena estar aqui

Quantos rostos o tempo tem?

Em 1985, abriu-se a porta pela primeira vez e, desde então, há sempre alguém que chega primeiro que todos os outros para que esta escola se torne um lugar que acolhe sonhos, desafios e estórias que permitiram moldar a Escola Superior de Educação ao longo de quatro décadas.

Aqui estão representados mais de 14 mil dias de dedicação e empenho, centenas e centenas de docentes, milhares de estudantes e dezenas de funcionários não docentes, que, com o seu esforço coletivo, permitiram que, hoje em dia, muitos descrevam, com orgulho, este lugar como “casa”.

A construção desta revista foi, sem dúvida, um grande desafio e, desde o início, a redação deparou-se com um problema que tentámos ao máximo minimizar. Sabíamos que não seria possível reunir todas as vozes que já haviam ecoado nos nossos corredores.

A verdade é que é impossível recuperar 40 anos de história, mas é possível ilustrá-los (nem sempre, apesar de todos os esforços, foi fácil encontrar os recursos que o permitiram fazer), e foi isso que fizemos a partir de cada rosto, de cada testemunho, de cada lembrança, sendo sempre o nosso principal objetivo conseguirmos representar a essência da nossa instituição.

Fotografámos aqueles que pudemos, mas queremos deixar claro a todos aqueles que não fazem parte desta galeria que isso não significa que não façam parte desta história, que é repleta de álbuns que o tempo não nos permitiu explorar.

A 7.^a edição da PerfilLocal é o produto de um trabalho desenvolvido ao longo de um semestre, que exigiu todo o nosso esforço, dedicação e vontade de querer representar a essência daquela que é a “nossa” escola. Foram mais de 2 784 horas de trabalho, de escrita, de correções, de design, de aprendizagem, que nos permitiram entender a importância de dar voz às memórias e vivências desta instituição.

Foi um processo que nos aproximou da realidade de uma redação, da realidade dos prazos apertados, do rigor, do trabalho em equipa, mas, acima de tudo, do compromisso de honrar a história que nos foi confiada.

Para si, que folheia agora esta revista, esperemos que encontre um lugar de partilha, de crescimento, de transformação. Que, ao longo destas páginas, consiga visitar memórias, reconhecer rostos e recordar estórias, mas que, acima de tudo, consiga sentir o conforto desta instituição, **“Onde o sonho maior é fazer gente feliz/Vale a pena estar aqui”**.

Francisca Caeiro e Tomás Marques

A chefia da Redação



Entre chaves e corações

“Sou muito grata pelos anos que tenho passado aqui”

“Uma pessoa muito reservada, sossegada e tranquila, com uma vida normal” o seu olhar transborda uma dicotomia entre o orgulho e a timidez. São estas as palavras tecidas por Dona Céu ao descrever-se. Sentada numa sala vazia, a sua expressão fala sem palavras. “Eu comecei por trabalhar na Escola Superior de Tecnologia”, mas quando a oportunidade apareceu, não pensou duas vezes, sem hesitar, escolheu a Escola Superior de Educação como o lar que lhe deu conforto e estabilidade “Nessa altura, o trabalho que fazia era limpeza. Continuei a fazer durante uns anos, ainda, na ESE”. No entanto, a humildade e empatia não passaram despercebidas e os trabalhos pedidos eram sempre cumpridos com rigor “já fiz um bocadinho de tudo”. // Algum entusiasmo e vergonha, estão presentes quando afirma que a função de abrir a escola era a mais recompensadora “Eu ia buscar a chave, como se fosse a porteira da casa e abria o edifício e isto começava tudo a funcionar. Era muito giro”. Com a voz trêmula entre uma pausa, confessa “Eu sentia-me muito bem nesse papel, porque chegava e depois, a partir daí tudo começava a funcionar”, iluminava e dava vida à casa que escolheu. Demonstra ao longo de toda a conversa o empenho, dedicação e eficácia que coloca nos trabalhos que lhe são pedidos “Conseguia resolver as situações. Isso fazia-me sentir bem”.

Emocionada, garante: “Isto é tudo para mim, é a minha vida”. Pouco há a acrescentar, os grandes sonhos de Maria do Céu Simões passam por “Continuar aqui”. Gostava de ser recordada como “Uma pessoa humilde, trabalhadora, disponível”. Contudo, a insegurança é algo presente na sua vida, “sou insegura em tudo o que faço. Estou sempre com muito receio de falhar”. Num tom de desabafo confessa que se pudesse mudar algo “Teria estudado”. Porém, o seu percurso culminou na valorização do trabalho árduo, mas também, no modo como educou os seus filhos “para serem pessoas boas e humildes”, acreditando que o seu trajeto na instituição influenciou a transmissão de valores altruístas e “Isso é muito gratificante”. // Foi junto dos jovens que viveu toda a sua vida, aconselha-os, por isso, que sejam humildes, focados e trabalhadores, “que têm de trabalhar para conquistar aquilo que querem”. Em confissão, ao recordar o passado, reconhece: “Sou muito grata pelos anos que tenho passado aqui”. Por fim, sensatamente, afirma “agradeço a Deus sempre por estar aqui”.

“Agradeço a Deus
sempre por estar
aqui”

Não era um homem de “escrever poemas” até começar a viver num: serra-mãe, serra minha. Enamorado por uma setubalense, Albérico Afonso vis-

lumbra-se pela beleza da Arrábida onde se cruza com a Escola Superior de Educação “Eu apaixonei-me e depois de uns tempos estando aqui, apaixonei-me também por Setúbal”. [sorri alegremente] Pertenceu à “primeira leva de professores formados” da escola, “recrutado” e por fim “escolhido” para pertencer ao corpo docente no instituto. Precisamente em 1984, ainda em “instalações provisórias”, o professor lecionava o que mais idolatrava:

a história. Esta paixão antiga, originada por um antigo professor, “influenciou muito” na sua escolha entre direito e o estudo do passado. Desde cedo percebeu que a “Licenciatura em História

era muito difícil de enveredar” e que “a área da investigação, era um caminho árduo” pelo qual abandonou para ingressar no ensino onde “a minha motivação era ensinar”. Deu os seus primeiros passos “no ensino preparatório e secundário” e só depois continuou a sua caminhada na ESE. “Professor, coordenador e formador”, estes foram alguns dos cargos que exerceu no decorrer de 36 anos na sua “segunda casa” que ajudou a “construir”. Durante quase quatro décadas assume que foi “um longo percurso que fiz sempre com grande prazer”. En-

quanto docente, acreditava que a sua profissão deveria ir para além de “dar aulas” onde “uma das responsabilidades de um professor era partilhar aquilo que sabia e a sua investigação com a comunidade”, porque “senão, é uma mera repetição, somente os conteúdos não têm grande graça”. O desfecho do seu caminho na escola cruzou-se com a súbita “pandemia” onde admite que a falta do “contacto físico e o ensino presencial” foi o mais arrasador, “não foram momentos simples e felizes” por não conseguir dar “aulas como eu gostava”. Desde cedo que as suas mãos não só rodavam o globo do mundo em história mas também no papel e caneta. Embo-

ra tenha sido “obrigado a escrever” por causa do ensino superior, teve motivação adicional para finalmente ingressar na “área da investigação”. Nos últimos anos tem se dedicado “exclusivamente à história local”

“Eu apaixonei-me e depois de uns tempos estando aqui, apaixonei-me também por Setúbal”.

pela qual é deslumbrado e onde assume que são os “projetos que mais prazer me têm dado”. Recordar-se das “amizades que trouxe” e da “saudade desse tempo em que me senti muito, muito bem, em diversos níveis.” “É um espaço privilegiado em que eu sempre me senti muitíssimo bem”. Natural do Alentejo, repleto de livros e um olhar que atravessam óculos que já viram vastas trajetórias, Albérico Afonso mantém os seus hemisférios entre a história e a escrita onde a litoral-sul encontrou a sua “segunda casa”.

Tamára Silva

Memórias que a serra deixa

O professor que se apaixonou duas vezes

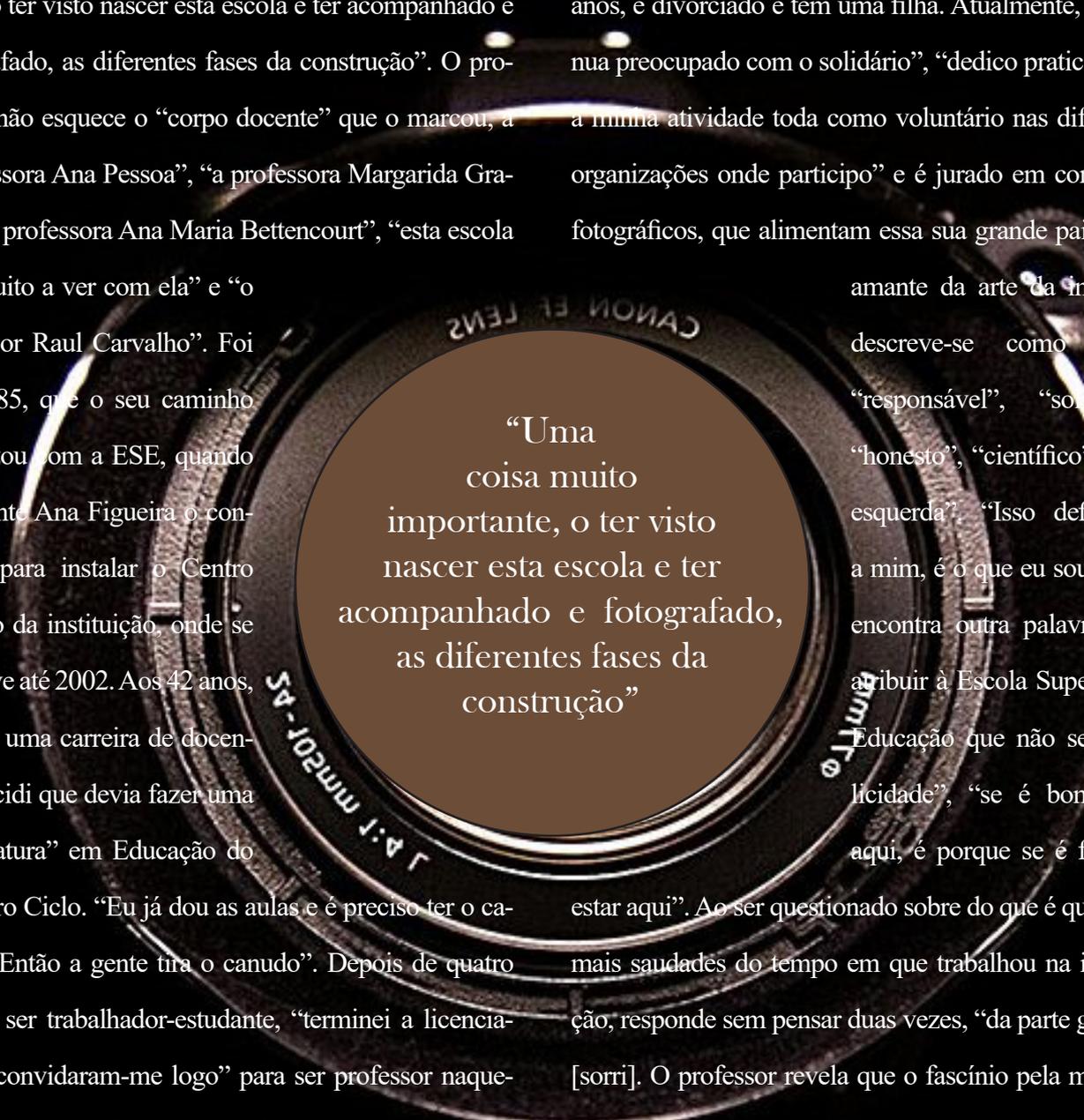


Um clique ao ensino

“No final dá-me uma satisfação enormíssima de missão cumprida”



De regresso à casa que “era uma família”, Fernando Pinho recorda o começo da Escola Superior de Educação, do Instituto Politécnico de Setúbal, por ter sido “uma coisa muito importante, o ter visto nascer esta escola e ter acompanhado e fotografado, as diferentes fases da construção”. O professor não esquece o “corpo docente” que o marcou, a “professora Ana Pessoa”, “a professora Margarida Graça”, “a professora Ana Maria Bettencourt”, “esta escola tem muito a ver com ela” e “o professor Raul Carvalho”. Foi em 1985, que o seu caminho se cruzou com a ESE, quando a docente Ana Figueira o convidou para instalar o Centro Gráfico da instituição, onde se manteve até 2002. Aos 42 anos, já com uma carreira de docente, “decidi que devia fazer uma licenciatura” em Educação do Primeiro Ciclo. “Eu já dou as aulas e é preciso ter o canudo? Então a gente tira o canudo”. Depois de quatro anos a ser trabalhador-estudante, “terminei a licenciatura e convidaram-me logo” para ser professor naquela que foi a sua última casa até se reformar, em 2020. Remontando aos áureos tempos na escola setubalense, relembra que “a ESE liderou quase todos os projetos de internacionalização”, “ganhou o concurso e remodelou todo o ensino do 1º ciclo em Cabo Verde”. Como responsável da gráfica, coordenou a elaboração de manuais que foram, mais tarde, utilizados nas escolas visadas.



“Uma coisa muito importante, o ter visto nascer esta escola e ter acompanhado e fotografado, as diferentes fases da construção”

“Foi uma fase muito trabalhosa”, sempre com o empenho dos alunos, que “alceavam livros à mão” e “uma envolvimento total dos professores”. “No final dá-me uma satisfação enormíssima de missão cumprida”. // Aos 69 anos, é divorciado e tem uma filha. Atualmente, “continua preocupado com o solidário”, “dedico praticamente a minha atividade toda como voluntário nas diferentes organizações onde participo” e é jurado em concursos fotográficos, que alimentam essa sua grande paixão. O amante da arte da imagem, descreve-se como sendo “responsável”, “solidário”, “honesto”, “científico” “de esquerda”. “Isso define-me a mim, é o que eu sou”. Não encontra outra palavra para atribuir à Escola Superior de Educação que não seja “felicidade”, “se é bom estar aqui, é porque se é feliz ao estar aqui”. Ao ser questionado sobre do que é que sente mais saudades do tempo em que trabalhou na instituição, responde sem pensar duas vezes, “da parte gráfica” [sorri]. O professor revela que o fascínio pela máquina dos cliques surgiu aos 15 anos, provocado “pelo mistério e aquilo que era magia”, que se mantém até aos dias de hoje. Começou no centro, mais tarde foi aluno e depois tornou-se docente e não perde na memória os momentos captados ao longo dos anos em que a ESE foi a sua casa, “É bom estar aqui, é bom viver aqui, é bom estudar aqui, estar aqui, trabalhar aqui”.

A ciência da educação

Uma **missão** pelo ensino



Com um sorriso, José Duarte acena, já sentado confessa o entusiasmo que sentira por ter sido lembrado e numa conversa emotiva realça os melhores momentos que a instituição lhe proporcionou. // A sua trajetória académica não foi linear, apesar de ter ingressado no curso de eletrotécnica veio a descobrir a verdadeira paixão no ensino. Durante o quinto ano de licenciatura decide largar tudo para ir atrás do seu sonho “Quando eu abandonei o técnico toda a gente deitava as mãos à cabeça, isto era de loucos”. //Ao recordar a época em que praticava andebol, o rosto fica imediatamente iluminado e, numa expressão pávida, realça a importância da Revolução dos Cravos na descoberta do seu fascínio pela educação “Esse grupo desportivo era um

grupo de jovens, que naquela altura, antes do 25 de Abril, se tornou uma lufada de ar fresco”, foi assim que abriu o primeiro capítulo de um livro que ainda estava fechado. Orgulhoso, esboça um sorriso ao relatar como foram algumas das suas experiências num projeto empreendedor proposto pela instituição. Consistia num acordo entre países africanos cujo objetivo visava a formação de professores e conta como a terra da diversidade apresenta “Uma grande carência de educação, instalações e profes-

res qualificados”. Sabiamente expõe alguns dos momentos mais impactantes que presenciou: “Miúdos a trazerem a cadeirinha de casa, juntamente com a mochila, chegarem à escola, sentarem-se à volta de uma árvore, alguém vai buscar o quadro, que é assim um cartão dobrado. Não têm mesa, escrevem com o caderno nos joelhos, e, portanto, tomam notas, aprendem assim”. / Conhecido como alegre e motivador, estimado por muitos colegas, surpreende com a perspetiva que tem acerca do ensino “Há muita gente que sabe da ciência e é completamente incapaz de ensinar, porque não é capaz de motivar, de falar ao

nível dos alunos, de ter uma linguagem adequada e de ter empatia”. O ensino visto como a ponte para o futuro, a luz que ilumina o caminho, deve ser enca-

rado com brandura. / “Qualidade”, respondeu sem hesitar ao ser questionado sobre aquilo que, para si, definia a instituição. Revela a luta e a preocupação para que a qualidade fosse sempre uma prioridade, reflete breves segundos “empatia, solidariedade, trabalho de equipa”. Por fim, aconselha as futuras gerações, pois “As raízes são sempre os alunos” evidenciando a importância de levarmos connosco amigos e contactos, para nunca deixarmos estagnar as vivências que perduram em nós.

“As raízes são sempre os alunos”

As memórias **de um sonho realizado**
Uma vida de heranças para a educação



No auge dos seus 86 anos, Cristina Figueira, recebe-nos em sua casa, de portas bem abertas “Sentem-se onde quiserem, fiquem à vontade”.

Foi com esta simplicidade que conquistou aqueles com quem trabalhou, sendo recordada como uma das pessoas mais acarinhadas do IPS, desde o dia em que foi proposto a elaboração dos currículos para a ESE, tempos estes, que já passaram há muitos anos, mas são recordados com um grande carinho e felicidade. // A presidência do instituto

foi só mais um desafio aceite por Cristina Figueira,

pois sempre gostou de os aceitar e

sair da sua zona de conforto, “Fui

aceitando desafios. Ir para o

instituto foi um desafio enorme”.

Formou-se na universidade

de Toulouse, mais tarde,

complementou a sua formação

com um curso de Educação. Já em

Portugal, foi técnica de Educação da Segurança Social

quando aceitou a primeira proposta

de trabalho do IPS. A entrada na ESE é a sua primeira

memória sobre a escola, sendo também, a mais querida.

Diz que este contacto não poderia ter sido mais completo

e significativo, a equipa era bastante boa e todos tinham

um objetivo, a formação de professores felizes, pois, como

acrescenta, “se as pessoas não forem felizes nunca são bons

profissionais”. Relembra os tempos no Palácio Fryxell, as

instalações no Instituto de Educação e Formação Profissional

de Setúbal e a ala na Escola Superior de Tecnologia e

recorda, ainda, o primeiro presidente da ESE, o professor

Raul Carvalho, pela sua bondade e por todas a horas que

estiveram juntos a elaborar os planos curriculares. “Era

um homem extraordinário (...) com um coração tão grande

quanto a barriga [gargalhadas]”. Por esta altura, volta a

mostrar a sua hospitalidade e bondade, “Vocês querem um

cafezinho?”, enquanto conta que a ESE foi um verdadeiro

desejo tornado realidade. “Foi um sonho do ponto de

vista educativo”. Esta pequena frase bastou para

descrever a “sua ESE”, pois já não

mantém contacto com a escola,

algo que lamenta. Quando

questionada, “Quem é Cristina Figueira?” demonstra

que é uma mulher feliz e

realizada, com uma família e

um marido que sempre a amaram

e apoiaram. “Tive o apoio enorme do

meu marido que foi sempre a minha retaguarda”.

Esta cumplicidade é sentida quando o esposo chega a casa,

acena-lhe e ela pisca-lhe o olho, num cumprimento sem

interrupção. Gostava de ser lembrada como “alguém que

se preocupou” e hoje em dia, sente-se realizada tanto na

vida familiar, como na vida profissional que já foi interrompida

há alguns anos, onde idealizou e realizou, aquele

que foi o seu maior sonho. “A ESE é a minha escola.”

“Ir para o instituto foi um desafio enorme”

Abre a porta de sua casa, oferece um café, vai buscá-lo, senta -se. A educação, como uma vontade profissional, “aconteceu aos 16 anos, eu fui um ano para os Estados Unidos”, por motivações do pai que “procurava escolas diferentes, internacionais”. //Dessa experiência resalta as três principais razões que a conduziram a ingressar na área do ensino: “Uma, era uma escola para toda a gente”, enquanto que em Portugal as escolas sofriam fragmentações, divididas por anos, a vida Americana fascinou-a pela fusão que via acontecer. “Depois, havia opções”, o ensino nos EUA permitia

aos estudantes um currículo diversificado, o que despertou em si uma vontade de o mudar. “A terceira coisa que

eu também gostava imenso, era que existiam muitas atividades extracurriculares”. //Naquela que é a terra das oportunidades, separada por um oceano, do país de origem, definiu o seu futuro “aquilo ficou-me sempre na cabeça, que a escola podia ser diferente”. O seu percurso educacional, passou pela América, Inglaterra e pela Suíça, porém, terminou em Portugal, onde exercia funções como professora na Faculdade de Ciências de Lisboa quando “a Ani [Ana Maria Bettencourt] me desafiou a ir para Setúbal, e porque eu gostava de trabalhar com ela, também achei fas-

cinante começar assim uma coisa a partir do nada”. // A vontade de fazer surgir uma Escola de Educação na região, esteve associada à necessidade “de valorizar a cidade, de dar alguma esperança, de trazer o Politécnico de uma maneira geral”, mas também “Para qualificar mais as escolas e, por outro lado, as regiões”. Apesar de não ter estado em Portugal durante o 25 de Abril, retrata o sentimento de começar um projeto do zero, como o mesmo que a Revolução dos Cravos trouxe à população portuguesa, “tudo era possível, não é? É o que as pessoas dizem. E eu pensei que isto era o que nos parecia também, por-

que nós íamos criar”.

// Era uma pessoa intrigada “Sempre quis mudar para melhor o mundo”, tentou, por isso fazê-lo “sobretudo, de duas maneiras, através da políti-

ca e da educação”. // Nesse sentido, apesar do pouco tempo que esteve em contacto com a escola dedicou-se à elaboração dos currículos, uma vez que existia o cuidado de “que os professores que saíssem de Setúbal estivessem preocupados com os alunos que tinham”. Porém, para uma das fundadoras, a verdadeira motivação da ESE passava por querer “muito mais que as pessoas trabalhassem em colaboração”, ao contrário do que se verificava nas outras academias, importava, acima de tudo, a sensação de conforto e familiaridade como alicerces da instituição.

“Aquilo ficou-me sempre na cabeça, que a escola podia ser diferente”

Daniela Nunes

A vontade de Maria Emília Brederode

“Sempre quis mudar para melhor o mundo”



A docência aliada à arte

“Valeu a pena, acho que valeu a pena ser professora”



Movida pela arte e pela docência, Maria José Brito dedicou 36 anos à educação, 18 deles na Escola Superior de Educação, em Setúbal. Passou por várias instituições de ensino, “dei aulas no Colégio São João de Deus, no Liceu Dom João de Castro e dei aulas em Benguela, em África”, e desempenhou diversos papéis de ordem pedagógica, por exemplo, no “Ministério da Educação, na Divisão de Orientação Educativa”. Na altura em que apareceram as Escolas Superiores de Educação, Maria José Brito candidatou-se em Lisboa e em Setúbal, onde foi aceite e se manteve. “Independentemente do lugar em que ficasse em Lisboa, eu ia optar por Setúbal”. A ESE já viu várias casas. No início, “funcionava no Palácio Fryxell”, fundada pela Comissão Fundadora, da qual a docente fez parte. “Éramos uns 10. Era a Luísa Solva, o José Carlos Godinho, era o Raul, a Ani [Ana Maria Betencourt], a Maria Emília, a Teresa, a Lisete Castro, a Margarida Miranda e a Cristina Figueira. Eu sou mesmo da fundação”. Antes de chegar à sua morada atual, a escola setubalense passou também pelo Centro de Formação de Setúbal, “onde, fisicamente, tivemos os primeiros alunos, as primeiras aulas e as primeiras coisas que se celebraram” e pela Escola Superior de Tecnologia, “eu ainda dei aulas aí”. Depois de muita espera, “levámos

“Quando eu entrei para a escola não havia cursos, ainda”

as tralhasinhas todas para onde hoje é a ESE”, que oferecia cursos de educadores de infância e de professores do primeiro ciclo, só mais tarde é que surgiram as licenciaturas atuais. A equipa fundadora teve o privilégio de acompanhar de perto o arquiteto Siza Vieira em todo o processo, desde o projeto inicial à construção da atual Escola Superior de Educação. “Fazíamos reuniões com ele [Siza Vieira], para saber, consoante as áreas, como é que as queríamos (...) ele ouvia as exigências que lhe fazíamos”. Como em tudo na vida, houve momentos menos bons, especialmente durante a idealização, porque o projeto não agradava a todas as áreas, uma vez que havia “defeitos pouco simpáticos para algumas disciplinas, esse era o problema de estarmos a viver dentro de uma obra de arte”. Refere-se à ESE como sendo fantástica, “acho que era uma escola fora de tudo o que era normal, não era bem aquela escola tradicional, porque era uma família”. Sempre devota à arte, fez do átrio da escola uma galeria de arte, que foi palco de “muitas exposições e eu tinha sempre a preocupação que as exposições abarcassem todos os cursos que havia na escola, todas as áreas eram contempladas”. Diz-se uma entusiasta, proativa e criativa. Em 2003, aposentou-se e iniciou “uma etapa da vida aliciante”, em que dedica o seu tempo à escultura. Olhando para trás, “valeu a pena, acho que valeu a pena ser professora”.

Da lógica dos números à magia do ensino



A Educação Como Ato de *Liberdade*

Margarida Graça nunca se viu dentro dos moldes de uma educadora convencional. Escolheu a matemática como quem escolhe um refúgio, uma resistência silenciosa contra a repressão moral e política dos tempos que antecederam o 25 de Abril. “Na matemática, se eu dissesse que dois e dois é cinco, estaria errada. E eu sabia que estava errada”. Nesse universo lógico, encontrou a liberdade que o mundo lá fora lhe negava, “não me vinham cá com problemas de moral, nem perguntavam a minha opinião, nem a nível de religião, nem a nível político, nem a nível pessoal. Portanto, para mim, a matemática era uma fuga”, onde o pensamento se fazia exato e imune a

juízos subjetivos. Com a Revolução dos Cravos, a educação deixou de ser apenas números e fórmulas e passou a ser voz,

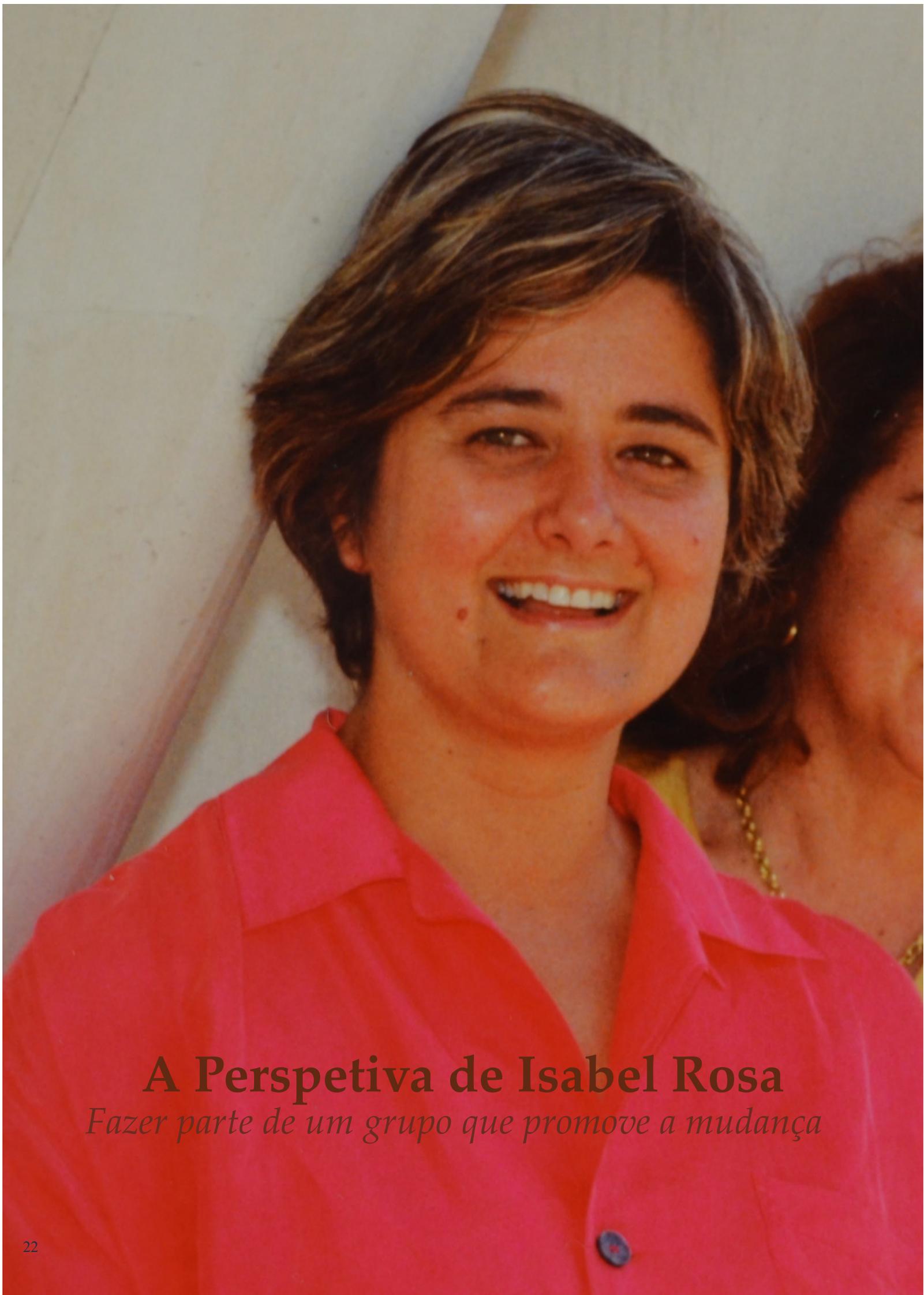
transformação, possibilidade. Inspirada por professores que traziam os ventos revolucionários de Paris, a ex-professora mergulhou na missão de formar não apenas alunos, mas cidadãos críticos e conscientes. Foi uma das mãos que ajudou a erguer escolas, projetos e sonhos. E, mesmo reformada, mantém-se fiel ao modelo da escola moderna. “Acho que é das melhores coisas que existem”. Ainda assim, não esconde a tristeza ao observar o rumo que o ensino tomou. O brilho nos olhos dos alunos parece ter sido substituído pela pressa de simplesmente passar. “As

pessoas chegam e querem só passar, não querem adquirir conhecimento”. O espírito de equipa que sempre a impulsionou, dá agora lugar a uma competição fria, onde o individualismo sufoca o crescimento coletivo. Trabalhar em Setúbal foi um sonho, um “enamoramento” com a profissão. Na Escola Superior de Educação os professores e alunos viviam em comunhão, num ambiente onde a criatividade florescia e ensinar nunca foi apenas transmitir conhecimento, mas cultivar humanidade. “Nós estávamos ali para trabalhar, mas era um enamoramento, nunca parecia que estava a trabalhar”. Entre tantas histórias, uma ficou gravada com especial carinho: a visita do arquiteto Siza Vieira à ESE, num tempo

“Trabalhar em Setúbal foi um sonho, um enamoramento com a profissão”

de protesto estudantil contra as propinas. A tensão era grande, mas os alunos surpreenderam. No final, o espaço estava impe-

cável. “Não havia um papelinho no chão”. Um gesto simples, mas carregado de respeito e significado. Hoje, ao olhar para trás, já reformada Margarida Graça sorri com a nostalgia de quem viveu intensamente. “Gostei muito da minha vivência”. Talvez pudesse ter sido mais combativa, talvez pudesse ter gritado ainda mais pela importância do pensamento crítico. Mas, uma certeza permanece inabalável: a ESE foi, e continuará a ser, a melhor escola do mundo “A ESE para mim foi um sonho bonito”, e sonhos assim não se apagam com o tempo.



A Perspetiva de Isabel Rosa
Fazer parte de um grupo que promove a mudança

O começo da Escola Superior de Educação marca a sua presença, que em 1985 recebe o convite para integrar aquela que foi a sua “casa” até 2000, através do reconhecimento do seu trabalho, com base na escola moderna ao nível da dinâmica do conhecimento na área da educação, permitindo-lhe ter uma abordagem diferente relativamente ao planeamento dos trabalhos escolares. Afastando-se daquilo que foi a sua formação base, farmacêutica, inicia o papel de orientadora pedagógica para a profissionalização, “desenvolvendo trabalho ao nível da formação em serviço e depois também na formação inicial, na área das ciências e matemática”, isto é, direcionada aos docentes que trabalhavam na escola e aos cursos de

crítico e criar projetos que, no fundo, aplicassem estas visões na instituição e nos meios de comunicação social”. Sendo assim, ao longo do percurso esteve empenhada nestas duas vertentes, a pedagogia e a multimédia, que cresceu da enorme atração pelo cinema, realizando cursos e acabando por fazer um mestrado em comunicação educacional multimédia, procurando sempre mais conhecimento. Escolhe a palavra entusiasmo para descrever a melhor experiência profissional que teve, pelo forte trabalho em equipa, com Ana Pessoa e Margarida Graça, “duas pessoas que para mim são basilares no trabalho que realizei” e a intervenção comunitária com as escolas e entidades do distrito. Acredita fazer “parte de um todo, onde nós éramos um conjunto que tentávamos promover a mudança”, fomentando “o gosto

“Era uma escola muito desafiante”

formação inicial para futuros professores. Abraça a área da comunicação, onde salienta projetos “extraordinariamente aliciantes”, como a Escola da Primavera de educação para a saúde, que trouxe à ESE pessoas da Europa inteira e ainda as produções de audiovisual, exposições de fotografia e outras atividades que “gostei muito de fazer”. Destaca o projeto TV escolas, como mais significativo pois “ligava a necessidade de se conseguir facilitar aos alunos uma leitura mais crítica e inteligente das mensagens veiculadas pelos media”. Defende que “era uma escola muito desafiante, onde éramos incentivados a desenvolver no fundo tudo o que nos viesse à cabeça, fomentando a criatividade, o pensamento

de experimentar, inovar e escrever”, tendo como objetivo tornar futuros professores comunicadores mais capazes, com espírito científico e crítico aguçados. Isabel Rosa, 72 anos, descreve-se como “dinâmica”, “criativa”, “teimosa” e “empenhada”, que agora com tempo aproveita para viajar e descansar, não esquecendo a paixão pela produção de vídeos e cinematografia. Vê o futuro da ESE como promissor, numa perspetiva de comunidade mais aberta e raízes mais estabilizadas, e projeta como sonho “que este momento complicado que nós estamos a viver, passasse rapidamente, esta falta de ética, esta falta de respeito pelos povos”, de maneira a voltarmos a um mundo mais saudável e solidário.

Um formador sem fronteiras



“Os problemas da educação sempre me interessaram muito”

Natural de Lisboa, de olhar profundo e um grande coração, Jorge Pinto, antigo Professor e Presidente do Conselho Técnico-Científico (2010-2018) da Escola Superior de Educação, abriu o livro sobre a sua vida profissional, assim como o fazia para ensinar os seus alunos, “entrei em 86 quando começaram a desenvolver algumas atividades, a minha vida é ligada à educação”. A paixão notória pela pedagogia, é transmitida pelas suas palavras, que contam uma estória antiga, desde o início da sua carreira profissional no Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida como professor de Psicologia da Educação

“foi uma instituição que, digamos, que eu tive alguma influência”. Jorge Pinto sempre teve uma visão de progresso e aprendizagem constante,

um dos seus principais objetivos foi sempre o de desenvolver as capacidades dos seus alunos, sendo um dos impulsionadores da criação do curso de Animação Sociocultural, “interessei-me muito em determinada altura, sobre as questões da educação informal, que, de certo modo, cruzam a animação”. A ESE, escola onde passou três décadas, teve um significado preponderante na vida do professor “uma realização pessoal, eu sempre gostei muito de dar aulas, e acho que tinha um clima, chamemos assim, muito particular”. Guiné, Moçambique, Cabo Verde e Angola, uma jornada re-

pleta de desafios marcada pela educação e formação de professores, segundo Jorge Pinto “o pioneirismo está na ESE, ser capaz de concorrer a estes projetos”. Além de docente, teve um papel de grande importância como Presidente do Conselho Técnico Científico, órgão esse que serve como espaço fundamental para a discussão e desenvolvimento de políticas educacionais. Ao olhar para trás, a escola não foi apenas uma oportunidade para celebrar conquistas, mas também um momento para refletir sobre os caminhos trilhados e as escolhas feitas “arrependo-me muito da centralização que tem havido no Politécnico, acho que é uma coisa que não

“Arrependo-me muito da centralização que tem havido no Politécnico”

deixa respirar as escolas”. Jorge Pinto, um pensador sobre a evolução da educação, nunca equacionou em ser Presidente da escola “fazia-me mais sentido conversar

com as pessoas, construir consensos, do que ser Presidente”.//Com uma longa vida dedicada à educação, o professor ainda tem uma grande paixão em aprender e continuar a estudar “os problemas da educação sempre me interessaram muito porque é a formação do cidadão do amanhã”. A ESE, sítio tão emblemático e que tanto o acompanhou durante a sua carreira, onde sonhou, aprendeu e se dedicou. Na memória ficam palavras de um professor que sempre glorificou a instituição a que pertenceu “solidariedade e competência são duas questões que eu acho que definem bem”.

Alexandre Santos // Guilherme Claudino

Uma viagem pelo passado
“É um misto de saudade e construção pessoal”



“Sempre quis ser professora, toda a vida, sou filha de professores e, portanto, a docência foi a carreira que se me afigurou como a minha vida profissional”, assim expressa Fernanda Botelho. Para a pedagoga ensinar é muito mais do que uma mera profissão, é uma paixão que se perpetua ao longo das gerações. O seu vínculo à Escola Superior de Educação é profundo e duradouro, em 1986, quando chegou, ainda não existiam muitos cursos, mas sobravam sonhos e ideias. Durante os 27 anos que permaneceu na instituição procurou sempre transmitir valores que fossem além da formação, acreditando que a verdadeira essência está na autenticidade “Eu costumava dizer aos estudantes que eu não consigo trabalhar um texto de que não gosto, porque não consigo veicular através dessa minha ação, que é, por exemplo, discutir ou interpretar um texto, a tal autenticidade”, realça. O verdadeiro impacto da educação está na mudança que provoca nos jovens, sendo capaz de moldar não apenas futuros profissionais, mas seres humanos mais completos e preparados para os desafios da vida “Enquanto pessoa e profissional, acho que é uma das coisas que eu procurei transmitir aos meus alunos”, ser autêntico “implica lealdade, honestidade e seriedade” reflete. Entre memórias e lembranças, numa breve viagem de volta ao passado, enfatiza: “Tenho uma saudade enorme da ESE e do trabalho, edificou-me como pessoa, como profissional e, por conseguinte, é um misto de saudade e de construção pessoal”. O carinho pela insti-

tuição não passa despercebido, “Penso que ainda se demarca de muitas outras por formar profissionais sérios, competentes e honestos”. Olhando para trás, não há qualquer arrependimento “Eu sempre me entreguei a tudo o que fiz com imensa vontade, imensa coragem, acho que não mudava nada”. Quando o assunto é o futuro da educação, não esconde o otimismo, embora reconheça os grandes desafios que surgem. “Esperança há sempre”, afirma, refletindo a ideia de que apesar das dificuldades, o trabalho na área educacional continua a ser uma fonte de realização. Ensinar é um compromisso de moldar as mentes e corações dos alunos, como tal aconselha os jovens a “Preparem-se bastante para serem capazes de enfrentar esses desafios e não encarar as dificuldades, como difíceis e intransponíveis”, transmitindo a ideia de que os obstáculos precisam de ser superados e cada dificuldade é uma oportunidade de crescimento. Ao refletir sobre o legado da instituição destaca a importância de preservar o que foi conquistado ao longo dos anos “Espero que continue a ser a Escola que se construiu”, sublinha que essa continuidade é crucial para que a ESE continue a cumprir a sua missão de formar profissionais íntegros e capacitados.

“Esperança há sempre”

Saiu de Portugal com uma Licenciatura em Germânicas e mudou de percurso académico quando chegou à capital francesa, onde tirou Psicologia, Psicopedagogia e “outras Pós-Graduações que não têm nada a ver com isto”. Foi em França que deu as primeiras aulas, na Universidade de Paris VII, “depois vim para cá para o Ministério da Educação, para a Direção Geral do Ensino Básico”. Chegou à Escola Superior de Educação de Setúbal por intermédio de “uma conhecida e amiga, desde Paris, a Ana Bettencourt”, que a convidou para integrar o corpo docente da instituição. Em 1989, tomou posse como a 3ª Comissão Instaladora, juntamente com José Victor Adragão e Raúl Carvalho, a par com o início da construção de Siza Vieira. “Eu não estava

Brederode, os meus colegas das Ciências da Educação, o Augusto Pinheiro, a Ana Francisca Moura e a Margarida Graça. Dávamo-nos todos muito bem”. Descreve-se como uma “mulher que pensa muito e às vezes fala de menos”. Professora e coordenadora do Núcleo de Ciências da Educação, dedicou grande parte da carreira à docência, mas “eu não decidi ser professora, foi a vida que me convidou para isso”. Apesar de não ter escolhido o ensino, “fascinava-me a relação pessoal, os trabalhos de grupo. Uma das coisas que eu mais gostava era pôr os estudantes a fazer trabalhos de grupo e a relatarem o que iam fazendo”. Ao trilhar os caminhos da pedagogia, “aprendi muita coisa”, sobretudo “a escutar com mais atenção”. Com emoção espelhada no rosto e nas palavras, não esquece os muitos alunos que teve,

“Eu não decidi ser professora, foi a vida que me convidou para isso”

cá, só me perguntaram se eu aceitava e eu disse que sim, depois quando cheguei estava na Comissão Instaladora”. As memórias dos tempos vividos na ESE são de um enorme “bem-estar e de nos darmos bem uns com os outros”. Numa época inovadora, em que “estávamos a construir uma coisa nova”, retirou o que de melhor lá havia: “a cultura e o ambiente da escola, era muito bom, com todo o pessoal docente e não docente, as pessoas todas eram colaborativas e simpáticas e era um ambiente muito bom”. Foi em Setúbal que se cruzou com algumas das pessoas que a acompanharam na jornada educativa, “a Ana Maria Bettencourt, a Maria Emília

pois foi com eles “que aprendi a espontaneidade e alguns aspetos da realidade que eles traziam e que, para mim, não eram conhecidos”. Olhando para trás, “se calhar gostava de ter transmitido um pouquinho mais de conhecimento”, mas demonstra-se orgulhosa de todo o percurso. Enquanto educadora, manteve “uma certa informalidade, mas éramos todos assim”. Era dentro da sala de aula que se sentia realizada, “o facto de estar ali dava-me mais energia, descansava da parte mais burocrática das reuniões”. Ao recordar a génese da ESE, da qual fez parte, revela que foi bom “construir o futuro com um presente simpático”.

Catarina Pires



“Construir um futuro com um presente simpático”

As recordações felizes de Lisete Barbosa

De sorriso contagiante, e de alma cheia, Albertina Palma, Ex Presidente do Conselho Diretivo da Escola Superior de Educação, e Ex Vice-Presidente do Instituto Politécnico de Setúbal, abriu o coração para lembrar a sua passagem por uma casa que a marcou muito “Eu dei aqui o meu melhor e passei aqui momentos inesquecíveis”. Presenciou o pós 25 de Abril enquanto professora, no ensino preparatório, viveu intensamente as transformações trazidas pela Revolução dos Cravos, que foram “brutais” no sistema educativo em Portugal “Um período espetacular de inovação”.

O primeiro sonho não era ser docente, mas sim conhecer o mundo, então envervou pela Licenciatura em Filologia Germânica “porque eu queria as línguas, queria viajar”. As circunstâncias da vida e a falta de opções profissionais na época levaram a que optasse pelo ensino “Para mim, ir dar aulas era um verdadeiro horror”, lembrou este momento com um sorriso rasgado. Albertina Palma dividiu a lecionação, com o cargo na Presidência no Conselho Diretivo da Escola Luísa Todi, enfrentou várias alterações na educação, algumas bastante desafiadoras “Introduzimos um sistema de avaliação que foi muito difícil para os professores”. Em 1986, ingressou na ESE, onde teve um papel crucial no desenvolvimento de cursos e na

gestão da instituição. Foi nomeada Presidente do Conselho Diretivo em 2002, viveu vários momentos desafiadores, o mais difícil foi o da implementação das propinas, que gerou grande oposição por parte dos estudantes “Custou-me imenso ter que defender algo com o qual eu não concordava”. Além das funções administrativas como Vice-Presidente do IPS (2006-2013), coordenou ainda o processo de Bolonha, que trouxe profundas alterações nas estruturas das Licenciaturas. Com uma capacidade de conseguir mudar todos os cidadãos que estão à sua volta,

a sua passagem na presidência da escola, trouxe novas capacidades “eu acho que as maiores competências que eu desenvolvi foi de liderança e de relacionamento com as pessoas”. Saiu em 2013 do Instituto, voltando depois em 2015 como Provedora do Estudante, encarou este desafio com a vontade que lhe é característica “não sei o que vou fazer, não sei fazer isto, não faço ideia, mas eu vou”. Albertina Palma,

um exemplo de dedicação e coragem, ao longo da sua carreira, mostrou que é possível transformar realidades através do ensino. Hoje, olhando para o futuro da ESE, expressa certa preocupação com a falta de participação da comunidade académica, mas acredita que o legado da instituição, construído ao longo de quatro décadas, ainda terá impacto no desenvolvimento da educação em Portugal.

“Custou-me imenso ter que defender algo com o qual eu não concordava”

A revolução de uma visionária

A importância da liderança para transformar realidades educativas



Numa pequena sala da Escola Superior de Educação, Maria do Rosário Rodrigues, contou parte da sua vida e todo o seu percurso pela Instituição.

O ambiente tímido refletia-se na própria conversa inicial, uma pessoa simples, mas profundamente orgulhosa da sua trajetória. Foi coordenadora da Licenciatura em Educação Básica e fez parte do Conselho Diretivo, num currículo que inveja muitos indivíduos. Engenheira de formação, a antiga diretora nunca imaginou que a sua paixão pela tecnologia seria apenas o começo de algo, “a primeira vez que eu fiz formação, houve uma coisa muito clara para mim, é muito interessante ver os outros aprenderem”. Lembra com um sorriso, “Foi durante uma remodelação profunda na empresa em que trabalhava, que me perguntaram se podia formar jovens licenciados”. Esse momento transformou a carreira da professora, que se dedicou a ensinar e a construir ligações entre a informática e a educação, numa nova etapa. Estudou a ciência exata “eu venho de matemática, aquilo é um jogo que se consegue descobrir imensas coisas” e tecnologia comparando ambas, num mundo de descobertas em que é possível conectar ao ensino. Ao longo dos anos, enfrentou vários desafios que moldaram a sua visão sobre o papel das instituições no desenvolvimento

regional. Esteve presente na implementação das Licenciaturas no Instituto Politécnico de Setúbal, e no fim dos bacharelatos. “Quando eu entrei para a escola não havia cursos, ainda”. Implementou a rede tecnológica numa altura em que a palavra “Internet” ainda não era conhecida como hoje. Já bastante envolvida na vida escolar, foi quem iniciou a troca de informações por via email, algo inovador, para a altura. Entre risos tímidos e olhares de quem reviveu memórias intensas, Maria do Rosário Rodrigues não consegue descrever a instituição, “a palavra foi mudando ao longo dos anos”. O principal objetivo era ter “gente feliz, esse é o objetivo, é sermos felizes”, menciona com bastante emoção e orgulho. Sempre deu o seu máximo enquanto funcionária “acho que eu me dediquei muito à escola” e sempre vestiu a camisola da Escola Superior de Educação. No final da conversa, surge a pergunta mais desafiadora “Quem é Maria do Rosário Rodrigues?” responde ironicamente “uma velhota, uma idosa fica melhor”. Com alguma dificuldade em se expressar, refere que, o reconhecimento do que já fez, é um dos grandes orgulhos. Quando a entrevista chega ao fim, a sala parece imensa. A antiga coordenadora da Licenciatura em Educação Básica não nos deixa apenas histórias, mas a certeza de que a sua vida foi dedicada a aprender e a ensinar.

“Quando eu entrei para a escola não havia cursos, ainda”

Viver para aprender e ensinar

“Gente feliz, esse é o objetivo, é sermos felizes”



Da psicologia à comunicação

“Foi assim de um momento para o outro”



O que a vida mais lhe ensinou é que parar nunca é uma opção. Com o brilho de quem abraça cada dia como uma nova oportunidade, Regina Marques não só desenhou há 30 anos uma nova página para si, mas também abriu portas para o início de muitas outras histórias. Foi há 30 anos que criou o curso de Comunicação Social na ESE, foi um processo rápido “foi assim, de um ano para o outro”, esta ideia surgiu numa altura em que “se começaram a sentir algumas dificuldades na educação” mas nada a impediu de abrir novos horizontes. Regina Marques apostou ao máximo na prática, “o curso tinha ateliês, oficinas, e tivemos pessoas da profissão que vinham cá fazer essas oficinas”. Para além dos jornalistas, as empresas também investiam na educação dos alunos “já tinham setores de comunicação” assim os estágios permitiam uma ligação maior com os estudantes. A Comunicação nem sempre foi a sua paixão, a Psicologia Clínica esteve presente durante 12 anos na sua vida, mas como tinha expectativas de poder progredir na carreira, abandonou a clínica, levando consigo uma bagagem rica em conhecimento sobre a interação humana, para si fazia todo o sentido conectar as duas áreas, “a psicologia tem muitas vertentes, e na clínica o foco é na interação”, sendo que “a comunicação também

tem esse lado (...) a linguagem corporal, a forma de nos expressarmos”. A sua carreira foi marcada por momentos gratificantes, sendo um deles a criação de uma cadeira opcional na ESE sobre igualdade de género que rapidamente se tornou um sucesso entre os estudantes. “Era uma novidade, um espaço onde podíamos discutir temas essenciais, apresentar dados e até criar projetos a nível europeu”. Apesar de estar reformada, mantém-se ativa nesta causa, observando que, embora as leis avancem, as desigualdades persistem, “há uma diferença clara de tratamento”. Mesmo a ESE não significando “casa”, deseja ser recordada como uma professora dedicada, que entregava aos seus alunos o que havia de melhor no seu próprio conhecimento e experiência, inspirando-os a procurar sempre mais, “gostaria de ser lembrada como uma professora que sempre procurou novas formas de participação e autonomia”. Para a professora Regina, a ESE sempre se destacou como uma instituição pioneira que, apesar de sujeita a desafios e decisões externas “como os ditames dos ministérios e o financiamento limitado”, encontrou formas de se adaptar e superar as dificuldades. Embora tenha aproveitado a experiência e o ambiente da ESE, sente que poderia ter aprofundado algumas investigações, se o tempo o tivesse permitido. Hoje, encara isso com serenidade, “faço agora o que posso.”

“Gostaria de ser lembrada como uma professora que sempre procurou novas formas de participação e autonomia”

Entre a mente e a letra

A fuga e o reencontro com o destino



Maria de Jesus nunca aceitou verdades absolutas. Sempre questionou, sempre quis mais. Primeiro, fugiu da literatura. Depois, fugiu da educação. No fim, percebeu que ambas a esperavam de braços abertos. O seu percurso começou com o estudo da psicologia, uma escolha que, segundo a própria, foi motivada por uma espécie de revolta contra a tradição familiar e pelo desejo de emancipar-se. O seu pai, ligado às letras, esperava que seguisse o mesmo caminho, mas escolheu, primeiro, traçar uma rota própria. “Foi uma revolta contra o meu pai”, confessa, quase a rir. Foi na Escola Superior de Educação de Setúbal (ESE), em 1986, que encontrou um terreno fértil para desenvolver a sua vocação de ser docente. “Os primeiros

barulho. “Acabei por voltar àquilo que, na altura, recusei.” O regresso à literatura aconteceu assim, de forma natural, mas foi a interseção entre as letras e os estudos feministas que a arrebatou de vez. Doutorada em Literaturas Românicas, dedicou-se a resgatar as vozes esquecidas de escritoras que, durante a ditadura portuguesa, foram silenciadas. “Ninguém sabe que existiram”, lamenta. O seu trabalho, então, tornou-se uma missão: trazer essas histórias à luz, dar-lhes o lugar que lhes foi negado na história oficial. Se há algo que a define, é a vontade insaciável de continuar a aprender. “Já não tenho anos de vida suficientes para todos os projetos que tenho em mente”, brinca, admitindo que parar nunca foi uma opção. A pressa de viver, de investigar, de partilhar conhecimento continua a movê-la. O saber compartilhado,

“Já não tenho anos de vida
suficientes para todos os projetos que tenho em mente”

anos foram muito estimulantes, era uma equipa muito boa, muito unida”, diz, revelando o espírito de ambição que todos partilhavam. Entrou nos efervescentes anos 80, quando tudo ainda estava a ser inventado. “Era um tempo de fazer acontecer” na formação pedagógica de professores. Mas, ele trouxe deceções, e o entusiasmo deu lugar à frustração. “A educação foi desiludindo cada vez mais”, admite. A escola mantinha-se um espaço de obrigações, não de descobertas. “A maior parte das vezes, os miúdos estão na escola porque tem que ser.” Foi nessa altura que a literatura voltou a chamá-la. Sem pedir licença, sem fazer

a consciência expandida, a certeza de que plantar dúvidas pode ser mais poderoso do que ensinar respostas. Após 30 anos na ESE, ao relembrar os seus primeiros passos nos corredores, apenas uma palavra não é suficiente para definir a sua passagem: desafiante, rica, unida e extraordinária. Quando questionada sobre como gostaria de ser lembrada, ela hesita. “Talvez como alguém que gosta de trabalhar em equipa, que nunca acha que tem razão sozinha, que acredita que o conhecimento se constroi”. Na mistura entre as letras e a mente humana, o que mais a estimula é a necessidade de “estar viva, sempre presente e com a cabeça a funcionar”.

António José Mamede é um nome que marca a história da Escola Superior de Educação há 38 anos. Nascido em Moçambique, chegou à instituição em 1986 e desde então tem dedicado grande parte da sua vida profissional ao instituto, “faço diversas coisas, dou apoio a diversos serviços”, descreve assim a sua função, que é marcada pela polivalência. Com grande emoção, recorda a sua primeira memória, um lugar que considera a sua “segunda casa”, “A primeira lembrança foi o edifício Fryxell, portanto, foi aí que eu vi a ESE pela primeira vez”, palavras essas que refletem o carinho que tem pela instituição que o acolheu e onde construiu toda a sua carreira. Ao longo dos anos enfrentou

a educação, com a escola, fazer aquilo que me pedem”, para si, mais importante do que qualquer habilidade técnica, é a dedicação e a responsabilidade com a missão de educar. Para descrever a ESE numa palavra, escolheu “alegria”, mostrando assim o ambiente positivo que a caracteriza. Para Tó Zé, como é conhecido por alguns colegas, a instituição onde trabalha é um lugar em que as pessoas são valorizadas, “os funcionários são pessoas. Em algumas empresas, os funcionários são números, aqui não”. “Esta escola é muito humana e as pessoas são importantes”, afirmou, ressaltando a importância do carinho entre as pessoas na comunidade escolar. Acredita que “as pessoas fazem a escola”, e para ele, não há um único sujeito que o tenha marcado, mas sim a soma das

“Esta escola é muito humana e as pessoas são importantes”

muitos desafios, sendo o principal deles adaptar-se à inovação informática, “sou um bocado fraco com as novas tecnologias”, admite, explicando que prefere realizar trabalhos mais manuais. Apesar dessa limitação, continua o seu dia-a-dia com a mesma motivação, por gostar do que faz e principalmente onde o faz, “Eu gosto de trabalhar aqui na, gosto e já são 38 anos”, afirma, visivelmente grato. Quando foi questionado sobre quais qualidades são mais importantes para o seu emprego, não hesitou e respondeu de maneira direta, “ser cumpridor, chegar a horas, ter compromisso com

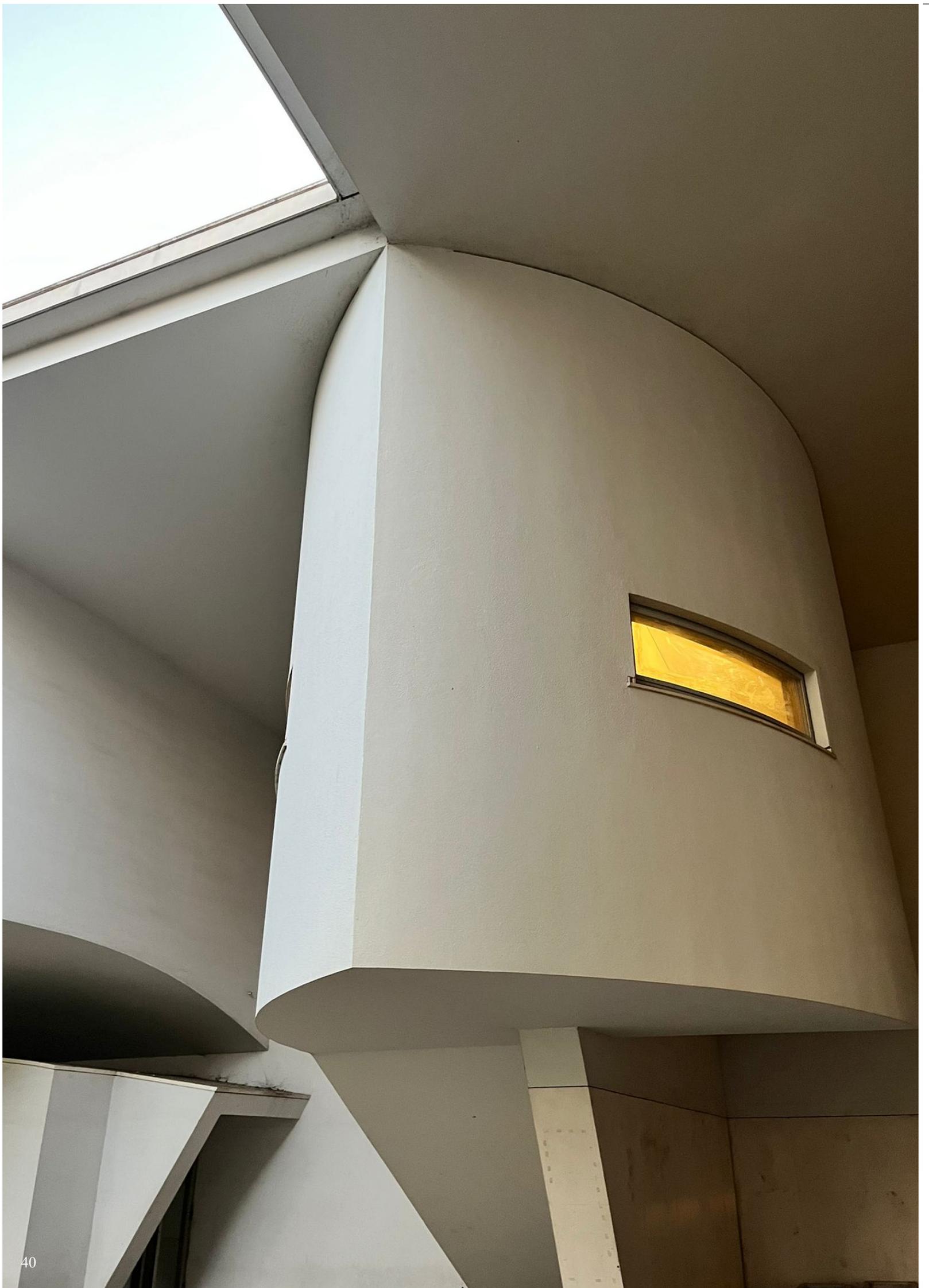
interações e das relações com diversas pessoas “não são uma, são várias, desde os diretores até aos funcionários, todos são importantes para mim”. Por fim numa mensagem aos estudantes, António José Mamede, deixa um conselho valioso, “não desistam do curso, continuem a estudar e, se tiverem problemas, dificuldades a acabar o curso, não desistam”. “Façam tudo para acabar o curso, que é importante”, com estas palavras reforça a importância da perseverança e mostra aos estudantes, que apesar das dificuldades, o esforço é essencial para alcançar o sucesso e garantir um futuro promissor.

Guilherme Claudino



As pessoas fazem a *escola*

*“Desde os diretores até aos funcionários,
todos são importantes para mim”*





**QUATRO DÉCADAS DE DIAS BONS,
“MUITO BONS”**



O caminho do Palácio Fryxell à
subdireção da ESE

Miguel Figueiredo lembra, com um brilho no olhar, a herança que o pai, um oficial de contas, lhe deixou, a paixão pela Matemática. Foi o fascínio pelos números que o levou a Coimbra para se licenciar naquela que dizem que é a ciência mais exata que existe. É com o mesmo entusiasmo que o atual professor da Escola Superior de Educação recorda “Coimbra ensinou-me a viver”, foi lá que aprendeu a “viver em sociedade”, passa-se por uma “autonomia e “um poder de decisão” que não se tinha na “vida anterior”, uma vida “mais refletida em que percebemos que as nossas ações vão ter consequências”. De

todas estas lições Coimbra trouxe a Miguel o grande amor da sua vida. Da mesma área, do mesmo curso e

hoje na mesma sintonia, continuam a escrever em folhas quadriculadas a sua história de amor. Depois de passar pela capital do ensino superior, foi em Setúbal que Miguel começou a exercer o seu ofício. Começou pela Escola Sebastião da Gama e em colaboração com um outro colega, desenvolveram um projeto que visava trabalhar a relação entre os estudantes e os computadores. Mas precisavam de um polo de trabalho. E onde é que esse polo se instalou? Na ESE! A Escola sempre acolheu e impulsionou projetos prósperos e este foi um dos primei-

ros. Na altura, o edifício sem curvas ainda não era uma realidade. O atual professor lembra as “atividades no Palácio Fryxell” ainda numa fase de formação, só mais tarde passou para os confins da cave da Escola Superior de Tecnologia. Já no edifício assinado por Siza Vieira, Miguel evoca a época em que foi Vice-Presidente do Conselho Diretivo e como a “responsabilidade e o compromisso” foram as grandes bases para este cargo. Na perspetiva de Miguel são as pessoas que dão “uma imagem muito boa” daquilo que é a Escola Superior de Educação, lembra o professor Fernando Almeida, entre outros, que a seu lado fizeram da ESE aquilo que ela é hoje.

“Valeu muito a pena estar aqui”

A ESE divide-se em 40 salas e diversos departamentos que dão vida ao que de melhor se faz entre estas paredes retilíneas. Miguel Fi-

gueiredo é um dos membros do Departamento de Ciências e Tecnologias e foi naquela sala quadrada com uma janela praticamente até ao teto que recorreu os últimos 37 anos. Quer ser recordado como “uma pessoa trabalhadora e responsável”. Agora a pouco tempo de se aposentar do seu grande ofício, o professor ao fim de quase quatro décadas a percorrer os corredores da ESE, faz um balanço positivo a “maior parte dos dias são bons, muito bons”. Prestes a cair “a noite, o Sol fica cá dentro”, olhando para o filme da sua vida, “valeu muito a pena estar aqui”.

Além dos livros

O desafio de ensinar o mundo



“Eu sou uma pessoa que dá aulas em todas as escolas”, afirma Patrícia Arguello, reflete a ideia de que a arte do conhecimento é muito mais que ocupar diferentes salas “É um desafio conhecer pessoas de outras escolas, é como explorar novas culturas”. A versatilidade é, sem dúvida, um dos traços que melhor define a sua personalidade. Contudo, destaca-se o seu profundo fascínio pela educação social, como coordenadora do CTESP de Serviços Familiares e Comunitários que visa “incentivar os alunos à integração dentro da escola e nas diversas atividades”, promovendo um ambiente onde as aprendizagens vão para além dos livros. “A mim continua a entusiasmar-me a ideia de

valores como a responsabilidade ao lidar com situações delicadas, a solidariedade e a compaixão “olhar para o outro, saber ouvir, ter em conta, no fundo, as dificuldades que há nas pessoas”. Ao falar do papel preponderante do curso, esboça um sorriso “O trabalho que fazem é aproximar a família da escola”, existe uma ideia de integração e sentido de comunidade, uma vez que “os pais vão deixar as crianças à escola e não querem saber, depois vão buscar”. Através dos profissionais inseridos na área, o panorama frequentemente utilizado pode ganhar outra dimensão social, “quase de reumanizar as relações entre as pessoas”. Além disso, reflete sobre a necessidade de inovação “Acho que devíamos olhar para

“Um plano futuro, poderia ser algum dia termos uma licenciatura em serviço social”

poder ajudar e trabalhar com estes estudantes” realça. O trabalho com os alunos é mais do que uma simples profissão, é uma oportunidade de fazer a diferença tanto na vida deles como na vida de milhares de famílias “no sentido de poderem continuar os seus estudos e de poderem realizar muitos sonhos de muitas famílias”. Destaca a importância do respeito e da ética no trabalho “especialmente quando lidamos com informações e realidades que muitas vezes são absolutamente desconhecidas”, mais do que preparar os alunos para o mercado de trabalho, a missão é prepará-los para a vida, ensinando

os conteúdos do curso e renovar”, salienta. Aos jovens que estão agora a acabar o curso aconselha vivamente que encarem a licenciatura como uma oportunidade de expandir novos horizontes “é como fazer um pré-universitário, já tiveram dois anos aqui na escola e trazem muita experiência prática do terreno”. No entanto, confessa: “Um plano futuro, poderia ser algum dia termos uma licenciatura em serviço social, por exemplo, porque isso daria continuidade ao curso”. “Desafio” é a primeira palavra que ocorre quando questionada face à definição da ESE “é assim um universo muito grande” culmina.

Inês Salgueiro

“Um coração onde cabíamos todos”



**O ponto de vista de Anabela Assunção,
a primeira tesoureira**

Dentro das quatro paredes de uma sala da biblioteca da Escola Superior de Tecnologia, senta-se calmamente, “tinha 25” anos quando veio parar à Escola Superior de Educação. O ano era 1986, a pedido da prima, que tinha sido convidada a ingressar a comissão instaladora, foi contactada para se juntar à equipa, uma vez que “na altura também andava à procura de emprego”. Destino ou não, “como funcionária fui das primeiras”, afirma, hoje, ainda aqui está, não com a ESE, mas perto daquela que foi a escola que a viu crescer. O sentimento predominante na sua voz é de saudade “porque as coisas vão mudando, não é?”, e apesar de reconhecer as evoluções do espaço, recorda com carinho a sen-

sação de familiaridade que a Escola de Educação sempre teve “era muito humana e muito sonhada”, “era um ambiente muito bom, fazia-se muitas festas”. Após o pousar de uma garrafa na mesa, os seus braços expandem no espaço quando constata a importância da escola, o entusiasmo que sente reflete-se nos seus gestos, “o ambiente era fantástico, isso foi bom para começar, o ambiente, as pessoas, o trabalho em si”. Ao recordar algumas das personalidades que marcaram o seu percurso, destaca Raul Carvalho, presidente do conselho di-

retivo, com quem teve um contacto direto por trabalhar como sua tesoureira, “ele era uma pessoa para os alunos, para os funcionários, para os colegas, era igual sem distinção”. Ao relembrar a personalidade do professor e o seu impacto tanto na sua vida, como no da instituição, [emociona-se], “porque foi muito cedo” a sua ida. Partiu também ela para a ESTS, quando ocorre uma aglomeração de todos os serviços administrativos, num mesmo espaço para simplificar a organização, mas para a funcionária, o seu “dia-a-dia é terrível, porque lá está, como tratamos de seis unidades orgânicas, cinco escolas e os serviços centrais,

“Era um ambiente muito bom, fazia-se muitas festas”

há sempre muito trabalho”. Apesar do trabalho excessivo, é feliz no que faz e no futuro mais

próximo, a sua principal ambição “agora, é a reforma”, confessa que “já não saio daqui eu tenho 63 anos, não falta muito”, sente-se cansada e, por isso, com o tempo que lhe restar pretende estar “com saúde, para gozar um bocado da vida”. Numa conversa mais desacelerada garante que, se tivesse de descrever a instituição, “numa palavra... É complicado”, permanece em silêncio uns segundos, retoma, “Coração. Faz de conta que aquilo era assim [movimenta as mãos de forma circular] Um coração onde cabíamos todos”.

Há quase 39 anos que o funcionário Nelson Sousa é o “elo de ligação” entre o Politécnico de Setúbal e as empresas de manutenção. Ainda a Escola Superior de Educação estava instalada no Palácio Fryxell, quando começou a exercer a sua profissão no instituto, inicialmente “vim trabalhar para a reprografia”, depois mudou-se para a parte administrativa, onde se mantém até aos dias de hoje. Recorda a mudança da instituição para a Estefanilha como algo “pacífico”. Foi através do irmão, que já exercia funções no IPS, que começou a trabalhar na ESE e desde essa altura que tem um objetivo: “nunca deixar ficar mal” quem o guiou até ao seu atual local de trabalho. Aos 63 anos, é casado e tem um filho que “já voou sozinho”.

Descreve-se como alguém “calmo”, “simples”, “respeitador”, que gosta de ajudar e “estar presente naquilo que é necessário”, algo que leva consigo para o trabalho. Para Nelson Sousa, o mais gratificante ao final de um dia de trabalho, é saber “que foi mais um dia que cumpri os objetivos”. Escolhe a palavra “excecional” para descrever a ESE e afirma, “eu gosto de estar aqui”, esse sentimento foi reafirmado na pandemia, quando estava a trabalhar a partir de casa “fazia tudo por tudo para vir” [ri-se]. Confessa que, ao desempenhar o seu papel, não gosta “quando algo não corre bem e a responsabilidade é minha”, mas aprecia “saber que

consigo fazer o trabalho bem”, “de forma a que as coisas corram bem”. Destaca a “convivência com as pessoas” e quando lhe dizem “estás a fazer um bom trabalho”, como momentos marcantes ao longo destes quase 39 anos em que o Politécnico de Setúbal se tornou a sua casa. Natural de Covas do Douro, uma aldeia em Vila Real, gostava de um dia voltar à “minha zona de conforto”. Na eventualidade de sair da Escola Superior de Educação, aquilo de que mais vai sentir saudades é da “rotina”, “se calhar terei que me habituar a uma nova”, “mas terei saudades de certeza”. Por enquanto mantém-se naquele que é o seu local de trabalho há mais de 30 anos, uma

oportunidade que “surgiu muito naturalmente” e de onde tem muito boas memórias, “saber que

“Eu gosto de estar aqui”

as pessoas gostam de nós” é uma das destacadas. Apaixonado por passear com a mulher, conviver e “estar com os meus amigos”, Nelson Sousa, gostava de ser lembrado como “um bom funcionário”. Acredita que, “ninguém é insubstituível”, “eu hei de sair” e há quem vá lá ficar, “vão dar continuidade, porque isto não devia parar”. Há quase 39 anos que caminha pelos corredores da ESE, onde tem escrito a sua história entre o Palácio Fryxell e o gabinete localizado em frente à fotocopiadora na ala sul. Orgulha-se em dizer “fiz parte desta história”, “fiz parte do crescimento do Instituto”.

De Covas do Douro a Setúbal

Quatro décadas de pura dedicação



A história de 37 anos da sua vida
Ser sobretudo boa pessoa, para além do nome



Era uma vez, uma escola “diferente” no panorama educativo e formativo em Portugal que já teve quatro espaços diferentes, e Ana Pessoa fez parte de cada um deles, desde o Palácio de Fryxell até ao que, atualmente, chamamos de Escola Superior de Educação. Reflete sobre a longa carreira, que começou no dia um de março de 1987 até ao passado ano letivo, quase 40 anos de um projeto que foi a sua vida, “Para mim é uma questão de gosto antes de ser uma questão teórica” e “como digo gosto de dar aulas”. O seu percurso académico passou pela licenciatura em História em 1980, mestrado e doutoramento em História da Educação, em 2000 e 2006, respetivamente, sendo a Universidade de Lisboa o espaço escolhido para o crescente conhecimento. Tornou-se assim a

“Sempre que possível
ajudar todos os estudantes”

professora mais antiga na sua categoria, que além de história e línguas, lecionou por volta de 15 unidades curriculares, todas elas de áreas diferentes, porque como diz “sei um bocadinho de cada coisa, não sabendo muito de nada, eu gosto dos cursos de banda larga” que apresentam várias visões sobre o mundo. Desde Presidente da Assembleia de Representantes, do Conselho Pedagógico e Vice-Presidente do Conselho Científico, o cargo mais significativo foi de coordenadora de curso, “aquele que dá mais trabalho e tem menos reconhecimento”, mas recompensador pelas pessoas e profissionais que viu

crescer e que hoje se orgulha. Foi a segunda coordenadora do curso de Comunicação Social, depois de Regina Marques, sua fundadora. A lisboeta com raízes transmontanas, procurou “sempre que possível ajudar todos os estudantes” e ser a ponte entre as duas margens, os professores e os alunos. Em cada função, defendeu a sua liberdade “nunca deixei nas mãos de outros” e procurou sempre fazer diferente, apresentar a história “a partir de baixo, nunca a partir dos reis, mas sim a partir dos trabalhadores”, o que demonstra muito do seu caráter. Descreve a ESE como um ensino superior de “qualidade”, que “abana” e prepara os alunos, durante três anos, para

aquilo que os espera fora daquelas portas. Recentemente reformada, acredita ter “saído na melhor altura”, devido às várias altera-

ções no ensino, e vê como uma “tarefa” concluída que “fiz muito bem-disposta e estou realizada”. O sentimento é de gratidão por ter contribuído “para aquilo que pensávamos que devia ser a ESE” e isso “é uma coisa que ninguém me pode tirar”, presente desde quando a biblioteca era no sótão, com 50 livros no chão. Ana Pessoa, com 67 anos, deixa o seu legado na escola, “sempre com o espírito de curiosidade científica, de investigação, teoria e de sobretudo ser boa pessoa”, crendo ser lembrada pelo seu nome a bem ou a mal. Pondo a vida pessoal à frente da profissional, organiza agora o seu tempo

Filipa Marcos

“Fui sondado por quase todos, desde a extrema-esquerda, até ao CDS”.

A arquitetura era o principal objetivo do professor João Paulo Amaral, mas com as adversidades que a vida colocou, o seu destino foi influenciado pela sua companheira, “A minha namorada chegou-me com um papel e disse que ia abrir uma Escola de Educação em Setúbal”. Na altura da sua maioridade, o serviço militar ainda era obrigatório. Para além disso, entrou no Instituto Superior de Engenharia de Lisboa, em Electrónica e Comunicações, algo que se arrependeu, trocando de curso. Isto fez com que perdesse a bolsa da Gulbenkian que havia recebido quando ainda estava no nono ano. Com a impossibilidade de seguir o seu grande sonho, a vida apresentou ao professor João Amaral o que lhe estaria reservado até aos dias de hoje. Quando chega à ESE integra o Bacharelado em Ensino do 1º ciclo do Ensino Básico, ainda nos antigos barracões pré-fabricados que, atualmente, alojam o Instituto do Emprego e Formação Profissional, “Precisava de mudar de curso o mais rápido possível, como

era em Setúbal, mudei”. Nesta fase da sua vida sente que tem de dar voz aos alunos da sua escola. Lidera a Associação de Estudantes da Escola Superior de Educação, talvez esta competência tenha sido desenvolvida quando prestou serviço militar, e comandou a equipa para dar voz às duas turmas pertencentes à instituição. “Era um projeto da escola que senti que tínhamos de fazer parte”. O sucesso foi tanto que as coligações com a Escola de Tecnologia não demoraram a aparecer, mas foram prontamente rejeitadas, tal como as ofertas partidárias, “Fui sondado por quase todos, desde a extrema-esquerda, até ao CDS”. Sente-se orgulhoso daquilo que fez pela ESE e pelos alunos que por lá passaram enquanto presidia a Associação de Estudantes, das bolsas que conseguiu para os mesmos, das ações que tomou enquanto representante do projeto e de ter levado a filha a ver o seu nome escrito “naquela paisagem imensa” que destaca as pessoas mais importantes na história da escola. Enquanto estudou no Politécnico de Setúbal, não consegue escolher uma memória que sobressaia entre tantas que tem, pois, todos os dias que se passaram foram únicos. Na sua “casa”, que era como uma família, menciona vários nomes, alguns deles, ainda tem relação, mas destaca um, José Victor Adragão, “Foi, fundamentalmente, um amigo, mas também um pai”. Um professor que podia ter sido, arquiteto, deputado ou capitão, mas decidiu escolher algo que nem nos seus sonhos tinha pensado. Continua sem se arrepender do papel e do conselho que a sua namorada lhe deu, pois foi na Escola Superior de Educação que teve a oportunidade de arquitetar uma nova ambição e chefiar outro tipo de tropas.

O comandante que nunca quis o exército

“Era um projeto da escola que senti que tínhamos de fazer parte”



Da sala de aula à liderança



Uma vida dedicada à Escola Superior

É através das palavras “Inovação” e “Irreverência” que Ângela Lemos, a atual presidente do Instituto Politécnico de Setúbal, descreve aquela que foi e sempre será a sua casa, a ESE. Há 37 anos que percorre os corredores da instituição localizada na Estefanilha, sendo a primeira diplomada do Bacharelado em Educadores de Infância. A docente acredita que, “Aquilo que eu sou enquanto profissional aprendi muito na minha formação de base”, defendendo que ganhou competências não só enquanto professora, mas também como pessoa, “Aprender a trabalhar em equipa; aprender a ouvir e escutar, e depois conseguir integrar; respeitar o outro, mesmo que o respeitar o outro não queira dizer que eu faça aquilo que o outro quer que eu faça”. Após oito anos do término da sua trajetória enquanto aluna, surgiu

a oportunidade de integrar o corpo docente da ESE. Como a própria diz, “o percurso foi acontecendo, portanto, dentro da escola”, e no ano de 2016, troca as salas de aula pelo gabinete. Enquanto exerceu as suas funções no papel de diretora, crê que contribuiu para a melhoria da qualidade do ensino, e no reforço da essência da instituição “Nós conseguimos consolidar a oferta formativa, conseguimos criar novas ofertas também. Fomos criando um sentimento que já vinha a ser construído, que não surgiu só na minha direção, mas um sentimento de pertença à escola”. Por vezes

“Eu sou Escola Superior de Educação”

a vida troca-nos as voltas e com Ângela Lemos não foi diferente, “as coisas foram acontecendo e eu fui agarrando as oportunidades”, deixando assim o seu mandato como diretora da escola de educação para integrar a presidência do instituto. Apesar do cargo que ocupa, a professora apresenta-se como “uma mulher também de convicções”, reforçando com orgulho a ligação que mantém com o edifício que a viu crescer “é ali que eu me reconheço enquanto profissional”, “eu sou Presidenta, mas eu não deixo de ser docente”, “Eu sou Escola Superior de Educação”. Acredita num futuro próspero para a ESE, “vejo uma escola que seja capaz de ser interventiva na comunidade e na sociedade em geral, em diversas áreas. Desde a área da comunicação, a área do audiovisual, a área das artes, a área da inclusão. Portanto, sempre

uma visão muito inte-

grada da educação, uma educação pelo outro e para os outros”, enfatizando ainda que esta será capaz de dar uma resposta às necessidades do nosso país com bons profissionais. É sentada à mesa do seu gabinete que Ângela Lemos recorda o caminho que percorreu entre linhas brancas traçadas a giz até à presidência do IPS. Aos 55 anos, realizada com a vida que escolheu, descreve-se como “uma mãe dedicada, é uma mulher feliz com as escolhas que vai fazendo, com dias difíceis, de alguma solidão, acho que é isso. Mulher, mãe, esposa e profissional, acima de tudo” [Emociona-se].

A raiz quadrada da educação

“Vale a pena estar aqui”



Entre divisões e subtrações, Fátima Mendes acrescenta mais uma matriz à sua história: “Eu sempre gostei de ser professora, desde muito jovem, considerei que era uma profissão adequada às minhas características pessoais” [esboça um sorriso]. O encanto que sente pela educação aliado ao fascínio nutrido pelos números não passam despercebidos “Dentro da profissão, gosto da matemática e gosto da didática da matemática, ou seja, ensinar aos outros como se deve promover a sua aprendizagem”, sublinha ainda “Sempre encarei a profissão de professor como nobre”. A sua expressão transmitia um misto de emoções, aliás, uma dicotomia entre felicidade e timidez, começa por

confidenciar que para além das somas e multiplicações outra das suas grandes paixões

passa por “Tirar fotografias a paisagens, coisas bonitas”. Ao refletir sobre a preponderância do papel que os docentes representam na educação, realça: “Um aspeto que eu acho que às vezes falta, que um professor deve ter, mas também tento que os meus alunos tenham, é promover a empatia”, torna-se essencial compreender o ponto de vista do outro, uma vez que não sabemos as verdadeiras razões por detrás das atitudes “É olharmos para os nossos estudantes não apenas como o estudante, mas também a pessoa que está ali”. A verdade é que

fazer a diferença começa nos mais ínfimos pormenores como “O saber ouvir para além daquilo que estamos a ensinar e para além dos conteúdos, é também uma característica que eu tento ter em muitas circunstâncias”, revelando ser um ombro amigo reconfortante para os seus alunos. Confessa [entre uma pausa] “Eu quero ser lembrada como uma boa professora e uma boa pessoa, ou seja, alguém que se preocupa com os outros”. A Escola Superior de Educação tem sido o pilar fundamental para a formação de bons profissionais “Eu acho que nós sempre tentámos transcender um pouco aquilo que ensinamos na disciplina, portanto, usar um bom ambiente”, entre memórias e lembranças

[pensativa] relembra: “Há o hino da ESE que termina com o vale a pena estar aqui, eu acho que isso é um lema que todos nós temos na nossa mente” e procura transmiti-lo

da melhor forma possível “Eu tento fazer, com que os estudantes sintam que vale a pena estar aqui, por todas as aprendizagens, pelo convívio e pelo trabalho colaborativo”. Numa conversa intimista o ambiente era de conforto, salienta, por fim, que sente um enorme desejo “Eu gostaria que a ESE fosse uma das escolas de referência em termos do ensino que faculto aos seus estudantes”, relativamente a planos futuros não há muito a acrescentar “Faltam poucos anos para a reforma e tento vivê-los o melhor possível” culmina.

“Um aspeto que eu acho que às vezes falta, que um professor deve ter, mas também tento que os meus alunos tenham, é promover a empatia”

Ciência sem fronteiras

Ensinar livre e aprender com liberdade



“Desde criança que sou uma pessoa versátil, muito aberta, gostava muito de conhecer o mundo e experiências novas”. Assim se cultivou a semente de uma futura educadora que desafiou o tempo e as fronteiras da educação. “Eu sempre adorei estudar”, confessa levemente envergonhada. A raiz cresce e leva-a a abraçar a biologia como a sua área de formação ainda que, inicialmente, estivesse movida por uma curiosidade na área da medicina. O seu microscópio não se limitava somente ao território nacional. Estágios em pedagogia no estrangeiro abriram-lhe horizontes, influenciando não apenas o seu método educacional, mas também a sua visão do mundo “como os ingleses, temos que meter as mãos na massa e desenvolver o pensamento crítico”. No entanto, a sua

verdadeira vocação revelou-se na prática do ensino, onde encontrou o desafio de formar mentes jovens, especialmente no ciclo secundário, “gostava muito de ser professora e do contacto com gente nova”. Após concluir o mestrado, pensou em voltar a dar aulas onde se estreou, até que a Escola Superior de Educação surgiu nas suas amostras. Assume com uma leve gargalhada que “nunca imaginei ficar 30 anos no mesmo sítio”, no instituto que a encantou até se reformar, pois, “nunca tinha aborrecimento”. “O dia em que dei a minha última lição foi uma festa, estava imensa gente, foi um

“Gostava muito de ser professora e do contacto com gente nova”

dia felicíssimo para mim”, lembra enquanto levanta os cantos da boca com um olhar radiante de nostalgia. A ex-docente nunca fugiu às dificuldades no caminho do caule da educação. Pelo contrário, abraçou as reformas como oportunidades de crescimento, “Eu não fico a matutar. Decido e sigo em frente”, afirma com convicção. Aconselha à próxima geração de professores a terem “cabecinha” e a estimular o “pensamento crítico” onde se deve sempre procurar “argumentar com evidencias e não com opiniões”. Aos 72 anos, é a personificação de uma procura incansável por aprender, ensinar e explorar.

Atualmente reformada, dedica-se à leitura, viagens e à reflexão sobre o futuro da educação. É firme nas suas decisões “mesmo se correr mal, fui eu que decidi”, vivendo com a convicção de que o passado moldou a pessoa que é hoje. Leonor Saraiva define-se numa palavra: livre. Não apenas por conta da sua vivência do decorrer do 25 de Abril, no auge da conclusão da sua licenciatura, mas também como uma filosofia de vida que se originou da família e onde, mesmo antes da revolução, já se sentia emancipada “eu sou liberdade”. É essa autenticidade que deseja que os seus alunos e colegas a recordem como pessoa. Uma mulher que, acima de tudo, nos ensina que o espírito livre é como num florescer de um cravo: é o maior legado que alguém pode deixar.

As memórias de quem soube dar a volta



“Os professores gostam mais de ficar com os bons alunos do que com os maus”

Os sonhos não acabam, o passo para Ricardo Martinez ponderar a área do ensino surge numa necessidade, “eu precisava de dinheiro”, desde cedo que pôs “muito em causa o facto de ir para a guerra”, isto era impensável por ser descendente de galegos. É através de um prémio de um trabalho que surge a possibilidade de ir para Angola, percebe de imediato que conhecer a região “de norte a sul” não era o suficiente para si, por isso pede aos 17 anos a emancipação aos pais. Mais tarde, estabelece-se como funcionário num “centro que acolhia jovens, estudantes que viviam longe da cidade”, porém ao presenciar injustiças reage, “vi o diretor desse centro a bater, fisicamente a bater”, num trabalhador “que era negro”. Após períodos conturbados com a

25 de Abril” e “Eu depois fiquei”. Este contratempo guia-o até à sua verdadeira paixão, a Sociologia, orgulha-se não só de pertencer à “primeira fornada de Sociólogos formados em Portugal” como à Escola Superior de Educação dos “primeiros anos”. O convite da professora Ana Maria Bettencourt integra-o na equipa pedagógica da ESE, no ano de 1989, “não nestas instalações ainda comecei na Fábrica Barreiros”. Os diversos projetos, realizados com alunos que já lecionou, como o laboratório de psicografia e o Clube de Montanhismo demonstram o seu caráter de cidadania, tornando-se um exemplo de associativismo juvenil para a região. Na ESE destaca-se mediante um projeto de intercâmbio bilateral entre Portugal e o Reino Unido, focado na inclusão social de alunos portadores

“Ser professor é também dar um exemplo”

Polícia Internacional e de Defesa do Estado (PIDE), o diretor de uma Escola Preparatória em Setúbal, que tinha sido seu professor arranja-lhe uma vaga. Não entendia nada de pedagogia, foi Serra Pinto, mais que inspetor, orientador pedagógico que lhe ensinou tudo acerca da metodologia de ensino, “comecei a misturar a educação física com outras coisas”, “fui ter com os professores”, de ciências e tentei que “dessem formação aos próprios alunos” para lhes ensinar a ouvir “a voz do corpo”. Mesmo assim, a ideia de fugir do país mantinha-se, com nomes de código preparados, no momento em que ocorre o inesperado, “deu-se o

de deficiência. Num cenário em que “os professores gostam mais de ficar com os bons alunos do que com os maus”, Ricardo Martinez diferencia-se, contrariamente a muitos, sempre gostou “mais de ficar com os maus”. Enfatiza ainda o prazer de mudar a perceção de quem não tem interesse pela escola, a sua missão vai para além de ensinar conteúdos, “ser professor é também dar um exemplo”. Aos 71 anos, admite ter “saudades da escola” e de fazer a diferença [sorri com emoção], “até já perguntei se não poderia voltar à escola secundária, aos jovens dos 14/15/16 anos”, “acho que é a época mais revoltada”, a que dá mais pica”.

“Nunca” é a resposta dada por Luísa Ramos de Carvalho ao ser questionada sobre se a docência sempre foi um possível caminho a seguir no seu percurso profissional, mas quis o destino que este passasse pelos corredores da Escola Superior de Educação, no Instituto Politécnico de Setúbal. Natural de Coimbra e Psicóloga Clínica de formação, pela Universidade de Lisboa, chegou à ESE “por convite” em 1989, a instituição a que sempre se refere como “um sítio onde fui feliz”, onde sente que a possibilidade que lhe foi concedida de “marcar todo um conjunto de gerações” a reconforta. A professora, “uma pessoa de causas”, enquanto membro da comissão que analisa os pedidos de estatuto de estudante com necessidades edu-

cativas especiais, debate-se com aquele que acredita ser um dos maiores desafios na educação “a inclusão”, reforçando que “há muita rejeição” para com aos alunos portadores de deficiência, defendendo a visão de uma escola acessível a todos, “em que diferenciamos os percursos de aprendizagem conforme os obstáculos que o aluno tem à aprendizagem”. Acredita que o facto de ser formada em psicologia foi “um fator facilitador e um obstáculo” na sua prestação enquanto docente, mas que o auxílio das colegas foi crucial no seu desenvolvimento, “por isso que eu digo que aprendi com muitas colegas na escola”. Quando se gosta do que se faz,

Diogo Mendes

os resultados são notórios, e com Luísa Carvalho, não é diferente “A verdade é que eu amo, eu adoro ser professora”. Considera que o valor que dá ao “fator motivação” tem um impacto significativo nas suas aulas e na forma como os jovens as encaram, tentando atrair e alertá-los para algumas temáticas que considera importantes, “O fator que os meus alunos me devolvem é que são aulas onde são ouvidos” e preparando-os no sentido de adquirirem competências a nível pessoal, “e por isso sou uma professora que muitas vezes os alunos ficam no final da aula a conversar, porque gostam de conversar comigo de pessoa para pessoa”. Fazendo uma

“Um sítio onde fui feliz”

retrospectiva sobre os anos que tem passado na escola setubalense, Luísa Carvalho afirma que as

recordações que leva consigo são, “As pessoas, sejam professores, funcionários ou alunos, acho que as vivências pessoais, as trocas pessoais, que nos marcam”, definindo este espaço que a tem feito feliz como “Transformação. Porque a ESE é um polo transformador, das pessoas, das comunidades, das instituições”. A docente caracteriza-se como alguém que não é “muito focada no ser lembrada. Eu sou mais focada no ser vivida”, acreditando que o seu percurso marcou-se pela diferença “sou importante na ESE enquanto estou na ESE, e quando me for embora da ESE, acho que o que fica de mim é o que fica dentro das pessoas”.

Mais do que ensinar, transformar pessoas

“A verdade é que eu amo, eu adoro ser professora”



A vida atrás do balcão
Entre perguntas e soluções: as respostas de
Paula Afonso



Ao passar a porta de entrada deparamo-nos com um sorriso tímido na recepção, “um bocadinho recatada”, mas “descontraída”. A dona desse levantar de cantos dos lábios faz parte do grupo de pessoas que constroem histórias e garantem que a experiência académica seja rica e sem espaço para a dúvida. Centrada na sua zona de conforto, a Escola de Educação foi uma certeza na sua candidatura de trabalho “era muito pertinho da cidade, e eu gostava mais desta área”. Assim, foi a voz a quem os alunos recorreram a qualquer problema. A funcionária desempenhou uma vasta gama de funções ao longo dos anos “eu já fiz um pouco de tudo”, explica. Isso incluiu atendimento ao público, elaboração de certificados e até investi-

aos novos colaboradores, enfatiza a importância de organização e atenção aos detalhes “são os pequenos detalhes que fazem a diferença. Um trabalho bem feito precisa ser metódico e eficiente”, aconselha. Sobre o futuro, as suas ambições são simples: continuar a fazer o melhor possível, “já alcancei muitos dos meus objetivos ao longo destes anos”. Paula Afonso acredita que erros são importantes para a aprendizagem, inclusive ao longo da sua trajetória, situações desafiadoras ensinaram-na a encarar o trabalho com mais tranquilidade “se pudesse voltar no tempo, diria para a Paula do passado não se stressar tanto, tudo se resolve”, brinca. Fora da profissão encontra refúgio na “leitura”, um hobby que ajuda a equilibrar a sua rotina. Antes, “desenhar” e “escrever” também faziam parte das suas paixões,

“A filosofia da ESE sempre foi essa: atender bem e rápido”

gações sobre regulamentos de cursos. Apesar de ser um trabalho exigente, encontrou satisfação em responder às perguntas dos estudantes com rapidez e eficácia, “a filosofia da ESE sempre foi essa: atender bem e rápido”, diz com confiança. Atualmente, valoriza o equilíbrio e a tranquilidade no seu trabalho, que contrastam com a correria dos primeiros anos “hoje tenho mais tempo para me concentrar nas tarefas”, afirma. Contudo, a falta de interação diária com os colegas e estudantes, que marcou o seu início, traz um aperto de saudade que recorda com a sua luminosidade típica no olhar. Ao refletir sobre o que gostaria de ensinar

mas o tempo reduziu essas práticas. Com muitas amigadas formadas na ESE, a assistente deseja ser lembrada como alguém “que deu sempre o seu melhor, quero que saibam que nunca deixei ninguém na mão”. Através do seu olhar, define o Instituto como um “desafio” em que se intitula a si mesma como “dever”, refletindo que a sua trajetória é guiada pela responsabilidade e dedicação. Em 35 anos de legado, é mais do que uma colaboradora que agora se encontra escondida dos balcões: é parte da alma da ESE, é a atenção que deixa aos alunos atendidos e que abandonam a recepção com um sorriso largo de agradecimento.

Memórias de um local feliz

**“O que eu sinto é muita saudade,
porque me sentia lá bem”**

Pela secretária de Ana do Carmo Lopes, passaram os processos e os vencimentos dos professores da Escola Superior de Educação, desde “dia 1 de setembro de 1989” até à reforma, em 2012. Numa demanda pela felicidade, chega a Setúbal, incentivada por uma amiga, “Eu saí da Segurança Social, porque não estava satisfeita, não me sentia muito realizada”. Habituada a datilografar [escrever à máquina], “logo no início, puseram-me o computador à frente”, mas com o apoio das colegas da informática, “fui aprendendo”. Depois de anos a trabalhar num local onde se sentia infeliz, chegou à ESE e o sentimento mudou: “fui progredindo, foram apreciando o meu trabalho, eu fui ficando bem comigo mesma e acho que também ficaram bem comigo”.

Ao iniciar uma nova etapa nos Recursos

Humanos da instituição, quando esta ainda funcionava na “cave da Escola Superior de Tecnologia”, não esquece o primeiro dia de trabalho, “senti que havia ali algum calor humano”. “Havia uma proximidade praticamente familiar”, tanto com os docentes, “a professora Ângela, o professor Ricardo Nunes”, todo o pessoal não docente e alunos. Para além das pessoas que enchiam os corredores da escola, “sentia que a direção estava sempre a apoiar-me”. “Quando entrei era o doutor Raul que estava lá”, um diretor muito comunicativo, depois veio “o professor Fernando Almeida”, “havia situações em que ele me apoiava muito”

Catarina Pires

e “também tive algum apoio do professor Dominguiños, o Presidente do Instituto Politécnico de Setúbal. Quando eu precisava ele estava sempre lá”. Ao contrário do que sucedia até chegar à ESE, “eu sentia reconhecimento no meu trabalho, no meu esforço”. A administrativa, acompanhou de perto a passagem da escola para a atual morada, mudança essa que os filhos mais novos acompanharam de perto, “Eles gostavam de ir lá ver o sítio onde a mãe trabalhava, porque sentiam que havia ali liberdade, conforto, carinho, tudo”. Lembra “as festas que se faziam, com os alunos, onde entravam funcionários e professores. Deixou-me muitas saudades”. Descreve a ESE como “uma ótima

“Eu sentia reconhecimento no meu trabalho, no meu esforço”

escola, porque os professores são e eram carinhosos para nós, como também eram para os alunos”. // A

alentejana, natural de Juromenha, no Alandroal, resume-se a tranquilidade, amor, compreensão e apoio. Vinda de uma terra rural e com mais irmãs, não teve oportunidade de prosseguir os estudos, “porque os meus pais não tinham possibilidades económicas”. Para atenuar a mágoa de não ter tido hipótese de estudar, “gostava do ambiente da escola, porque sempre gostei do ambiente de escola com jovens”. Reformada há 12 anos, ocupa-se “do trabalho de casa e tomo conta dos netos”, mas preserva com apreço todos os bons momentos passados na ESE. “O que eu sinto é muita saudade, porque me sentia lá bem”.

O caminho da solidariedade

“Trinta e Cinco anos de uma Vida.

Uma História”



Um raio de luz incide sobre o rosto de Ana Sequeira, sentada no seu gabinete, distrai-se com uma imagem pendurada entre recortes, “estou agora ali a ver as fotografias de uma turma, de um colega que agora já tem mestrado”. Tem a literatura e o cinema como paixões para além do ensino. Enquanto adolescente, a ideia de seguir as pisadas dos seus ancestrais não estava nos seus planos, “era um karma que eu não queria de maneira nenhuma ter” [ri-se]. Aos 69 anos, mãe e avó, tem assente os seus valores, considerando-se alguém “antifascista, antirracista e que luta pelos direitos, das pessoas mais desfavorecidas”. É através de um anúncio do Diá-

rio da República que chega ao Instituto Politécnico de Setúbal. Nas instalações em-

prestadas, emerge uma escola que, inicialmente, só oferecia dois cursos: bacharelado em educadores de infância e professores de primeiro ciclo. Nitidamente entusiasmada como se tivesse feito uma viagem ao passado, recorda o alvoroço emocional sentido ao assistir ao nascimento da Escola Superior de Educação como a conhecemos. “De vez em quando vínhamos cá ver como é que isto estava, foi também uma coisa que demorou imensos anos a ser construída porque realmente os empreiteiros não aguentavam com as exigências de Siza Vieira” [ri-se]. “Mas é completamen-

te diferente, não há ponto de comparação entre o que é e o que era quando eu entrei”. O mesmo acontece com a educação, a professora discute os desafios da profissão em Portugal, enfatizando a necessidade de reconhecimento do papel dos docentes na formação de pessoas, criticando a abordagem uniforme em sala de aula e o “processo de ensino-aprendizagem” dos docentes, “percebendo que os estudantes não são tábua-rasa e que têm conhecimento”. Sonha com uma escola sem obstáculos, “virada para as questões da equidade”, e com a possibilidade de todos poderem ter acesso aos cursos que desejam, sem “discriminação”. Focada em causas sociais, a primeira

ação de cooperação entre Portugal e Timor-Leste em parceria com o Politécnico foi, para si,

“Alguém que tenha contribuído para alguma coisa”

“fora de série”, “nós fomos daqui sem saber onde é que íamos dormir, o que é que íamos comer, o que é que íamos encontrar, sabíamos que íamos para a Austrália”. Como nessa experiência, toda a sua vida foi movida por sentimentos de missão, compromisso e sacrifício pessoal. Ana Sequeira gostaria de ser lembrada como “alguém que tenha contribuído para alguma coisa”, para “o desenvolvimento desta escola”, não permitindo que os longos “35 anos da minha vida, toda uma história” sejam em vão, e da qual não se arrepende de ter feito parte.

“A ESE, foi como uma família para mim”

Do cheiro a lenha ao coração académico de Setúbal



Nascida na aldeia do Cabeçudo, no concelho da Sertã, Lurdes Brito descreve os primeiros anos da sua vida com um carinho nostálgico, “as ruas eram de pedra, geladas no inverno, e havia o cheiro da lenha e do pão quente que saía do forno”, lembra quando ia visitar a sua avó “ela fazia um ovo estrelado no azeite, numa frigideira sobre a lenha”. A cabeçudense recorda assim a aldeia simples, mas cheia de vida, as férias passadas com a avó e o convívio que tinha com os animais no quintal e o cheiro típico a café fresco, são hoje essas lembranças que a transportam para um tempo onde a felicidade estava nas pequenas

coisas. Com apenas dois anos, com os pais e umas malas às costas, deixaram a terra natal para procurar melhores condições de vida,

e assim chegaram, “Lisboa era um mundo diferente”, cheios de expectativas, mas sempre “com o coração ainda preso à aldeia”. Após alguns anos na capital a família mudou-se para Setúbal, cidade essa que Lurdes Brito adotou como sua. “Não perdeu a sua cor mais viva se torna ainda. vai compensando esta dor nesta paisagem tão linda, é arrábida é claro, o que descrevo chorando, é um cantinho tão caro que sempre vou recordando”, “gosto da serenidade da serra, da proximidade do rio e da simpatia das pessoas. Setúbal é onde realmente me sinto em casa”. As coisas mudaram e, guardou na sua memória o impacto que o 25 de abril de 1974 teve para

si, “era pequena, mas lembro-me das conversas sussurradas em casa. Os meus pais não se sentiam livres para falar de coisas como o custo de vida ou os ordenados. A palavra ‘PIDE’ era mencionada com receio, e eu, sem entender, sentia que era algo que metia medo”. Logo aos 17 anos começou a trabalhar numa loja de pronto-a-vestir para ajudar a sua família, tudo isso deu início a uma jornada profissional marcada pelo contacto próximo com as pessoas, algo que sempre teve interesse. Em 1990 entrou para o Instituto Politécnico de Setúbal onde dedicou mais de três décadas da sua vida: “Comecei na Secretaria de alunos. Sempre gostei de ajudar os estu-

dantes, orientá-los nos processos e dar-lhes apoio. Cada interação era uma oportunidade de aprender e crescer”. Já em 2019, foi convidada a

“Milhares de jovens a construir os seus futuros aqui”

integrar na Escola Superior de Educação “deixei a área académica para apoiar a direção, tive receio. Hoje, vejo que foi uma das melhores decisões da minha vida”. Recorda os primeiros 68 alunos do instituto e agora com o aproximar da reforma vê “milhares de jovens a construir os seus futuros aqui”. Ao fazer a retrospectiva, Lurdes Brito, sente-se grata pelo caminho percorrido “o IPS, especialmente a ESE, foi como uma família para mim. Aqui aprendi, cresci e deixei minha marca, e fico feliz por ter contribuído para isso”. Entre a sua trajetória desde a pequena aldeia até ao coração do instituto reflete a importância de abraçar mudanças e continuar a aprender.

Mafalda Ruivo

Entra na ESE como a mais nova, com apenas 26 anos de idade, que se transformaram em longos anos de experiência na casa que a viu crescer, de cargo em cargo, até se tornar diretora. Cristina Gomes da Silva chega “numa fase inicial de afirmação da escola” em que estavam a recrutar pessoas na área da Sociologia para lecionar. Através de concurso, realizou um trabalho sobre a importância desse campo científico na formação de professores, tomando-se efetiva em 1990. A paixão pela educação nasce na formação académica, no Instituto Universitário de Lisboa, onde realizou a licenciatura, mestrado e doutoramento em Sociologia, conhecendo a sua grande influência, o professor Stephen Stoer, que a encaminhou para este domínio que “ajudava-me a ver para lá daquilo que era visível”. Em 2016 integra a direção, “era ali que estava a faltar, porque já tinha feito tudo, tinha sido coordenadora de departamento, por várias vezes, tinha sido presidente do Conselho de Representantes” e esta parte ativa foi o que a moveu a aceitar “contribuir para um projeto dentro da escola no qual eu pudesse ter alguma participação razoável e transformadora”. Dois anos depois, tornou-se diretora, algo que nunca tinha pensado pois conhecia os “limites da nossa autonomia” e considerava que estes eram tantos que “não sabia se me agradava”, mas houve um caminho interrompido que a mesma decidiu agarrar e dar continuidade. O convite feito à professora Ângela Lemos para assumir a Vice-

presidência do Instituto Politécnico de Setúbal resultou nessa reformulação na ESE, surgindo o mandato de Cristina Gomes da Silva, João Pires e Ana Cristina Figueira, até 2022. Destaca que começou por ser um grande desafio, “perceber então por onde é que queremos ir e quais são as áreas em que temos de recrutar mais pessoas” com a agravante da pandemia, e por isso “Eu costumo dizer que o nosso mandato só teve dois anos, porque os outros dois foram para gerir a Covid-19”, os seus efeitos e todas as exigências que tiveram de dar resposta e conseguiram, equipando as salas com televisores e melhores equipamentos tecnológicos. Defende que não há sociedades sem cidadãos ativos e “Enquanto diretora tentei fazê-lo”, dar voz a preocupações pessoais e partilhadas por muitos, de maneira a respeitar os direitos humanos, lembrando “não somos cidadãos só quando votamos. Somos cidadãos todos os dias”. A colaboração com a Câmara de Setúbal levou-a a ser condecorada embaixadora da cidade, “reconhecimento é sempre um sentimento muito positivo”. Cristina Gomes da Silva, 61 anos, escolhe as palavras “liberdade”, “solidariedade” e “democracia” para descrever a ESE, que nestes 40 anos de existência teve um impacto inegável na vida de todos os que por ela passaram, “não tenho a mínima dúvida”. Deixa a mensagem final de que o “futuro é aquilo que conseguimos fazer dele” com ideias inovadoras vindas das novas gerações, culminando “com equipa, projetos e vontade, o caminho é mais fácil”.

“Futuro é aquilo que conseguimos fazer dele”

Catarina Pires // Filipa Marcos

35 ANOS DEDICADOS À PEDAGOGIA



**“Não somos cidadãos só quando votamos.
Somos cidadãos todos os dias”**



E S E

As mãos que falam

“Boa colega, boa profissional e dedicada ao curso”



Desde criança, cresceu imersa num mundo onde o silêncio e os gestos eram a sua língua mais profunda. Filha de pais surdos, Maria José Freire teve a sorte de se tornar “bilíngue”, “tive acesso às duas línguas, a portuguesa e a gestual portuguesa”, com isto acabou por assumir o papel de intérprete, mesmo sem formação, na Associação Portuguesa de Surdos. Porém, a falta de informação, muitas vezes leva à ignorância, notando desde cedo que “muitas vezes as pessoas olham para uma pessoa surda e escusam-se um bocadinho ao contato” por não saberem comunicar, daí ser tão importante dar mais visibilidade à língua gestual Portuguesa. “A minha primeira liga-

ção à ESE”, foi em 92 onde decorreu um curso “criado em parceria entre a ESE, a Associação Portuguesa de

Surdos, a Universidade de Lisboa, e a Universidade de Bristol”, com o principal objetivo de formar professores e intérpretes de língua gestual. Uma forma de dignificar as profissões e de conseguir um maior reconhecimento a nível nacional era “trazer a língua gestual para o ensino superior” e, desta forma, em 1997, a Licenciatura em Língua Gestual Portuguesa foi criada na ESE. E com essa abertura acabou por expandir horizontes para o reconhecimento da profissão de intérprete e mais tarde a de professor. Para a docente transmitir aos seus alunos o entendimento profundo da história e

cultura da comunidade surda é fundamental, acredita, que qualquer pessoa que se dedica ao trabalho de tradução e interpretação precisa ir além do domínio linguístico, é preciso conhecer e respeitar a cultura tal como qualquer outra língua. Mesmo nunca tendo “pensado em ser professora”, diz que a experiência no terreno lhe deu uma capacidade de “transmitir o que é ser intérprete aos alunos”. Um dos momentos mais gratificantes da sua carreira foi ter presenciado a aprovação do reconhecimento da Língua Gestual, “um momento altíssimo da história, da minha história, como filha de pais surdos, como profissional intérprete e como pessoa”. Acima de tudo quer ser recordada como “boa colega,

boa profissional e dedicada ao curso”. Ao longo da sua jornada na ESE, fez grandes amizades e encon-

**“Tive acesso às duas línguas,
a portuguesa e
a gestual portuguesa”**

trou motivação para continuar a trabalhar em prol da Língua Gestual Portuguesa e do reconhecimento dos direitos das pessoas surdas, e não se arrepende de agarrar a oportunidade de trabalhar com a Unidade de Língua Gestual, “foi de facto uma experiência fabulosa”. Já no fim da sua carreira, é uma pessoa realizado por tudo aquilo que construiu, “claro que sou feliz”, esta frase simples, mas poderosa, resume a sua trajetória e dedicação: uma vida dedicada à Língua Gestual Portuguesa, à inclusão e aos direitos da comunidade surda, sempre com um coração aberto e um sorriso resiliente.

Dedicação que constrói saberes

“Saber interagir com as pessoas,
essa é uma habilidade da vida e do trabalho”



“Eu gostar tanto daquilo que faço, gosto muito do que faço”, foi com estas palavras simples, mas carregadas de significado, que Luísa Cruz descreveu a sua paixão pelo trabalho que desenvolve na Escola Superior de Educação. Há 32 anos na instituição, a funcionária da biblioteca tem sido uma presença constante e fundamental para a comunidade académica. Com 62 anos de idade, acumula uma vasta experiência, que começou num projeto do Centro de Emprego e evoluiu por diversos setores da escola, sempre com foco em servir os alunos da melhor forma possível, “Tudo o que fazemos, é sempre a pensar em vocês, e que fique bem feito”.

A sua trajetória profissional na escola começou num contexto modesto, com funções ligadas à reprografia. Na época, Luísa Cruz trabalhava com fotocópias e outras tarefas relacionadas ao material gráfico. Contudo, com

a chegada do novo edifício da ESE, foi convidada a assumir o cargo de telefonista, onde ficou por muitos anos. No entanto, sentia que esse cargo já não a desafiava mais, “O telefone já não me dava nada de novo”, foi nesse momento que decidiu procurar novas oportunidades dentro da escola, e foi na biblioteca que encontrou um novo mundo, onde aprendeu uma das atividades que mais gosta de fazer, “restaurar os livros e pô-los bonitinhos na prateleira”. A sua dedicação à bi-

blioteca e aos estudantes foi sendo reconhecida, e Luísa Cruz foi assumindo cada vez mais responsabilidades “dar apoio aos alunos, a tomar conta dos jornais, e das revistas que entravam”. Apesar da crescente digitalização a bibliotecária acredita que o papel físico nunca pode ser deixado para trás, “a biblioteca nunca pode ficar para trás, é muito importante a era digital, mas eu acho que o papel tem sempre prioridade”. Afirma ainda que fará “sempre, sempre, sempre” tudo no seu trabalho, “para que a biblioteca em papel nunca acabe”. “A minha vida [pausa] profissional”, foi assim que descreveu, com uma

pausa entre as duas palavras o que ESE representa para si. Esse intervalo de tempo, carregado de significado, reflete que a escola não é apenas um local de trabalho, mas sim uma extensão da sua própria vida, uma parte fundamental da sua identidade e do seu percurso. Por fim, deixa um conselho para os alunos, “procurem sempre

a biblioteca porque nós temos muita coisa para oferecer, temos enquanto papel e enquanto digital”, acredita que é um local onde podem sempre encontrar o apoio que necessitam para alcançar os seus objetivos. Luisa Cruz com o amor pelo seu trabalho, a sua vontade de ajudar os alunos e a sua dedicação seja na organização da biblioteca, no restauro de livros ou no atendimento aos estudantes, é um reflexo claro da sua paixão pela educação e pela Escola Superior de Educação.

“Tudo o que fazemos, é sempre a pensar em vocês”



Os corredores do tempo

“Faz parte da minha vida, é a minha segunda casa”

Desde o momento da abertura de portas da Escola Superior de Educação de Setúbal, em 1992, que Sílvia Guerreiro é uma entre as várias pessoas que cuidam deste lar. Desde então, a funcionária tem sido uma figura presente, conhecida por muitos, e uma testemunha da mudança que a instituição tem sofrido ao longo dos anos. Alcacerense de berço [natural de Alcácer do Sal], foi na terra do choco frito que ficou e prosseguiu a sua vida. Ainda fixada nas instalações da Escola Superior de Tecnologia, sem saber a reviravolta que a ESE traria à sua vida, acompanhou todo o processo da chegada desta ao Instituto Politécnico de Setúbal, “Nós andá-

mos na mudança, eu e as minhas colegas, andámos na mudança das coisas. E quando começou o ano letivo, o Doutor Raul de Carvalho, que estava na direção, perguntou se queríamos ficar a trabalhar para a escola”. Ao refletir sobre o impacto desta em si própria, Sílvia Guerreiro faz uma pausa pensativa, acabando por afirmar “faz parte da minha vida, é a minha segunda casa”, não só por lá passar a maior parte do tempo, mas por tudo o que lá viveu. Encara a sua função com naturalidade, descrevendo-a com simplicidade, “Faço isto há tantos anos que já não acho nada difícil”. Ao fim de tantas décadas de casa, já foram muitos os estudantes

com quem se cruzou nos corredores do seu ofício, entre eles, atuais profissionais com que lida diariamente. Para a funcionária, a oportunidade de acompanhar, ainda que de longe, a evolução dos alunos, é muito gratificante, “sinto-me orgulhosa. Gosto tanto de ver isso. É bom ver que eles conseguiram e que se esforçaram e que valeu a pena por estarem onde estão”. Apesar das muitas pessoas com quem lidou, Sílvia Guerreiro relembra especialmente as lideranças com quem trabalhou e que sempre a acarinham, “nós funcionários lidamos mais com a direção. E eu especialmente que limpo aquela parte da

escola”. Tendo já em pensamento o seu momento de saída, reflete sobre todo o caminho percorrido entre cor-

“Até poderia ter ido para outro lugar, mas não fazia sentido”

redores, gabinetes, salas de aula e o emblemático bar, alegando que “impacto não vou deixar nenhum, porque quando formos embora, acabou. E tem de ser assim, porque ganham novos”, alegando ainda que o que vai mais sentir falta é do “convívio” e da “confusão, que é mesmo assim”. Descreve-se como “uma pessoa que também já passou muitas coisas, muitas más, muitas boas”, mas que não permitiu que essas amarguras da vida a contaminassem, sendo alguém muito “descontraída, muito calma”, alegando, por fim, que “sim, sem dúvida” valeu a pena estar na ESE e que “até poderia ter ido para outro lugar, mas não fazia sentido”.

Diogo Mendes

A história de uma segunda casa



**Um ambiente acolhedor que marcou uma
trajetória de 33 anos**

Embrada com carinho por todos os que passaram pelos corredores da Escola Superior de Educação, Natércia Massas conta com uma longa trajetória de 33 anos no IPS. Descreve o início da sua jornada na instituição como um momento de acolhimento e companheirismo, destacando a ESE como “uma segunda casa”, onde quando entrava esquecia tudo o que acontecia fora. “Portanto, eu quando chegava ali era focar-me no meu trabalho, focar-me nas pessoas que iam à biblioteca ou que fossem à minha procura, mas que precisassem do meu apoio, da minha ajuda, da minha contribuição”, mostrando assim a sua incansável dedicação ao ambiente escolar e ao bem-estar dos alunos. // A bibliotecária chegou à escola praticamente no seu início, “no ano em que eu co-

mecei é que a ESE recebeu os primeiros 25 alunos de educação de infância e os primeiros 25 alunos de professores primárias”, e refere terem, “passado pelas suas mãos, ainda miúdos”, várias figuras bastante importantes no contexto atual do IPS como o atual diretor João Pires. // Antes de chegar à Escola Superior de Educação, teve um percurso muito ligado à terra e à sua família, “Trabalhei no campo até aos 20 anos, depois estudei e após o nascimento do meu filho, que tinha problemas de saúde, passei a dedicar-me totalmente a ele”, mas a sua dedicação à família não a impediu de dar um novo rumo

“Eu era quase uma mãezinha, porque todos eles recorriam a mim”

à sua vida profissional. Foi na biblioteca onde se tornou uma figura essencial para os alunos, “Eu era quase uma mãezinha, porque todos eles recorriam a mim”, conta com carinho. O seu trabalho muitas vezes consistia em orientar os alunos na busca por material relevante para os trabalhos que estavam a realizar, e até os professores reconheciam que era a pessoa ideal para os ajudar nessas pesquisas, “eles diziam assim: não tenham problemas, cheguem à Dona Natércia e digam que precisam de fazer este trabalho que ela vai buscar uma carrada de livros para vocês estudarem”. A sua abordagem acolhedora e prestativa fez com que muitos alunos a ela recorressem não apenas por ajuda académica, mas

também para apoio emocional, “estávamos sempre disponíveis para servir-vos, ajudar-vos e

às vezes consolar-vos”. // Por fim, deixa um conselho para os atuais estudantes, “o que eu aconselhava aos jovens é quando fossem à biblioteca, e que se quisessem ler e estar concentrados para aprender, é manter um pouco mais de silêncio e de concentração para que tudo funcione da melhor maneira”. Com essas palavras, reforça a importância de aproveitar os espaços de estudo com respeito e foco, para garantir um ambiente propício à aprendizagem. A sua história, é marcada pela dedicação, carinho e orientação aos alunos, e permanece como um legado de comprometimento à evolução da ESE.

N uma palavra, Margarida Rocha é “professora”. Não apenas na profissão, mas na essência. A cada frase, cada escolha e cada memória, transcende a alma de quem dedicou a vida ao ofício de ensinar, às pinceladas de quem fez colegas para a vida e de quem formou estudantes. Desde cedo, o mundo artístico foi o caminho a seguir. Inspirada por uma docente de belas-artes que teve “no segundo ciclo do ensino básico”, a ex-professora enfrentou os desafios de uma época em que “as coisas das artes não eram bem vistas”. Lutou contra os preconceitos da família “fiz uma birra enorme para os meus pais” sobre seguir carreira em artes, mas sempre motivada pela sua paixão que é tão vibrante quanto as paletas que ensinou a desbravar. Traçou um percurso feito de desafios, adaptações e, sobretudo, conquistas. Do segundo ciclo ao ensino superior, e daí ao doutoramento, o fio condutor da sua vida sempre foi o desejo de criar pontes, “foi em Setúbal que vivi os momentos mais marcantes. Pelas amizades, pela diversidade do trabalho e pelo contacto com os estudantes. É isso que permanece”. Entre as histórias, surge o nome de antigos alunos que hoje caminham como colegas no departamento de artes, um deles o diretor da Escola Superior de Educação “foi o professor João Pires, atual diretor”, um

reflexo do legado que cultivou. O ensino das artes, ainda hoje, carrega o estigma de ser “o parente pobre”. A mesma conhece essa realidade com serenidade, mas também com a força de quem acredita no impacto que transcende o currículo, “os alunos valorizam e é isso que importa”. Entre desafios de mudança, problemas institucionais e processos de adaptação, como o tão falado Processo de Bolonha, encontrou no espírito de companheirismo o alicerce para continuar “nunca nos damos todos por igual, mas a entreatajuda foi sempre um pilar”. São essas memórias, cheias de risos e histórias, que guarda com carinho, seja nos momentos partilhados com os colegas ou nos almoços anuais dos professores reformados “nós todos os anos organizamos um almoço dos reformados”. Hoje, ao olhar para trás, Margarida Rocha é um retrato de felicidade. A alegria de quem sempre avançou com positividade, sem se apegar às pedras do caminho “os tropeços são para ultrapassar, sempre fui positiva e continuo a ser. Acho que nasci assim, inconsciente”. A ESE foi a sua casa. E continua a ser, mesmo após a reforma. Para a ex-professora, a escola é um espaço de realização e felicidade, uma jornada de construção coletiva onde o hino “fazer gente feliz” ganha corpo e sentido. Por fim, deixou um recado aos que desejam seguir caminhos semelhantes: “Seja nesta área ou noutra, o importante é ser feliz nas escolhas”.

“Seja área ou noutra,
o importante é ser feliz nas
escolhas”

Mariana Fonseca

A arte de ensinar e ultrapassar obstáculos

“Foi em Setúbal que vivi os momentos mais marcantes”



A educação é um campo repleto de desafios e recompensas, segundo Nuno Andrade, o caminho da formação, sendo a sua em Educação Básica, é apenas o primeiro passo para a verdadeira aprendizagem “durante o curso são nos ensinadas as bases das coisas, depois, quando vamos para o terreno, é que aprendemos bastante mesmo”. Depois de 1997, ano em que termina a licenciatura, o seu percurso vivenciou altos e baixos fundamentais para moldar a visão que tem sobre a profissão. Sentado na sua secretária, a estante de livros por detrás conta as várias histórias da sua vida. Foi no terceiro ano, graças ao professor da época, que o bichinho pela educação surgiu, “eu achei tão interessante, pensei logo nessa altura, olha, um dia quando crescer, se calhar é mesmo isto que eu quero ser”. Na realidade, refletiu exatamente o que aconteceu, “entretanto, o tempo foi passando, a ideia às vezes desaparecia, pensava noutras coisas, depois voltava e quando chegou à altura de concorrer foi mesmo por aí que eu quis ir”. A década de 90 marcou a sua trajetória académica, entre atividades e projetos, integrou a associação de estudantes da ESE e fez, ainda, parte de uma antiga tuna do IPS onde realizou “várias dezenas de atuações pelo país”. Durante o estágio, passou, numa primeira instância, por uma fase de “desilusão” e incerteza, contudo, no ano seguinte, teve a oportuni-

“Tenham paixão pela educação, se não, é lembrar que vão começar agora, portanto, apaixonem-se”

dade de conhecer a professora [dirigente do estágio] que acredita ter introduzido as bases pedagógicas que atualmente utiliza com os seus alunos, “ainda hoje me marca e me recordo muitas vezes”, reforça. O amor que nutre pelo ensino é evidente em cada palavra “No primeiro ciclo, nós professores, somos sortudos”. Para Nuno Andrade, as crianças são “pequenas esponjinhas curiosas” sempre ávidas por aprender. A maneira como olham para o conhecimento com admiração pelas descobertas “as coisas novas que eles vão ouvindo”, é um privilégio, mas também uma grande responsabilidade

“é a nossa obrigação dar-lhes novidades”. Aconselha as futuras gerações que estão prestes a iniciar a sua formação que “tenham paixão pela educação, se não, é lembrar que vão começar agora, portanto, apaixonem-se”. Para aqueles que já estão a terminar o curso, sugere: “preparem-se para um novo mundo” que vai muito além das salas de aula e do que se aprende nos livros. Como educador há 27 anos, revela que a chave para ser um bom professor está, acima de tudo, no amor pelo ensino “A cada dia que passa, gosto mais do que faço”, culmina. Refere-se à ESE como uma instituição que “tem estatuto”, esta não é apenas um ponto de partida para a carreira enquanto professor, mas um lugar que desempenhou um papel fundamental na sua formação, ao falar da instituição, revela um sentimento de nostalgia “sinto saudades”.

Daniela Nunes // Inês Salgueiro

A arte de ensinar

“Gosto cada vez mais do que faço”



Uma vida entre números

**Em “Dias Negros, é uma caixa de tesouros.
Faz-me bem ler isto”**



Ana Boavida chegou à Escola Superior de Educação em 1995, “Passado muito pouco tempo de lá estar, surgiu a possibilidade de ir trabalhar para Lisboa”, porém, decidiu continuar por cá até à sua reforma, “tive oportunidades para sair da ESE, mas já não quis”. Gosta de matemática “desde que me lembro” e a escolha de resolver problemas era, para si, querer “saber os porquês das coisas”, porém, o principal motivo do amor pelas contas vinha de uma sensação de segurança fundida com liberdade, “Seguro porque eu sabia que se seguisse determinadas regras, as coisas iam desembocar naquilo que eu pretendia”, por outro lado “Um espaço de liberdade porque havia desafios que eram, de facto, problemas, criavam um raciocínio novo e, aí podia experimentar um caminho ou ou-

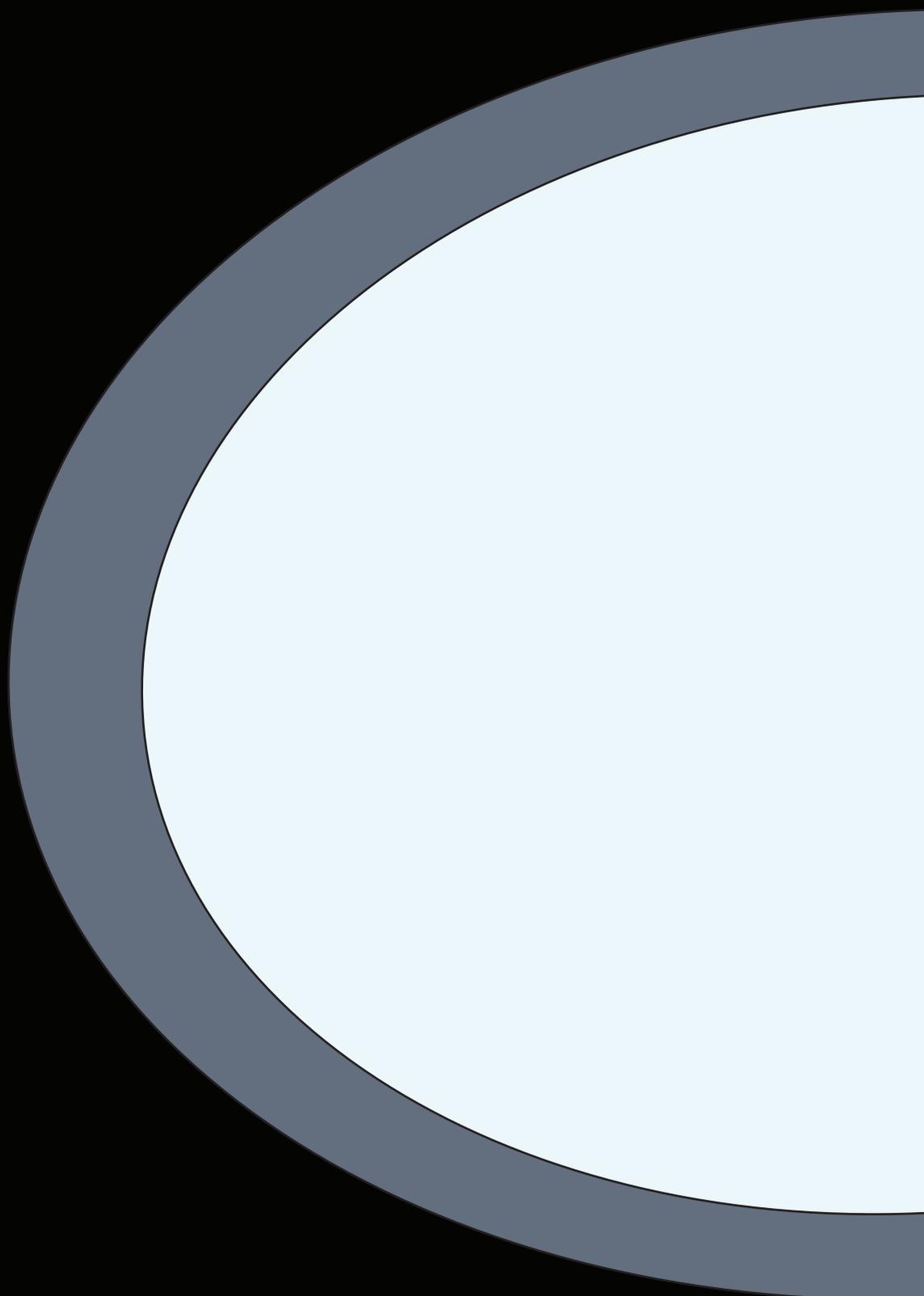
tro”. Em contrapartida, a disposição “pelo ensino veio muito depois, foi uma consequência” positiva que uma vontade tão antiga lhe proporcionou. Estava já no segundo ano da sua Licenciatura em Matemática, na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, quando se dá o 25 de abril, “não havia empregos, eu namorava, queria-me casar, não queria ficar dependente dos meus pais”, decidiu então que o mais eficaz para alcançar os seus objetivos seria optar pelo “ramo educacional, porque aí tenho um emprego de certeza absoluta. E assim foi”, o início de

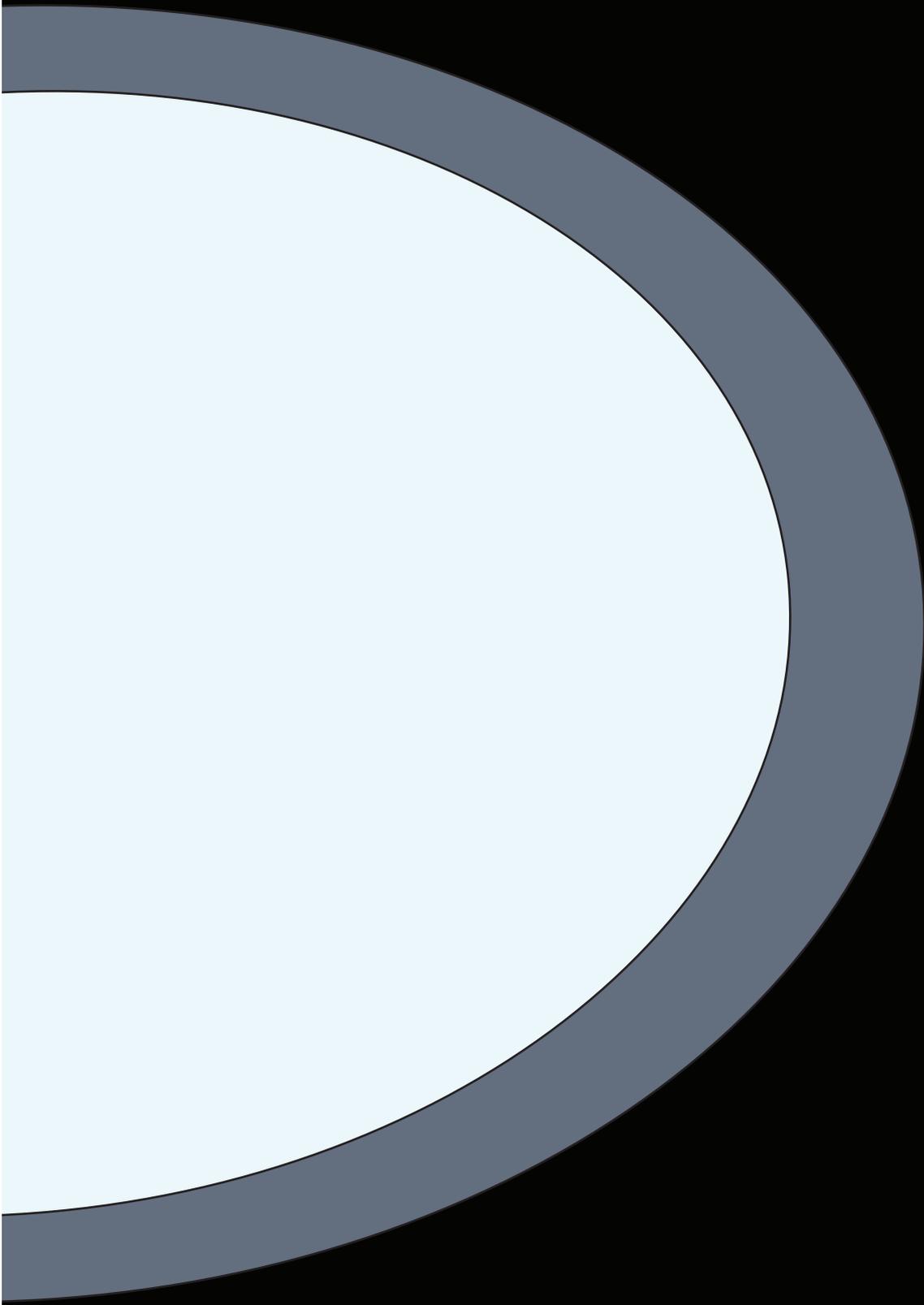
**“Onde é que eu vim parar?
Aquilo parece um filme”**

uma estória bonita. É uma mulher movida pelo desafio, “intrigava-me que algo que, para mim, era relativamente simples, fosse tão complicado para outros, nomeadamente para os alunos”. Já na ESE, 20 anos após o início da sua carreira, depois de “começar pela formação de professores do secundário” e terminar no “pré-escolar” quebrou um padrão de duas fases de dez anos de trabalho “fiquei lá vinte e cinco anos”. As suas memórias na instituição são descritas com ternura na voz, recorda-se do primeiro momento “ela [Joana Brocardo] chegou lá, bateu à porta, e, na direção, o Zé Vítor diz, entra, e foi tudo muito caloroso, eram beijinhos para trás e para diante”, situações a que não estava habituada por vir de um ambiente

informal. Entre muitas gargalhadas, evoca as conversas que tinha com o marido, no começo,

questionava-se: “Onde é que eu vim parar? Aquilo parece um filme”. As “cantorias”, a sensação de comunidade e o esforço em mantê-lo, foram características deste espaço que Ana Boavida revive, por terem impactado a sua jornada enquanto professora. Acende um cigarro, exala o fumo, abre uma pasta no computador, lê um email, confessa “se calhar na vida de alguns alunos, eu ajudei a ver as coisas de uma forma diferente e, para quem vai ensinar matemática, isto é muito importante”, em “Dias Negros, é uma caixa de tesouros. Faz-me bem ler isto”.





“Eu sou o indivíduo completamente comum”, aos 48 anos de vida, João de Deus, é o atual treinador-adjunto do clube Árabe Al-Hilal.

Com uma carreira singular no mundo do futebol, este, proporcionou passagens desafiadoras por diversos países. Ao longo dos anos, acumulou uma bagagem cultural e profissional que o enriqueceu a nível desportivo e pessoal. Desde cedo, o desporto desempenhou um papel fundamental na sua vida. Diagnosticado com asma aos cinco anos, foi incentivado a praticar atividade física, “na altura, o médico falou logo da natação”, uma modalidade que o apaixonou a par do futebol. Iniciou a sua Licenciatura de Professores do Ensino Básico na vertente de Educação Física em 1995 na Escola Superior de Educação, porém, nunca foi um objetivo imediato. O então docente só se candidatou devido aos seus pais “sempre me disseram podes fazer o que quiseres, mas tens de te licenciar”. Foi graças à sua família que concluiu a sua formação académica, lembrou João de Deus com uma gargalhada. A sua vida como treinador começou de uma forma muito inesperada. Após uma carreira como atleta, foi convidado para integrar a equipa técnica dos séniores como preparador físico “Eu não era um grande jogador, então, quando souberam que eu era licenciado em Educação Física ofereceram-me três anos de contrato”. Desde então, não parou mais, passando por diversas funções e acumulando inúmeras

experiências. Uma vida marcada por vários obstáculos, contudo, o principal foi quando começou como selecionador de Cabo Verde, “foi um dos momentos mais desafiadores, mas também gratificante, o país é pobre, mas muito honrado e honesto”. Neste momento vive a segunda experiência na Arábia, ao lado de Jorge Jesus, um dos treinadores mais conceituados do futebol português, descreve que o relacionamento entre ambos é baseado na confiança e lealdade. Apesar do sucesso profissional, o professor revela as dificuldades de estar longe da família “O futebol tira muito”, contudo afirma que faz o que ama “A minha vida sempre foi o desporto, e assim será até ao fim”.

Nesta jornada pelo mundo, João de Deus prova que tudo vai para além das quatro linhas, construiu não só uma carreira internacional sólida, como um legado de valores, resiliência e aprendizagens que transcendem as fronteiras do jogo. A primeira lembrança da ESE foram as praxes “todo riscado, todo pintado, cabelo com ovos e farinha e não sei o quê”, em tom alegre disse que haviam outras memórias, mas que ficavam para outra altura [risos]. “Caminho”, palavra que podia resumir a vida de um treinador, contudo utilizou-a para descrever a instituição que o viu formar-se e levar para o mundo, aquele que mais tarde se afirmava como mais um sucesso português fora do nosso país.

Alexandre Santos





Um pontapé nos quatro cantos do mundo

**“A minha vida sempre foi o
desporto, e assim será até ao fim”**

Contrariamente às expectativas dos pais, para Alcina Dourado, dar aulas nunca foi a primeira opção, jornalismo era o caminho. Começou por realizar um estágio na rádio, pela qual “tinha o bichinho”, mas apercebeu-se que ainda não tinha encontrado a área que a satisfazia profissionalmente, tendo mais tarde algumas experiências na área da comunicação empresarial, na vertente de relações públicas. A professora licenciada em Comunicação Social, pela Universidade da Beira-Interior, chega à Escola Superior de Educação em 1995, através de um “anúncio de uma procura de profissionais para lecionar aqui na escola”. Aos 25 anos, decidiu que era “altura de arriscarmos e fazermos experiências”, acreditando que seria boa uma oportunidade de desenvolver o seu conhecimento, e de perceber “o que é que eu gostava de fazer do ponto de vista profissional”. Ao realizar uma viagem ao passado, relembra alguns momentos e pessoas que marcaram o seu percurso, entre elas, a professora Regina Marques, “colegas fantásticos”, e a Professora Ana Pessoa, “alguém que tem uma grande capacidade de comunicação, de retórica, tem uma memória fantástica. Aprendi imenso a trabalhar com ela”. Recorda ainda o impacto da sua primeira experiência enquanto docente e a turma

Dar
o
meu
próprio
contributo
e
sentir-me
bem
no
final
do
dia
e
dizer:
eu
fiz
a
minha
parte

que lecionou, alegando que, “aprendi mais do que eles aprenderam comigo, portanto acho que foi um ano muito bom para mim e péssimo para eles”. Como Alcina Dourado descreve, a escola onde exerce o seu ofício é uma “aprendizagem constante”. Foi esta instituição que lhe proporcionou várias experiências que a enriqueceram e marcaram, “o simples facto de ter tido a oportunidade de contactar com colegas europeus, projetos, viajar, trazer esses inputs para a sala de aula, produzir artigos, fazer os vários níveis de formação. Eu corri esses caminhos todos, portanto, à escola o devo, à ESE, ao IPS o devo”. A perspetiva que tem desta casa, é transportada para a sua vida pessoal, descrevendo-se como alguém que “continua a gostar de aprender lá fora”, nunca perdendo pelo caminho a sua essência, “ser autónoma, ser autossuficiente”. Apesar de ainda lhe esperarem alguns anos até à sua saída, a professora gostaria de ser lembrada como “alguém que conseguiu trabalhar em equipa, que procurou consensos, que procurou aprender e sempre ultrapassar-se a si própria, e que gostava de encontrar soluções”. Aos 54 anos, Alcina Dourado adota como mantra, “dar o meu próprio contributo e sentir-me bem no final do dia e dizer: eu fiz a minha parte”, sendo sempre grata pelo que tem vivido na ESE,

Diogo Mendes

Uma aprendizagem constante

“Só tenho a agradecer esta possibilidade de estar aqui”



“Em tudo na vida é preciso disciplina, é para trabalhar, é para trabalhar, é para divertir, é para divertir, mas temos que saber separar as águas”

Entre a medicina e a comunicação, Ricardo Nunes, de 55 anos, percebeu desde cedo que faria do jornalismo a sua vida “tinha a noção clara de que a matemática iria ser sempre um embaraço”, assim licenciou-se na Universidade Nova de Lisboa em Comunicação Social. Nunca se deixou estar de braços cruzados, porque no fundo quem espera nem sempre alcança. Ainda a estudar, bateu à porta da Rádio Azul e ali descobriu a paixão que viria a ser o grande amor da sua vida, sem nunca se “vincular nem à programação, nem à informação”. Um ano depois, subindo as escadas da sua vida é à Rua Tomás da Fonseca, em Lisboa, que decide dirigir-se, ali morava a Rádio TSF, uma das referências jornalísticas do docente, apresentou-se e por lá ficou, entre inúmeros horários, funções e diversos sentimentos cada vez que abria a via do microfone. “Eu sempre tive noção de que eu, nunca tive um interesse apenas numa só coisa”, e esta premissa levou-o à educação, “sou uma pessoa que entende o mundo como uma espécie de mesa buffet, como se fôssemos a um casamento”, a vida, no olhar atento e desconcertante de Ricardo Nunes, é aquilo que fizemos dela. Começou por “ensinar comunicação interpessoal a hospedeiras”, mais tarde a Escola Superior de

Educação chega à sua vida como se de uma lufada de ar fresco se tratasse, era um “edifício enorme e lindíssimo”. A sua essência é evidente com a satisfação dos alunos ao longo dos anos, o docente leva consigo um lema “em tudo na vida é preciso disciplina, é para trabalhar, é para trabalhar, é para divertir, é para divertir, mas temos que saber separar as águas”. O coração do jornalista sempre teve tempo e espaço para alojar inúmeras paixões, é por isso que o mesmo coração pulsante de ideias, se aperta ao falar de uma das decisões mais difíceis que teve de tomar. A ESE ou a TSF. Foi num silêncio agitado e ensurdecedor que tomou a decisão de permanecer no ensino, mas sem nunca esquecer aquela rádio, que “continua a ser minha”. Nestes dias difíceis apesar de rodeado de amigos, há uma pessoa a quem Ricardo Nunes procura um apoio e uma palavra de apreço, é alguém que “tem uma assoalhada gigantesca no meu coração”. Dizia Sebastião da Gama “pelo sonho é que vamos, comovidos e mudos”, mas é a autenticidade o combustível que alimenta a viagem do professor, “devia existir o verbo «verdade»”. Nesta romaria, da vida, que ainda vai no adro Ricardo Nunes, vê na ESE, um porta-estandarte de conhecimento, pelo menos é assim que descreve aquela que tem sido a sua casa durante as últimas três décadas.

Tomás Marques



Pela “verdade” é que vamos

A Casa que “continua a ser minha”

A melodia da educação

Do primeiro acorde ao palco da formação

Foi na harmonia do ensino que o docente Carlos Xavier encontrou a sua clave de sol. Começou por estudar no Conservatório da Covilhã, depois no Conservatório Nacional, e por fim, ingressou na licenciatura em Professores de Educação Musical do Ensino Básico na Escola Superior de Educação. Durante esta última, em 1995, quando ainda estava no final do primeiro ano, recebeu um convite do professor José Carlos Godinho, para lecionar na instituição e no curso que frequentava, “dava aulas aos alunos do terceiro ano, estando eu no segundo”, “foi um bocadinho complicado”. Como ainda era estudante, foi-lhe dado o título de monitor, só mais tarde após se licenciar, em 1997, é que ingressou como professor assistente, um caminho “seguido e natural”. Desde então, tem vindo a inovar a ESE através de, “sistemas de gravação”, “mesas de mistura” e uma nova vida ao ensino musical, que agora conta com guitarras elétricas, teclados, etc. A sua paixão pelo mundo das partituras começou em criança, quando ainda no seu país de origem, a Índia, teve aulas de estudos musicais, com um padre jesuíta que se apercebeu do seu dom especial, a sua característica chamada “ouvido absoluto”, que consiste em ouvir tudo em simultâneo. Foi aos 10 anos que, desafiado pelo seu mentor, deu o primeiro concerto. Reside em Portugal desde 1972, atualmente, vive em Setúbal, mas não esquece a sua cidade do coração, Goa, onde vai todos os anos visitar a família que mantém a mesma casa há cinco séculos e onde

se sente “um peso muito grande da história”. Acredita que, quando sair da instituição localizada na Freguesia de São Sebastião, aquilo de que provavelmente vai sentir mais saudades é “dos bons momentos que vivi na escola”. Aos 55 anos, descreve-se como alguém “criativo”, “dedicado”, “transformador” e “inclusivo”, nos seus tempos livres é “músico”, “produtor” e “compositor”, há cerca de 10 anos que trabalha com a população carenciada e sonha um dia compra uma casa nos Himalaias, para viver com a mulher e a família, um lugar que já teve oportunidade de visitar e onde “senti uma coisa que nunca tinha sentido”. Descreve a ESE através da palavra “inspirador”, o legado ou impacto que lá irá deixar, é nas áreas relacionadas com a música e a interpretação artística. Destaca o professor José Carlos Godinho como sendo a pessoa que mais o marcou na instituição, “foi quem me convidou e que confiou em mim”. Agora, transforma a sua bagagem sinfónica em harmonia para os seus estudantes. Fã do estilo pop, o docente Carlos Xavier encontrou a sua própria melodia naquela que foi a escola que o viu crescer entre ritmos, sons, notas e pautas musicais.

“Dava aulas aos alunos do terceiro ano, estando eu no segundo”

“ O ensino não é apenas uma profissão,
mas um ato de criação, uma forma de tocar o futuro”

Helena Simões é uma mulher de raízes profundas, alentejana de Estremoz, mas com asas que a levaram a Lisboa e de seguida à Escola Superior de Educação “aqui em Setúbal”. Professora há muitos anos, vive entre a ciência que desvenda mistérios e a paixão de ensinar, tocando com a sua dedicação, vidas que se multiplicam em novas aprendizagens, “sou um bom exemplo da desertificação do Alentejo”, mas também a semente que germina noutros lugares. É “apaixonada pela área da ciência” onde encontrou o fascínio pelo mundo natural. Embora tenha sido na sua família “a primeira pessoa que estudou a área das ciências naturais”, não renega as humanidades, pelo contrário, dança entre os microscópios e a literatura, entre a razão e a poesia. Chegou à ESE por caminhos do acaso, conduzida pela intuição e pelo incentivo de colegas como Leonor Saraiva, rapidamente fazendo da Escola Superior de Educação o seu espaço de pertença. Os desafios que enfrentou nunca a fizeram recuar, aprendeu a conduzir entre as curvas e embraiagens para aqui chegar, “foi muito fácil integrar-me aqui na escola, tem um ambiente, muito informal, do ponto de vista da relação entre os professores” foi na simplicidade do dia a dia, que encontrou o seu porto seguro. Para a Coordenadora do departamento a

colaboração e o coração são tudo “é no encontro como outro, com olhares diferentes, que nascem as melhores ideias”. A escola, envolta pela floresta mediterrânea, é mais do que um espaço físico, é uma “inspiração constante” onde a biodiversidade que tanto ama se transforma num projeto de vida. Fora das paredes das salas de aula, perde-se em percursos pedestres, no entanto as suas conquistas não se medem apenas nos passos que dá na natureza, mas também nos caminhos que abriu para os outros, “a formação que tive em Timor, foi uma experiência transformadora, um encontro com mundos diferentes que me enriqueceu profundamente”. Os projetos em que está envolvida abrem portas para os estudantes, mas “sonho que a escola vá mais longe” mostrando ainda mais o seu valor à comunidade. A Escola Superior de Educação, é “uma casa onde a luz entra por todos os cantos, iluminando o caminho dos que aqui passam”. Na reta final da sua carreira “não procuro grandes glórias”, quer ser lembrada como “uma colaboradora incansável, entusiasta, uma professora que experimentou, arriscou e caminhou com justiça e generosidade”. Para a docente “o ensino não é apenas uma profissão, mas um ato de criação, uma forma de tocar o futuro”, “a ESE é casa, um lugar onde as ideias crescem” e onde entre a ciência e a poesia, encontrou o seu espaço no mundo.

Bernardo Duarte

A luz da ciência e da educação

“Vivo a minha *profissão* com grande *intensidade* e *paixão*”



*Ana Maria
Bettencourt*



Uma vida pontuada por determinação e larga experiência profissional: política, assessora presidencial mas esta entrevista enfatiza a professora e a gestora académica. Figura maior da génese da Escola Superior de Educação, Ana Maria Bettencourt antecipou o nascimento da ESE, antes do primeiro traço de Siza Vieira. Ao lado de Maria Emília Brederode Santos e Teresa Martins integrou a 1ª Comissão Instaladora em 1985.



De volta ao início

“Acho que não há palavras para explicar o que nós vivemos naquela altura”

Daniela Nunes: Antes de começarmos, agradecemos mais uma vez por ter aceitado o convite. Estamos muito lisonjeadas de o poder fazer

Ana Maria Bettencourt: Eu quero agradecer e quero dizer que é a minha obrigação, o meu dever fazer isto. Eu acho que as pessoas que saem das instituições devem estar disponíveis para colaborar e isto é um momento importante para o ser feito.

Daniela Nunes: Como surgiu a ideia de fundar a ESE? No fundo, quais foram as principais motivações?

Ana Maria Bettencourt: Bom, havia um projeto para criar escolas de privilégios de educação em todo o país. Nessa fase, era essencialmente a formação de professores. Estamos a falar de... Vamos nos situar no momento da Revolução de 74. O que havia eram escolas de magistério primário, um pouco por todo o país e Setúbal não tinha uma. Portanto, viu-se que era muito importante qualificar os portugueses, nós tínhamos índices desgraçados. O país era realmente visto como tendo uma situação absolutamente lamentável em matéria de escolarização. Assim, a seguir ao 25 de abril, sentiu-se logo a necessidade de fazer alguma coisa pela educação e as escolas do magistério primário foram o alvo. Nessa altura havia verbas do Banco Mundial e pensou-se em fazer escolas superiores de educação a partir das escolas do magistério primário. Em Setúbal não havia, portanto, arrancaram as escolas no país todo. Houve umas em que se pegou nos edifícios que já havia, os projetos foram uma transformação e houve outras em que não havia escolas e foram projetos novos. Para dar um exemplo, a Escola de Superior Educação de Lisboa era um edifício muito antigo, muito bonito, de um arquiteto conhecido e a de Leiria não tinha escola, portanto, foi um projeto

novos. Na altura, eu estava a trabalhar no projeto das escolas do Banco Mundial, na formação dos professores para as Escolas Superiores de Educação e veio a ideia de, “mas porque é que Setúbal não tem uma escola?”. Havia outro problema, é que havia muitos professores nas escolas de repente, a frequência das escolas básicas e secundárias começou a aumentar muito e foram recrutados muitos professores sem qualificação. Portanto, ao nível das escolas básicas e secundárias, não do primeiro ciclo, mas do ciclo preparatório, que era o quinto, sexto e do secundário e então surgiu um projeto de profissionalização desses professores e a utilização das escolas superiores de educação. Acontece que Setúbal era um distrito jovem, com muitas escolas novas e, de repente havia aqui 500, 600 professores que não precisavam dessa informação e isso foi mais um pretexto, um argumento para defender a criação de uma escola superior de educação em Setúbal, ou seja, a ideia veio das necessidades e da ideia. Pessoalmente, eu tinha alguma militância por Setúbal. Na altura, existiam muitos problemas sociais neste distrito e havia um bispo fantástico que se fartava de falar nisso, as pessoas ouviam e, portanto, desta necessidade, utilizámos esse argumento para defender a criação da ESE e fomos ouvidas. Eu digo que fomos ouvidas porque éramos três mulheres, coisa que não acontecia em mais lado nenhum. E pronto, eu fui nomeada presidente, a doutora Maria Emília Brederode Santos, que estava na equipa de Lisboa, disse: “é muito mais interessante ir para Setúbal”. Telefonou-me a dizer: “Eu vou contigo”. E a doutora Teresa Martins, que era da área das finanças, nós éramos mais das áreas das humanidades, da sociologia, da pedagogia, da educação e ela apoiou-nos

Eu digo que fomos ouvidas porque éramos três mulheres, coisa que não acontecia em mais lado nenhum. E pronto, eu fui nomeada presidente, a doutora Maria Emília Brederode Santos, que estava na equipa de Lisboa, disse: “é muito mais interessante ir para Setúbal”. Telefonou-me a dizer: “Eu vou contigo”. E a doutora Teresa Martins, que era da área das finanças, nós éramos mais das áreas das humanidades, da sociologia, da pedagogia, da educação e ela apoiou-nos muito. Eu aprendi bastante com ela a estudar orçamentos, coisa que nos serviu bastante ao longo da vida.

Inês Salgueiro: Como se desenrolou todo este processo de recruta dos professores para a escola e, sobretudo, quais foram as principais conversas que estiveram em cima da mesa?

AMB: Em primeiro lugar, eu gostava de situar o país. Quando nós viemos para cá, fomos ali para o Palácio Fryxell, onde tínhamos duas ou três salas e, portanto, tínhamos muito pouco espaço. Eu gostava de dizer que uma das grandes vantagens que nós tínhamos era a autonomia. O projeto que foi construído com todos, aquelas três pessoas e mais as pessoas que vieram, tivemos uma grande autonomia para conceber um projeto novo. Como é que nós recrutávamos? Primeiro, talvez fosse bom lembrar que eu trabalhava no Ministério na conceção deste projeto. Havia uma outra pessoa, que era a Dra. Maria José Rao, que também tinha trabalhado e que, entretanto, tinha saído e fiquei eu. E um dos aspetos que se pensou foi na formação de professores para estas novas escolas. A pedagogia, a educação, a sociologia, a psicologia, eram muito desvalorizadas no Estado Novo. Portanto, havia pouca gente formada. E foi concebido também, com verbas do Banco Mundial, um projeto em

que se recrutou as pessoas com base no que haviam de ser as escolas superiores de educação e foram selecionadas, depois fizeram formação em Boston, em Bordeaux e saíram mestres, na altura havia muito poucos mestres em Portugal, que iriam ser, digamos, afetos às diferentes escolas superiores de educação. E nós roubamos uns quantos, de Beja, de Évora, de Lisboa, assim que eu me lembro, e formamos um núcleo inicial. E não eram só desses professores, havia professores que tinham um bom currículo na educação e que também vieram, como a Lisete Castro, a Lucila Salgado, eram pessoas muito conhecidas na área da educação, tinham um currículo muito bom e vieram para aqui. Com base nesse núcleo inicial, definiu-se um projeto e com base nesse projeto foram recrutadas as pessoas. A pergunta, como é que eram recrutadas as pessoas? Quem vinha para aqui tinha que estudar o projeto e apresentar uma proposta, o que é que eu quero vir para aqui fazer? Não é um emprego qualquer, é um trabalho para desenvolver um projeto que já está em andamento. E foi com base nesse projeto que, a partir da equipa inicial, se recrutou a primeira equipa significativa. Agora, se perguntar como é que foi concebido esse projeto, foi verdadeiramente um núcleo pequeno de pessoas.

DN: E quais são as principais memórias que ficam ao fim de 40 anos?

AMB: As principais memórias... São estas que eu vos estou a dizer, eu não estou a olhar para o papel. Acho que nunca mais na vida tive oportunidade de fazer ou de contribuir, de organizar um projeto tão coerente com aquilo que pensávamos e com algumas possibilidades.

IS: Olhando para trás, sente que os seus objetivos para a ESE foram bem executados?

AMB: Eu acho que sim. Eu acho que esta escola, durante muito tempo, foi um emblema. Eu lembro-me de estar num congresso em Lisboa, com um professor conhecido francês, e de ele dizer, “é de Setúbal? Eu sei que tudo o que se passa de interessante é lá”. Portanto, havia um bocado este emblema de Fado. Esta escola era fiel ao projeto, porque muitas vezes há um domínio de dizer, nós temos um projeto educativo, não têm nada, não têm um papel, há algumas coisas, mas depois há tantos obstáculos. E aqui tínhamos autonomia, mas tínhamos convicções. Trabalhávamos imenso com os professores que cá estavam e eles conosco. Isto não era estático, foi evoluindo. E depois trabalhávamos imenso com as escolas, porque tínhamos lá professores em formação que vinham cá e muito aprendemos com eles sobre o que se passava nas escolas. Estávamos em 75, 76 por aí, havia uma dinâmica que nem mesmo os filmes de hoje do 25 de Abril conseguem relatar. Acho que não há palavras para explicar o que nós vivemos naquela altura.

DN: Quais é que acredita que tenham sido as decisões mais complicadas de tomar ao longo de todo o processo?

AMB: Tivemos sempre uma equipa muito dinâmica, com muito a decidir, a fazer esforços. O que havia de problemas era ultrapassado. Vou-vos dar um exemplo, eu tinha dado aulas na Faculdade de Ciências, também no ramo de educação. Logo a seguir ao 25 de Abril, a ideia é a de que não há avaliação, passam todos. E aqui também chegou um pouco dessa moda, portanto, foi sobretudo para a profissionalização. Foi uma luta que nós tivemos, não podia ser, não nos levavam a sério. As decisões têm de ser fundamentadas. Acho que devem ser discutidas com os formandos,

mas essa ideia de que à partida passam todos, mesmo que não façam nada, foi uma das que eu me lembro. Havia uma outra ideia interessante, que se calhar vale a pena, já ninguém fala dela. Nós tínhamos decidido ir para o campus, porque sempre achámos que era interessante os alunos, ou as alunas, na altura, era previsível que fossem muito mais mulheres, porque era uma escola de educação, tivessem contacto entre si. Havia só a escola de tecnologia, a outra não existia. E, portanto, decidimos ir para o campus, mas depois pensámos: A ideia de ter uma escola em Setúbal, fica um bocadinho longe e como a ideia do Projeto da ESE era muito uma ideia de intervenção na cidade, dinâmica, contribuir para o desenvolvimento cultural, então, acho que era muito importante nós termos um espaço em Setúbal. E, em frente ao Palácio Fryxell, onde nós estávamos, havia o que é hoje o Museu do Trabalho. E famoso, portanto, a ideia de que a profissionalização, a formação contínua, os desenvolvimentos mais culturais, podiam ter lugar ali. Chegámos a falar com outro arquiteto muito conhecido, que era o Nuno Teotónio Pereira que começou a pensar nisso. Mas depois as escolas... Isto é outra história. O que acho que perverteu muito a ideia da ESE, foi que as escolas se viraram muito para a formação inicial, qualquer que ela fosse e o financiamento vinha por aluno da formação inicial. Todo o resto tinha uns financiamentos parcelares, mas não chegava para alimentar as escolas. E isso acho que foi muito a pena, porque, de facto, podia ter sido uma escola com uma grande dinâmica a nível da cidade, como se encontram muitas escolas em Inglaterra, em outros países, em que a ideia do ensino superior, e não só, é muito mais virada para o desenvolvimento cultural.

E hoje em dia, com as questões climáticas e ambientais, as escolas têm de ter um papel muito mais decisivo junto com os cidadãos. E eu acho que isto é, de facto, uma atrofia que fizeram ao projeto. E isso acho que foi muito a pena, porque, de facto, podia ter sido uma escola com uma grande dinâmica a nível da cidade, como se encontram muitas escolas em Inglaterra, em outros países, em que a ideia do ensino superior, e não só, é muito mais virada para o desenvolvimento cultural. E hoje em dia, com as questões climáticas e ambientais, as escolas têm de ter um papel muito mais decisivo junto com os cidadãos. E eu acho que isto é, de facto, uma atrofia que fizeram ao projeto.

IS: Construir uma escola como esta implicou muito esforço, dedicação e rasgo, mas também astros alinhados, concorda?

AMB: Não sei, não sei muito bem responder à sua questão, mas acho que sim, acho que havia uma di-

nâmica no distrito, quer dizer, astros não sei, não sei pensar assim, mas este distrito tinha uma grande dinâmica e eu acho que a receberam muito bem, algumas forças, nem todas, agora se falarmos de política... Mas receberam muito bem esta ideia, a ideia do Siza. Há pessoas, como o Fernando António Baptista Pereira, que é um professor de História muito conhecido, que trabalhou muitos anos no... julgo que ele agora esteja nas Belas Artes. Mas eu disse muitas vezes que o Convento de Jesus e esta escola eram os dois marcos na história de Setúbal, da arquitetura, do património. Mas isto para lhe dizer que sim, eu acho que isto ia acontecer de qualquer maneira. Poderam não ter sido este projeto, como os outros. Não desfazendo, mas como os outros.

DN: E o que é que ficou alinhado à sua viabilização?



AMB: Quer dizer, eu acho que com o tempo, com a pressão económica do financiamento, muitas vezes as opções, como eu já vos disse, por exemplo, a questão do edifício, muitas vezes eu julgo que muitas opções não favoreceram a ideia de um projeto original mais virado para o distrito. Agora, é agradável a gente chegar aqui e uma pessoa à bocadinho me vir dizer: Professora, é a ESE. Isto quer dizer muito, não é? Acho que ficou muita coisa, mas é evidente que sem os meios, com uma pressão exterior, em matéria de currículos, seria muito mais interessante. Posso dar um exemplo, não sei se vocês têm conhecimento, das atividades interculturais. Eu tive duas vezes um conceito em que os alunos iam uma semana para fora, em grupo. Havia ali uma espécie de intervenção, mas de conhecimento da realidade. Lá está esta ligação ao meio. Isso acho que é uma barbaridade ter acabado. Na segunda vez que eu estive no Conselho Diretivo, tínhamos um projeto à quinta-feira, por exemplo, em que não havia aulas, os alunos não tinham aulas, mas havia atividades culturais. Havia uma equipa que ficava encarregada de organizar uma atividade e de avaliar o sucesso dessa atividade. Muitas vezes eram de música, mas podia ser de comunicação social ou outra coisa qualquer. Portanto, eu acho que talvez tenha falhado. Tenham falhado condições para haver mais dinâmica cultural, mais intervenção no meio. Faz-me muita impressão as pessoas estarem nesta escola e não conhecerem Setúbal, os seus problemas. Entretanto evolui muito, mas também, em termos educativos, Setúbal tem hoje outros problemas, tem mais imigrantes. Há outras necessidades, mas que também são urgentes. Agora, é evidente que se houvesse uma aposta entre

projetos virados para as questões da intervenção ao nível das questões climáticas, ao nível das questões sociais, ao nível da integração, eu acho que era preciso dar aqui uma volta. condições. Agora é preciso meios. Porque se houver meios, eu acredito que há vontade, há condições. Agora é preciso meios. Nós trabalhámos imenso dias com as pessoas para construir aquele projeto, para explicar a inovação, porque era um projeto inovador e nem sempre as inovações são bem recebidas. As inovações são bem-recebidas, não é? Aquela foi bem-recebida, bem-apropriada pelos professores e por aqueles que estavam em formação, porque havia muito trabalho com os alunos, mas também com a equipa. Falava-se muito do projeto. Agora é preciso meios. Nós trabalhámos imenso dias com as pessoas para construir aquele projeto, para explicar a inovação, porque era um projeto inovador e nem sempre as inovações são bem recebidas. As inovações são bem-recebidas, não é? Aquela foi bem-recebida, bem-apropriada pelos professores e por aqueles que estavam em formação, porque havia muito trabalho com os alunos, mas também com a equipa. Falava-se muito do projeto. Ou isto não está de acordo com o projeto, ou isto vai valorizar o projeto. Portanto, o projeto estava na cabeça das pessoas. Há um documento, está ali, estou a ver, aquele documento ali naquele canto [Aponta em direção a uma estante da biblioteca]. Sim, aquele documento foi o primeiro que nós fizemos.

IS: Sempre teve um posicionamento político ativo, nós queríamos saber se os seus valores, de alguma forma, foram transmitidos para a própria instituição?



AMB: Ui! Estão a ir para um caminho complicado. Sempre tive valores... Acho que... Eu vivi em Paris. Estava em Paris em maio de 68. E foi um... Digamos que foi... Um momento que deu um bocado de volta à minha vida, à maneira como eu pensava. Foi uma grande oportunidade também. Eu sempre fui de esquerda. A vida partidária não tem nada a ver com a escola. Acho que aqui havia pessoas... Ligadas a vários partidos, mesmo ligadas, não posso jurar, mas penso que havia e isso não nos impedia de trabalhar em conjunto. Mas sim, sempre tive um bocado. Já fui deputada. Já fui eleita pelo Parlamento. Mas aí não era uma eleição partidária. Fui presidente do Conselho Nacional de Educação. Mas... Fiz essa passagem pela vida política mais ativa. Trabalhei muito com jovens. Gostava muito de trabalhar com jovens a nível partidário. Não para eles pensarem como eu, mas... Para a vida política não ser só preto no branco, mas para

as pessoas pensarem, terem um pensamento. Mas, às vezes... Isto é não dizer isto, mas às vezes penso que perdi um bocado de tempo. Não perdi tempo a defender o Distrito de Setúbal, que foi uma coisa que eu gostei muito. Tive gente que trabalhou comigo, não eram afiliados partidariamente, mas trabalharam comigo. Eram daqui e ajudaram, por exemplo, ao nível do património. Foi muito importante. A Marta Dias, cantora com quem eu trabalhei muito ao nível do património. A ideia de intervir, de que o deputado tem a responsabilidade por intervir, isso foi. O nível, o interior, as práticas partidárias, aí é que eu acho que perdi um bocado de tempo, porque eu gostava muito de ter mudado e não mudei nada, continuava tudo igual e pouco interessante, pouco motivador as práticas partidárias. Mas o trabalho político, mesmo como deputada, isso foi muito interessante. Este distrito tinha muitos problemas.

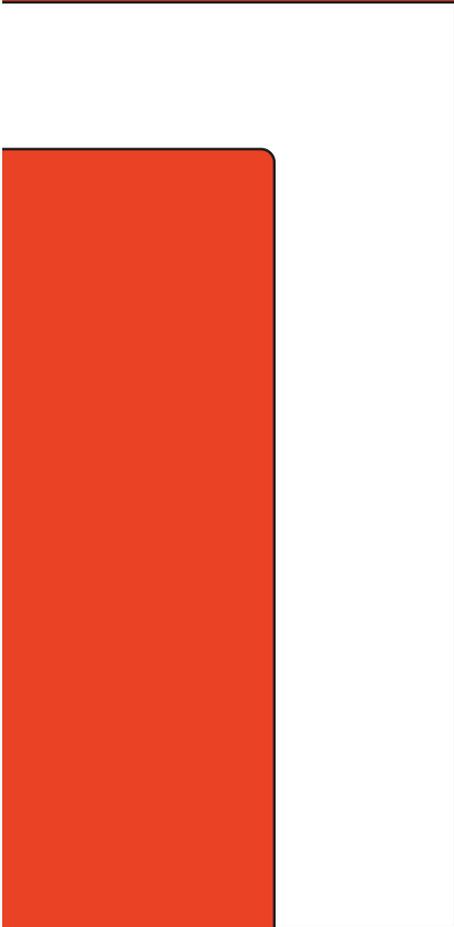


O nível, o interior, as práticas partidárias, aí é que eu acho que perdi um bocado de tempo, porque eu gostava muito de ter mudado e não mudei nada, continua tudo igual e pouco interessante, pouco motivador as práticas partidárias. Mas o trabalho político, mesmo como deputada, isso foi muito interessante. Este distrito tinha muitos problemas. As escolas tinham muitos problemas também, o património. Eu aprendi muito com as pessoas. E esta ideia da responsabilidade que um deputado tem por defender quem o elege. Eu depois fiz um balanço da minha ação como deputada. Isso foi uma coisa muito interessante. E que valia a pena ser mais valorizada. Muitas pessoas não percebem o que é que o deputado faz. O que é que ele pode exigir. Eu tive, por exemplo, dou-vos um exemplo de um senhor que um dia me pediu para falar e eu disse, sim senhor. Ele disse: Eu venho falar consigo porque acho que tenho a obrigação de me defender. Estava com um problema ambiental: Eu vivi nos Estados Unidos e sei qual é o papel dos deputados e sei que a senhora tem a obrigação de me defender.

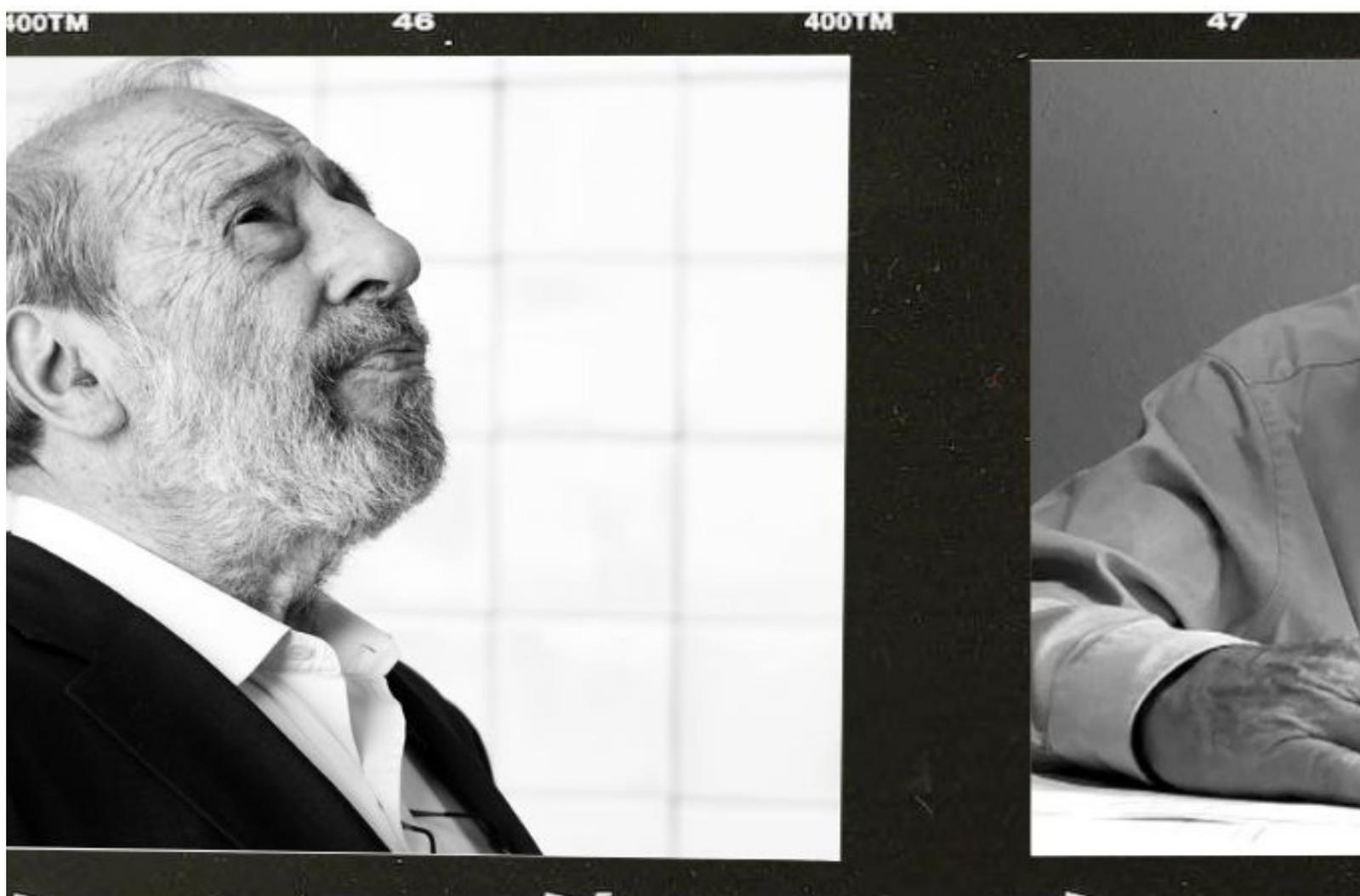
Eu achei que ele tinha razão. Um deputado é isso mesmo, tem de defender quem o elege. Isso são dimensões de que eu gostei muito. As práticas no nível da gestão dos partidos são menos interessantes. Eu apanei uma fase interessante mesmo nesse aspeto que foi a crítica, o facto de haver muito poucas mulheres na política. Eu defendi as cotas, felizmente hoje há muito mais mulheres, mas na altura era muito complicado, era muito desvalorizado. As pessoas não respeitavam muito as intervenções das mulheres. Há aquele figurino parlamentar que é pouco interessante, as pessoas acham que estão ali a defender as causas, mas estão a dizer ao povo o que há de pensar. E isso eu acho pena, não se dar mais elementos, acho que as escolas poderiam ter um papel muito importante, ao nível de, não de formar pessoas partidárias, era ao nível de formar cidadãos capazes de intervir. Isso acho que fazem pouco. Ainda não se faz o suficiente digamos.

DN: Em que palavra pensa quando o assunto é a ESE?

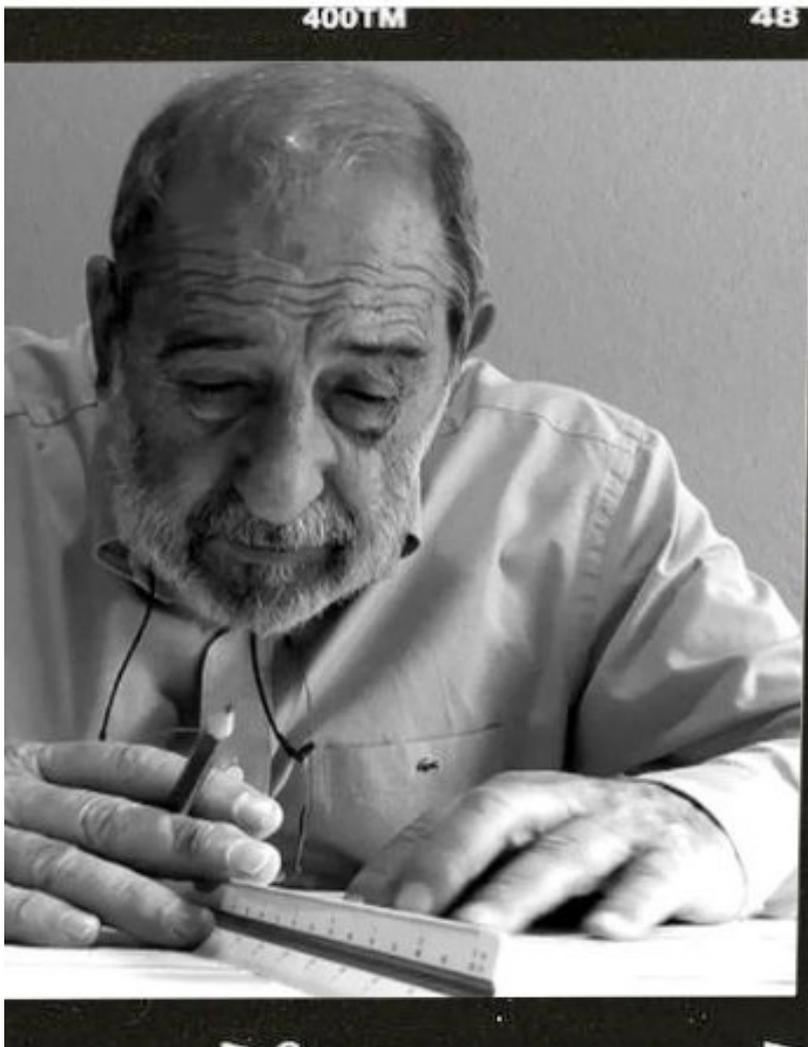
AMB: Tenho pouco jeito para palavras. [Ri-se e repensa] Gostar de aprender. Bem-estar.



Álvaro



Siza Vieira



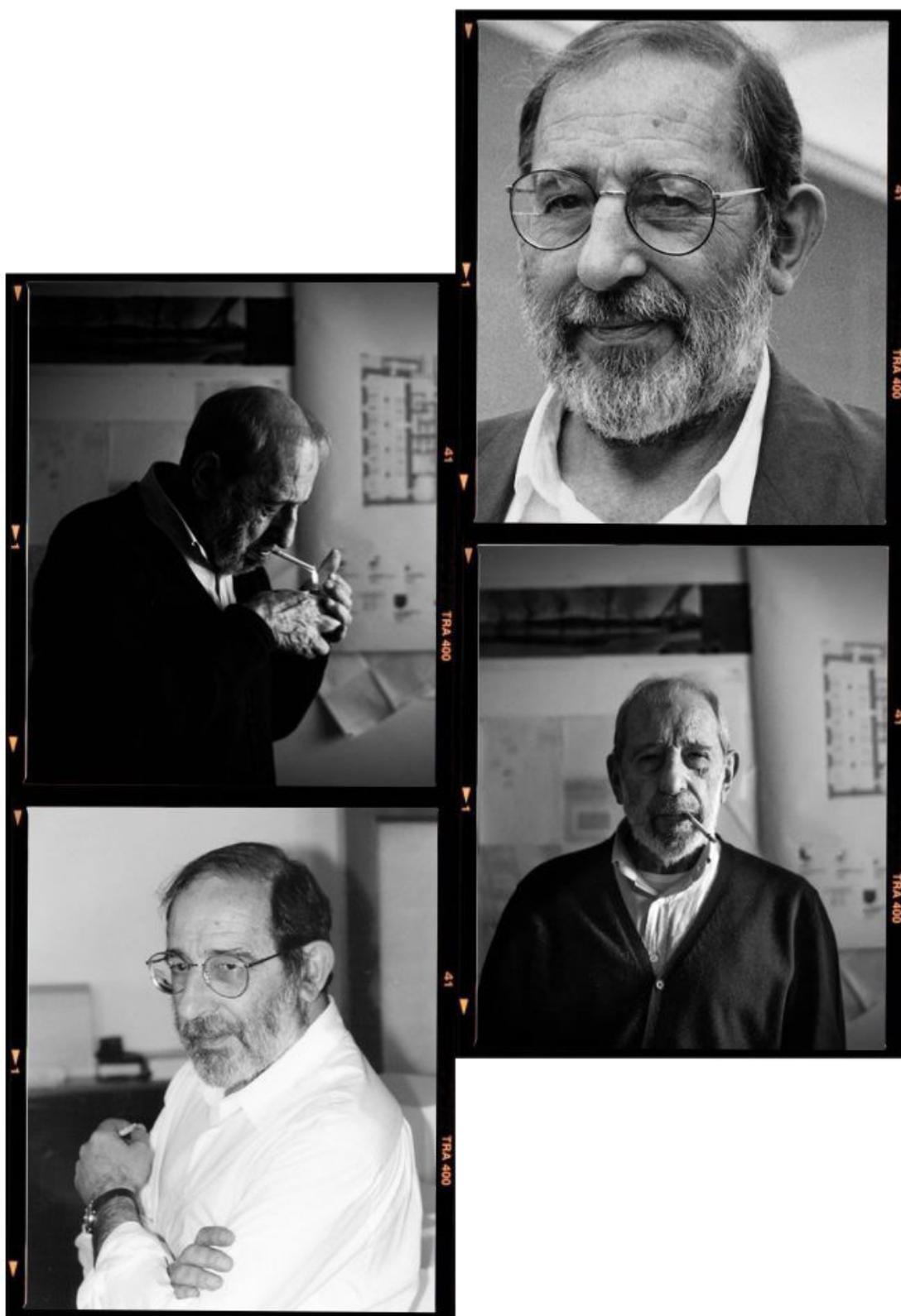


“Uma escola era uma coisa muito grande para ser feita por mim. Foi uma experiência excelente. É algo difícil...”

“Fazer um projecto não é fazer desenhos. Por trás desta escola está uma escola, não no sentido material, mas com o seu corpo docente, com os seus representantes.”

“Penso que muito do que se recebe numa escola não tem a ver com as aulas, tem a ver com o convívio, com o estabelecimento de relações, com a abertura ao diálogo e a vontade de conhecer outras ideias, outras pessoas.”

“Eu não concebo uma escola que seja simplesmente corredores e salas de aula, com dimensões óptimas, luz óptima e mais não sei quantos anfiteatros. É necessário que uma pessoa se reconheça num espaço comunitário e, aqui, preocupei-me com isso.”

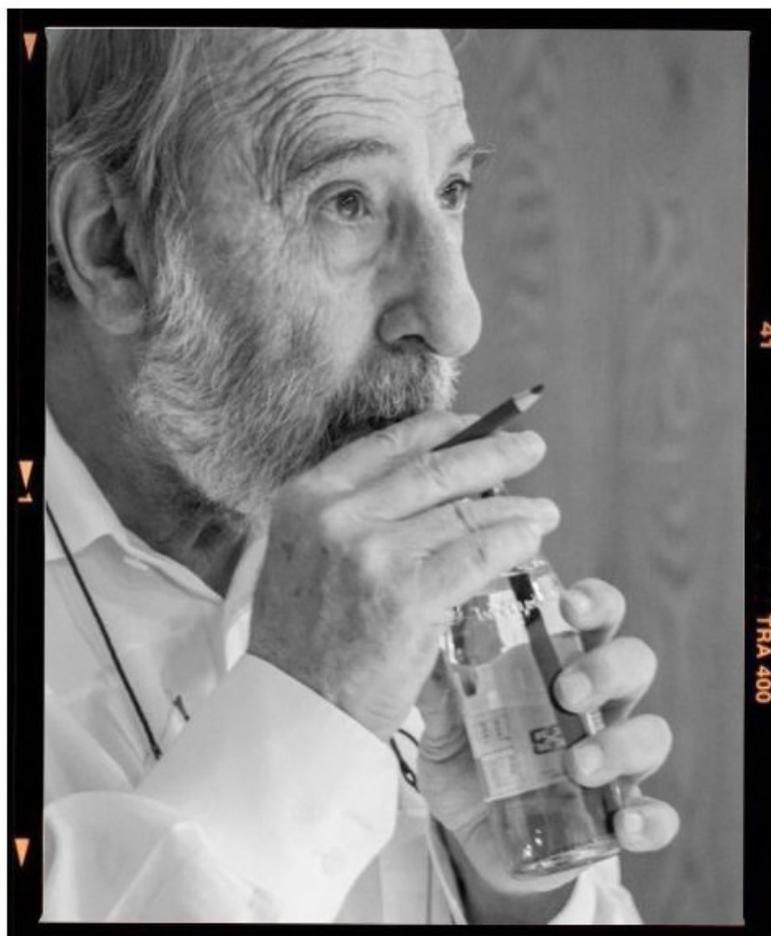


“Eu considero-a uma obra feliz na minha vida profissional.”

“Isto é, Setúbal é uma cidade que está a transformar-se muito, é uma zona forte do ponto de vista industrial.”

“E nós trabalhamos de duas formas: ou nos apoiam e sentimos que estamos a trabalhar para qualquer coisa viva, ou, quando nos dão completamente cabo da vida.”

“É um facto que nenhum arquitecto pode fazer qualquer coisa de interessante e transformador se não tiver por trás uma vontade disso.”



Francisca Caeiro - Como surgiu o convite para projetar a Escola Superior de Educação de Setúbal?

Siza Vieira - É mais que provável que os responsáveis pela construção da Escola me tenham julgado capaz.

Tomás Marques - Que desafios enfrentou ao projetar um edifício com finalidades tão específicas como o ensino?

SV - O desafio bem-vindo do diálogo, para compreender e responder à “aquele momento” de criação do espaço para uma escola com um programa específico.

FC - De que forma o espaço envolvente influenciou o design da ESE?

SV - Muito sempre, como sempre deve acontecer. Um belo espaço de conveniente dimensão, acesso, topografia. Do arvoredo existente foi possível manter o sobreiro que assinala o acesso ao átrio principal. Desse átrio parte uma galeria de dois pisos, ao longo da qual se distribui a sequência das salas de aula, abertas sobre o pórtico que envolve o pátio central.

TM - Quais foram as principais preocupações na criação de um ambiente funcional e inspirador para a comunidade académica?

SV - A clareza na distribuição do programa e sua relação com o exterior. Salas de aula em sequência e áreas especiais no lado oposto, com autonomia de expressão própria da sua especificidade: biblioteca, auditório, cantina.

FC - Como foi lidar com o Sobreiro? Um estímulo ou um obstáculo?

SV - Para construir a Escola foi necessária uma autorização para abater os sobreiros existentes. Cheguei à obra de manhã, vindo do Porto. Ao chegar vi com ansiedade um grupo de trabalhadores rodeando um sobreiro sobrevivente e munidos de ameaçadores instrumentos de abate. Não sei se por milagre cheguei a tempo de o suspender. Esta última árvore ocupava o eixo do pátio, junto ao extremo onde projetara a porta principal. Sentei-me numa pedra e respirei.

TM - De um lado um sobreiro, no outro projetou o pátio da amendoeiras. Qual a leitura que propõe?

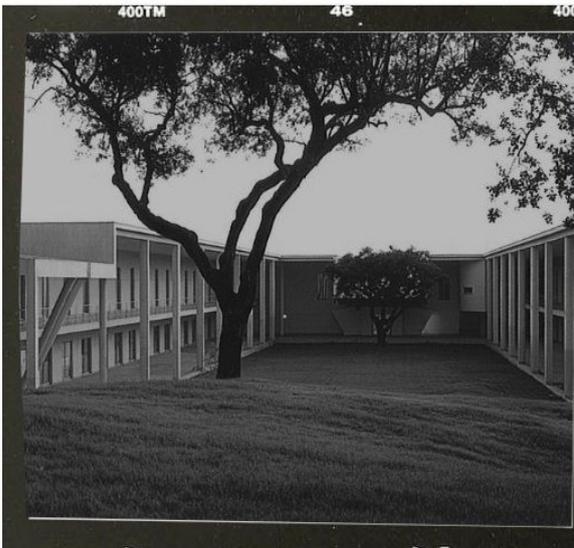
SV - Nada de especial. Conversando com o paisagista pareceu-nos apropriada a escolha de amendoeiras. O pátio seria relvado.

FC - O corredor vermelho é um espaço distintivo. Porquê o vermelho? Porquê um corredor?

SV - É uma espécie de antecâmara exterior assinalando a entrada na Escola a partir do parque de estacionamento de veículos projetado.

TM - Se pudesse falar com o jovem Álvaro Siza no início da sua carreira, que conselho lhe daria sobre a vida?

SV - Não estaria em condições de dar conselhos, ausente a experiência de a ter vivido. Quem mantiver dúvidas deverá aconselhar a atenção às dúvidas.



1955

Formou-se em Arquitetura pela Escola Superior de Belas-Artes do Porto

1988

Recebeu a Medalha Alvar Aalto

1992

Foi distinguido com o Prémio Pritzker, um dos mais prestigiados galardões na área da arquitetura

1993

Concluiu o projeto da Escola Superior de Educação de Setúbal, que lhe valeu o Grande Prémio Nacional de Arquitetura nesse mesmo ano

2009

Foi agraciado com a Medalha de Ouro do Royal Institute of British Architects (RIBA)

2012

Recebeu o Leão de Ouro pela sua carreira na Bienal de Arquitetura de Veneza

2019

Foi galardoado com o Prémio Nacional de Arquitetura de Espanha.

2022

O Instituto Politécnico de Setúbal distinguiu-o com o título de Professor Honoris Causa, pelo seu contributo para a arquitetura e o projeto da Escola Superior de Educação de Setúbal.



Vocação nascida no berço de educadores



Trajetória marcada pela educação e desafios internacionais

A caminhada de Catarina Delgado é marcada pela dedicação ao ensino e uma paixão que se desenvolveu desde a infância.

Aos 56 anos de vida e com uma carreira ímpar que se iniciou em 1995, a docente e Pró-Presidente do Instituto Politécnico de Setúbal contou-nos que “os meus planos é continuar a ser professora”. Após um ano, entra na Escola Superior de Educação, no ano letivo de 1996-1997 “numa fase inicial, estava a acumular funções no ensino secundário, terceiro ciclo e também na ESE”. “Sempre quis ser professora”, afirma, uma vocação que floresceu graças a um contexto familiar ligado ao ensino. Cresceu rodeada de professores. A mãe que lecionava no primeiro ciclo e o seu pai que era docente de História. O ambiente

familiar vivido foi uma das principais razões para a escolha da sua carreira profissional “desde pequenina que fui desenvolvendo esse gosto de ir acompanhando os meus pais às escolas”. Apesar da relutância da sua mãe com a matemática, Catarina Delgado sempre apreciou a disciplina “enquanto estudante gostei sempre muito e penso que também estive relacionado com as boas experiências”. Com quase três décadas enquanto professora da ESE, uma instituição que considera fundamental para o seu desenvolvimento profissional, destaca a importância das equipas de trabalho colaborativas que a ajudaram a crescer não

só enquanto docente, mas também na ponderação sobre a prática pedagógica “Refletir sozinha faz parte, mas se tivermos uma equipa com quem possamos trabalhar e trocar experiências, repensar ideias, é muito importante”. Com inúmeros desafios já vivenciados ao longo da sua carreira, o que mais destaca foram projetos realizados nos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa “foi mais desafiante de facto é um contexto com características diferentes”. Salientando as diferenças destes contextos formativos, a professora afirma que apesar do receio, tudo foi muito gratificante “eu gostei muito de realizar, tanto que continuei”. Ao olhar para o passado, a pri-

“Desde pequenina que fui desenvolvendo esse gosto de ir acompanhando os meus pais às escolas”

meira lembrança que tem da ESE é que tinha entrado em uma escola

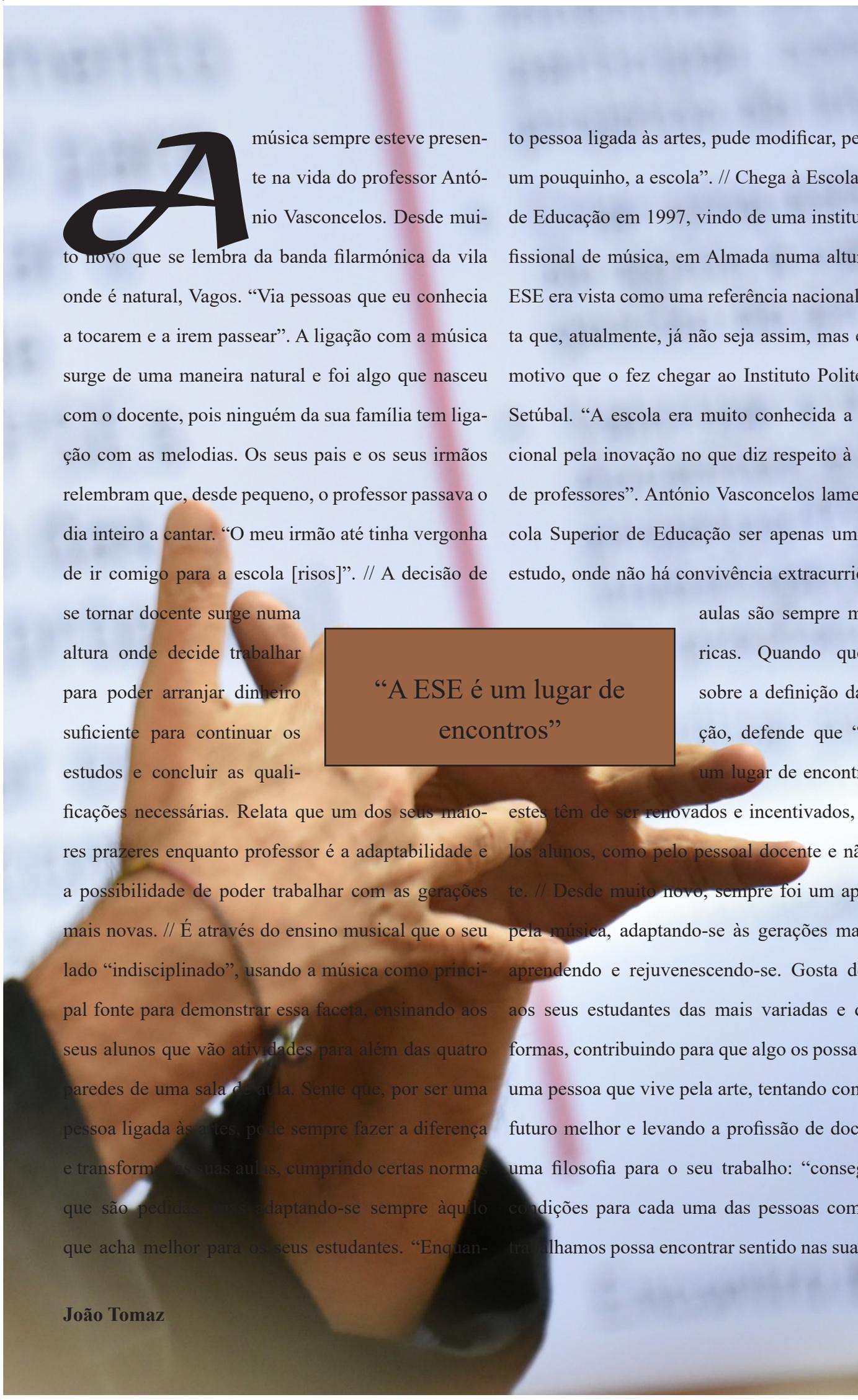
de artes “vi alunos nas arcadas a pintar e ouvia-se música numa das salas”. Além desta primeira memória, fica também marcada a estrutura do edifício “gostei muito do seu enquadramento com o sobreiro”. “Inspiradora” é a palavra que escolhe para descrever a ESE, uma instituição que moldou a sua trajetória e que continua a alimentar a sua paixão pelo ensino. Aos estudantes deixa um conselho “participar ativamente quer na formação mais formal, digamos assim, quer também na informal”, aproveitar cada momento que vivem nesta passagem académica que se considera muito curta.

Alexandre Santos

A close-up portrait of a man with long, dark, wavy hair and black-rimmed glasses. He is looking slightly to the right of the camera with a neutral expression. He is wearing a dark-colored shirt. The background is out of focus, showing a light-colored wall and a window with a view of a blue sky and some foliage.

O mundo das pautas musicais

“A ESE é um espaço de encontros”



A música sempre esteve presente na vida do professor António Vasconcelos. Desde muito novo que se lembra da banda filarmónica da vila onde é natural, Vagos. “Via pessoas que eu conhecia a tocarem e a irem passear”. A ligação com a música surge de uma maneira natural e foi algo que nasceu com o docente, pois ninguém da sua família tem ligação com as melodias. Os seus pais e os seus irmãos relembram que, desde pequeno, o professor passava o dia inteiro a cantar. “O meu irmão até tinha vergonha de ir comigo para a escola [risos]”. // A decisão de se tornar docente surge numa altura onde decide trabalhar para poder arranjar dinheiro suficiente para continuar os estudos e concluir as qualificações necessárias. Relata que um dos seus maiores prazeres enquanto professor é a adaptabilidade e a possibilidade de poder trabalhar com as gerações mais novas. // É através do ensino musical que o seu lado “indisciplinado”, usando a música como principal fonte para demonstrar essa faceta, ensinando aos seus alunos que vão atividades para além das quatro paredes de uma sala de aula. Sente que, por ser uma pessoa ligada às artes, pode sempre fazer a diferença e transformar as suas aulas, cumprindo certas normas que são pedidas, mas adaptando-se sempre àquilo que acha melhor para os seus estudantes. “Enquan-

“A ESE é um lugar de encontros”

to pessoa ligada às artes, pude modificar, pelo menos um pouquinho, a escola”. // Chega à Escola Superior de Educação em 1997, vindo de uma instituição profissional de música, em Almada numa altura onde a ESE era vista como uma referência nacional e lamenta que, atualmente, já não seja assim, mas esse foi o motivo que o fez chegar ao Instituto Politécnico de Setúbal. “A escola era muito conhecida a nível nacional pela inovação no que diz respeito à formação de professores”. António Vasconcelos lamenta a Escola Superior de Educação ser apenas um lugar de estudo, onde não há convivência extracurricular e as aulas são sempre muito teóricas. Quando questionado sobre a definição da instituição, defende que “a ESE é um lugar de encontros”, mas estes têm de ser renovados e incentivados, tanto pelos alunos, como pelo pessoal docente e não docente. // Desde muito novo, sempre foi um apaixonado pela música, adaptando-se às gerações mais novas, aprendendo e rejuvenescendo-se. Gosta de ensinar aos seus estudantes das mais variadas e diferentes formas, contribuindo para que algo os possa mudar. É uma pessoa que vive pela arte, tentando construir um futuro melhor e levando a profissão de docente com uma filosofia para o seu trabalho: “conseguir criar condições para cada uma das pessoas com que nós trabalhamos possa encontrar sentido nas suas coisas”.

Educar, Liderar, Pertencer

"Nós aqui somos mais como uma família alargada"



Ana Cristina Figueira, a atual subdiretora da Escola Superior de Educação, é uma das figuras que melhor conhece os corredores desta instituição que a viu tornar-se na profissional que é hoje. A história começa quando entra no Bacharelato de Professores do 1º ciclo do ensino básico com vertente em educação física no ano de 1990 terminando em 94, completou ainda um mestrado na Faculdade de Motricidade Humana e um doutoramento na Faculdade de Desporto da Universidade do Porto enquanto dava aulas no Instituto Politécnico de Setúbal. Começou a lecionar na instituição em 1997 e é atualmente membro da direção,

o seu trajeto é marcado por uma profunda ligação com esta “casa” que a viu crescer. Querer pertencer ao mundo da educação não fazia

parte do plano inicial, “não vou dizer que toda a minha vida sonhei ser professora”, confessa que o amor pela atividade física foi o que, provavelmente, a fez seguir este caminho, o desporto sempre fez parte da sua vida “fiz ginástica de competição, fiz natação de competição e as coisas foram evoluindo nesse sentido”: “Terminei o 12º o que é que vamos fazer? Um curso de desporto”. As primeiras recordações da instituição são marcadas por um ambiente acolhedor e por momentos que ficaram gravados na memória, “a minha primeira lembrança da ESE é a receção”. “Era uma verdadeira receção, porque eram brincadeiras, jogos que efetivamente faziam com que nós conhecêssemos o outro”, o seu primeiro ano

ainda decorreu no edifício da Escola Superior de Tecnologia, onde se sentia “um bocadinho como intrusa”. Mas, no segundo ano, já no atual edifício, recorda com nitidez o cheiro a madeira nova e a sensação de estar finalmente em “casa”. A ligação emocional com a ESE é profunda e molda não só o seu percurso profissional, mas também pessoal. Ana Cristina Figueira fala com entusiasmo sobre o ambiente familiar da instituição, “eu acho que a nossa escola é ligeiramente diferente das outras”, “eu acho que nós aqui somos mais como uma família alargada”. É essa familiaridade que torna o trabalho mais gratificante, algumas das suas amizades nas-

ceram ali entre salas de aula e corredores, alguns dos seus professores, hoje são colegas próximos, e esse sentimento, segundo

“Acho sempre que aquilo que fiz poderia ser melhor”

afirma, é o que melhor define a ESE. Aquilo de que mais irá sentir saudades quando se reformar, é de “entrar numa sala de aula e dar aulas”, depois de seis anos na direção, longe da docência regular, admite que sente falta de “haver partilha de conhecimento, porque eu acho sempre que transmitimos, e também recebemos muito conhecimento por parte dos estudantes”. A subdiretora considera-se exigente consigo própria. “Sou um bocado workaholic”. “Acho sempre que aquilo que fiz poderia ser melhor.”, este sentimento de tentar sempre ser sempre melhor, manifestado pela subdiretora, demonstra também o espírito de toda a escola, em que todos trabalham para a ESE se tornar cada vez melhor.

Guilherme Claudino

A paixão pelas relações humanas

Da coleção de cargos à coleção de livros



“Eu dou aquilo que tenho, à escola, aos estudantes, aos colegas e aos funcionários”, durante os 26 anos de instituição, onde Luís Santos reúne diferentes cargos, desde coordenador da Carteira de Competências, vice-presidente do conselho de representantes, professor adjunto e atualmente coordenador da licenciatura de Animação Sociocultural. Tendo como formação base a antropologia, o caminho da educação guiou-o à ESE, e já com alguns anos de experiência, deu os primeiros passos para a longa carreira da “profissão que eu escolhi”, que o motiva todos os dias a fazer a diferença nos jovens que leciona, “estamos a ajudar a construir pessoas, o nosso trabalho é muito importante para o vosso desenvolvimento pessoal e profissional”. Ser coordenador de uma licenciatura tem um

grande significado e responsabilidade, quando explica que exige estar todos os dias em contacto com os alunos, colegas e responder às necessidades institucionais. Esta oportunidade surge da progressão e “rica gradu-

ação académica”, que o faz considerar o curso de Animação Sociocultural essencial, pois acolhe “cerca de 100 alunos” e já conta com 20 anos de estórias. Reconhece a Carteira de Competências como uma unidade curricular de grande valor pedagógico, que assenta na autonomia e autoformação. Como balanço, afirma que “ensinar no Ensino Superior não é fácil”, que consome mentalmente, mas compensa porque o que lhe dá mais prazer “é a relação com os jovens”, sabendo

que a “aprendizagem vai nos dois sentidos” e “à medida que vamos ensinando, também vamos aprendendo com vocês”. Para Luís Santos, a palavra que descreve a ESE é “sobreiro”, mas não só um, “é um montado” a vários níveis, por ser bonita, valiosa, bem localizada e um espaço que fervilha de vida, com diferentes órgãos, iniciativas e atividades. Ressalta que “cada um de nós, somos mais um tijolo nesta imensa parede, cada um de nós tem a sua máxima importância” e que por isso acredita ser esse o seu legado, “mais um tijolo na parede”, parte da construção de uma escola que prepara os alunos para encararem os desafios da vida social e do mundo. Aos 64 anos, o professor vê a vida como extremamente rara e preciosa, descreve-se como “esperançoso”, “amigo”, “feliz”, “consciente” e “amoroso” para com a mulher e os seus dois

filhos, tendo como grande sentimento, o de gratidão para com a ESE. Paralelamente, a escrita é uma paixão, “o que tenho escrito acontece com a maior das naturalidades”

“À medida que vamos ensinando, também vamos aprendendo com vocês”

e “escrevo muito aquilo que me apetece”, reunindo várias publicações de livros, da sua autoria, e associativismos em Alhos Vedros, de onde é natural. Naquilo que lhe for possível estará sempre disponível, procura a eternidade, o sonho de manter a essência de criança e a competência de saber viver da melhor forma, até ao fim. Luís Santos, com 38 anos de profissão, reforça que o “Ensino Superior Politécnico tem a máxima das importâncias e o máximo dos futuros”.

No conforto do seu gabinete, João Pires transmite uma sensação de prudência e tranquilidade, “Estar como diretor, foi desenvolver aqui uma calma e uma serenidade que eu claramente não tinha antes de estar aqui”.

Foi no colo da instituição que o viu crescer que encontrou o seu propósito: o de ensinar, “sempre me vi como professor, foi a minha primeira opção de carreira e única, apesar de ter feito muito mais na vida”. Além da paixão por participar ativamente na formação dos alunos procurou, sobretudo, fazer a diferença, “há sempre aquele nervoso miudinho quando entramos dentro de uma sala. Vamos conseguir captar os estudantes? Vamos conseguir motivar?”. Ao relembrar os seus tempos como aluno, reflete a ideia de que além de uma instituição, a Escola Superior de Educação era o seu lar, “estava efetivamente na minha segunda casa, em que muitas vezes era a minha primeira casa, passava aqui mais tempo do que passava em casa”, e ao ponderar, reconhece o impacto que a sua estadia na ESE teve na sua formação profissional, “agradecido pelo percurso que fiz na casa”. Licenciado em Educação Básica em 1998, o professor confidencia que não planeou exercer a função de liderança que ocupa desde 2022, “eu nunca pensei em estar na direção da escola, as minhas aspirações sempre foram

mais centradas para a questão do ensino, da educação, de dar aulas”. Contudo, com grandes poderes vêm grandes responsabilidades, “não é expressão do DDT, não somos donos disto tudo, mas efetivamente temos que tomar muitas decisões, muitas vezes decisões apressadas, urgentes”. Assim como tudo na vida, o docente enfatiza a ideia de que o seu cargo é passageiro, “o estar diretor é, num determinado momento, estamos aqui, tendo a consciência de que, noutra altura, outros virão, de preferência alguém para fazer melhor do que aquilo que nós fizemos”, apontando ainda que, apesar dos desafios que enfrenta, a experiência “fez-me crescer muito, e acho que isso é normal em qualquer pessoa, seja qual for a idade que tenha, que passe por um cargo”. Em relação ao futuro da educação, confessa que “continuo a considerar que deveríamos ter um ensino gratuito e acessível a todos”, uma vez que ensinar é a base sobre a qual construímos o amanhã. O atual diretor prevê para a escola “um futuro brilhante”, na esperança de “que os próximos 40 anos sejam o espelho do desenvolvimento e do impacto que a ESE teve nos 40 anos anteriores”. Sem hesitar revela que “felicidade” é a palavra que melhor define a instituição, uma vez que “não é um edifício, é uma comunidade, e se conhecermos de onde é que vimos, sabemos muito bem para onde é que temos que caminhar sempre em conjunto”.

“Agradecido pelo percurso que fiz na casa”

Diogo Mendes // Inês Salgueiro

Caminhar em direção ao *futuro*
“Não é um edifício, é uma comunidade”





Entre aulas, palcos e ringues

Luvras que tocam, notas que vibram

“Eu hoje dou valor e vi que eram alguns dos melhores momentos da minha vida”. Emanuel Alexandre Sousa, recorda assim a sua passagem pela Escola Superior de Educação simultaneamente com a conclusão do conservatório regional de Setúbal, acredita que, “tinha tempo para tudo” mesmo que isso exigisse dedicação em dobro. O professor destaca o ambiente escolar como um espaço que veio ampliar a sua visão e que o ajudou a desenvolver uma abordagem mais ligada ao ensino musical, “percebi que muitas coisas faziam mais sentido anos depois, do que na época em que as vivi”. Um dos momentos mais memoráveis para Sousa foi a sua participação num teatro musical, retrata

“Eu hoje dou valor e vi que eram alguns dos melhores momentos da minha vida”

a experiência como um marco pela grandeza do evento, “se por um lado, tornava-lhes certas amizades mais fortes também separou muita gente”. Menciona alguns desafios como tensões entre colegas, mostrando que o ambiente académico era tão competitivo quanto colaborativo. As amizades que Emanuel Sousa formou dentro daquelas quatro paredes continuam a ser um dos pontos fulcrais na sua trajetória “o meu melhor amigo foi feito na ESE”. Com os anos de experiência como professor, lamenta a falta de foco e interação social entre os jovens de hoje em dia e culpa a era digital e a pandemia. No entanto, vê a tecnologia como uma faca de dois gumes, enquanto

Mafala Ruivo

facilita a aprendizagem também prejudica a socialização e o desenvolvimento social. Sousa encoraja os atuais e futuros alunos a valorizarem cada oportunidade incluindo o programa de Erasmus “ter aproveitado o Erasmus não me interessou e acho que era uma experiência que deveria ter feito, tudo é cíclico mesmo as partes desafiadoras do curso acabam por se tornar lições valiosas”. Surpreendentemente, o diplomado encontrou um elo entre as suas duas paixões: o kickboxing e música, usa técnicas pedagógicas aprendidas na música para ensinar artes

marciais, como as aulas “em espelho” onde facilita a aprendizagem aos alunos destros “o facto de ser professor e ter passado pela ESE deu-me ferramentas”.

A música está também presente nas aulas de kickboxing “Eu cheguei a fazer várias músicas para bater ao ritmo da música”. “A aprendizagem é constante” é das maiores lições que Emanuel Alexandre leva consigo até aos dias de hoje, é um dos exemplos de como a educação, as artes marciais e a paixão podem entrelaçar-se para moldar uma carreira cheia de aprendizagens e experiências. A passagem pela ESE não foi apenas um capítulo na sua formação, mas sim um alicerce para as suas conquistas e para a pessoa que se tornou. Hoje olha para trás e afirma: “sim valeu acho que mesmo as coisas más da nossa vida valem sempre a pena, nem que seja uma lição de vida”.



Psicologia e ensino em diálogo

O formar professores para moldar o futuro

Ana Moura olha pela janela, e no reflexo do vidro cruzam-se o seu passado e o presente. As vivências que carrega contam histórias de quem se dedicou à mente humana, este ramo surgiu assim por acaso através do seu pai, “ele e os padres, os padres amigos dele, falavam um bocado de psicologia, eu ouvia” e “depois decidi, com 16 anos, ir para a psicologia”. Começou a desempenhar as suas funções nesta área, concretamente em Educação, na Universidade Nova de Lisboa a fazer formação de professores, porém houve um concurso, em 1988, e o desejo da diferença na Escola Superior de Educação. Nos primeiros tempos, a instituição não possuía instalações próprias “O primeiro ano em que trabalhei na ESE dei as minhas aulas onde é agora o IEFP”, o Instituto do Emprego e Formação Profissional. Apesar de todos os contratemplos, o arranque da instituição foi marcado por uma “equipa excepcional” com a “ideia de sermos diferentes”, composta por “mulheres únicas”, menciona, entre estas, Ana Maria Bettencourt, Lisete Barbosa e Maria Emília Brededore. Ao longo da sua carreira na ESE teve a oportunidade de participar em vários projetos internacionais que enriqueceram a sua formação profissional e pessoal. Destaca o estágio coordenado por Stanislaw Tomkiewicz, o projeto com a Universidade de Edimburgo, na Escócia;

“Professor que não passe trabalho de casa é como médico que não passa remédio, não é bom”.

com a Holanda, o projeto DIDAKTIC no âmbito do programa Sócrates dirigido por Frederick Buckberger e a Instrução de Formadores de Professores para o Ensino Primário em Angola. Para a docente essas experiências foram fundamentais para o seu crescimento, “Eu tive uma vida maravilhosa, trabalhei que me fartei, porque eu estava 15 dias em Angola tinha que levar os materiais todos, mas não só trabalhava com pessoas interessantíssimas como conhecia um país incrível”. Contudo, observa como a relação entre professores e alunos têm evoluído ao longo do tempo, defende que já não se pode ensinar como antigamente “o ensino tradicional as pessoas aguentam, começam a pensar pela cabeça delas, não aguentam, querem fazer perguntas

e devem [ri-se], depois surgiram os telemóveis, houve uma pandemia e cada geração é diferente”. Neste paradigma reconhece a difícil realidade dos professores

como a falta de escolas fixas, salários baixos, a necessidade e pressão para agradar a sociedade, neste caso aos pais, “Professor que não passe trabalho de casa é como médico que não passa remédio, não é bom”. Hoje, os pequenos momentos, aqueles que realmente importam, encontra a sua felicidade na leitura, em viagens e na companhia da sua família “porreira”. Após uma jornada intensa, repleta de conquistas e desafios, sente-se nostálgica “ a minha vida na ESE, [voz trémula] foi uma vida, encheu-me de uma vida”.

Do Algarve ao Minho

A arte de vestir o casaco do Teatro e da Educação



Fernando Casaca, um nome que ecoa no mundo artístico, personifica uma paixão incessante pela expressão de encenar e ensinar. Natural da bela região de Setúbal, uma cidade que na sua infância ainda tinha um caráter provinciano, encontrou no teatro, desde cedo, uma forma de realização pessoal. Esse caminho levou-o ao Instituto Politécnico de Setúbal e a várias outras instituições de ensino. Desde cedo, o seu fascínio foi despertado com uma apresentação de uma peça de Teatro de Animação de Setúbal na sua escola primária. Essa experiência teve um impacto profundo e plantou a semente da arte de representar, que floresceu ao longo da sua vida. A sua formação académica iniciou-se em 1980 na Escola Superior de Teatro e Cinema, do Instituto Politécnico de Lisboa, onde se especializou em Dramaturgia. Completou um mestrado em Estudos de Teatro pela Universidade de Lisboa, uma base académica que o preparou para uma carreira multifacetada como ator e professor. // Quando questionado sobre o momento mais marcante, a hesitação é notável na esco-

chegou ao IPS em 1998, encontrou na Escola Superior de Educação um espaço de partilha e inovação. A preferência de trabalhar com jovens adultos, foi o principal motivo da sua escolha. Porém, os belos espaços verdes do campus e a sala de teatro, foram locais de transformação e inspiração jamais esquecidos. Hoje, ao olhar para a sua trajetória em Setúbal, valoriza os reencontros com ex-alunos espalhados por todo o país, “do Algarve a Trás-os-Montes, ao Minho”. Ao descrever a ESE numa palavra, demonstra um enorme cuidado e, após alguma reflexão, escolhe “partilha ou partilhas, plural”, resumindo o espírito colaborativo e transformador da instituição, não só para os alunos como para todos os docentes. // Quando questionado sobre quem é, Fernando Casaca reflete “Eu sou aquilo que penso que sou, sou aquilo que os outros veem em mim, e aquilo que hei de fazer ainda”. Descreve-se como persistente, companheiro e criativo, características que definem a sua personalidade, mas também o legado que deseja deixar a futuros atores e alunos. No final, surge um sorriso enorme ao recor-

“Eu sou aquilo que penso que sou, sou aquilo que os outros veem em mim, e aquilo que hei de fazer ainda”

lha de um só, “Mais de 40 anos de teatro, e tive um pouco de tudo”, afirma. Destaca, no entanto, a companhia que criou “Teatro de Fantos”, nos anos 90. Com bastante ambição e humildade, o seu objetivo é sempre que “o próximo espetáculo seja o melhor”. Fernando Casaca

dar tudo o que falou e refletiu sobre o poder da arte em transformar vidas e moldar comunidades. Esta jornada de trabalho e resiliência é um testemunho de que a paixão continua viva nas pessoas que fazem o que amam, refletindo a essência de representar e o prazer de ensinar.

João Busca

A maratona de João Simões, começa de forma “acidentada” quando entra naquela que não foi, de todo, a sua primeira, mas a sua quinta opção na candidatura ao ensino superior, a Licenciatura em Comunicação Social, na Escola Superior de Educação. O programa do curso e a vertente prática fizeram-no ficar na ESE, onde tudo era “muito mais fácil, muito mais acessível”. Contrariamente a muitos, escolheu “letras”, não por querer fugir à ciência mais exata, a matemática, mas sim pelo facto de gostar “da parte mais intelectual das coisas, sempre gostei de ler, sempre gostei de tentar escrever, tentar descrever os acontecimentos”. Da sua passagem pela ESE, “cinco anos importantes da vida”, recorda essencialmente as oportunidades e experiências que viveu ao longo do seu percurso, a disciplina “Atividades Interculturais”, comum a todos os cur-

sos da instituição, “foi efetivamente marcante”, baseava-se no enquadramento dos estudantes àquela que não era a sua realidade, o que aconteceu com o jornalista durante uma semana “eu, com mais seis, sete pessoas dos outros cursos” em “Casebres”. A sua maior aventura começou no seu primeiro estágio no jornal “A Bola”, que durou 15 dias, “sempre a tentar ser jornalista, nesta área do desporto”. Destaca-se no seu segundo estágio, na rádio TSF onde desenvolve as suas capacidades de assistência no programa “Bancada Central”

ao vivo com o locutor Fernando Correia no formato “antena aberta”. Uma brincadeira de contactos torna-se a sua “coroa de glória”, quando tem uma ideia “Porque é que não se liga para este futebolista para se falar da vitória do Senegal à França?”. Assim fez “consegui meter e o jogador depois acabou por ter mais algum sucesso, “é atualmente o dirigente do Boavista, que é o Fary”. A agência Lusa proporcionou-lhe “um estágio mais a sério”, durante quatro meses, período em que verdadeiramente aprendeu a escrever. Maior que o desafio da escrita, para João Simões, é a crise que o jornalismo atual enfrenta, a falta de espaço; o “facilitismo” e o facto de ser “tudo imediato”, fazem com que a cobertura jornalística

e o ambiente envolvente já não sejam os mesmos, “o que eu vejo é que somos cada vez menos”, “eu senti a concorrência”. Confessa que já foi mais “workaholic”, e apesar de ainda gostar de

“Três palavras:
amizade, proximidade e
também a prática.
Foi tudo isso que eu aprendi lá”

futebol e ser adepto do Sporting, admite que a profissão pesada o afastou dos estádios como fã. No sentido de fazer “um detox” da rotina exigente, liga o modo voo quando se dedica à corrida, fazendo provas de tal duração que se esquece do mundo ao seu redor. Acredita que para o sucesso basta que “todos procurem fazer coisas que gostem”. O diplomado da formada de 1999, relembra a ESE com carinho, descrevendo-a em “três palavras: amizade, proximidade e também a prática. Foi tudo isso que eu aprendi lá”.

Diogo Mendes // Rafaela Cardoso

A corrida pela comunicação

“O que vejo é que cada vez somos menos”



Num espírito animado e um sorriso contagiante, Sofia Figueira conta que já em tenra idade sabia que queria exercer a sua profissão de formação “Eu desde sempre, que me lembre, que queria ser educadora de infância”, e o amor pelas crianças foi reforçado quando aos 17 anos, após ter terminado o ensino secundário, foi Au Pair na Bélgica durante um ano, “tive em casa de uma família a cuidar de três crianças”, com idades compreendidas entre os 18 meses e os três anos. Recorda esta experiência como a que mais determinou o seu futuro pois, “fiquei a saber que era com aquelas idades que queria trabalhar”, dos zero aos três anos, faixa etária de eleição pela importância que os primeiros anos de vida têm no desenvolvimento cognitivo de uma criança. O seu percurso na Escola Superior de Educação começou há 24 anos, já colaborava como educadora cooperante e “Quando me fizeram um convite para integrar, eu não estava muito convencida”, mas aceitou, descobrindo o gosto pela formação inicial e “invisto muito nas aulas e no meu trabalho pedagógico”. Nostálgica, relembra a equipa que outrora a acolheu de braços abertos, mas que agora “já não está cá ninguém”. Independentemente das mudanças, “gosto muito da nossa escola e há princípios e valores que

nunca perdemos”, por isso escolhe as palavras “solidariedade”, “alegria” e “energia” para descrevê-la. Atualmente, coordena o Mestrado em Educação Pré-Escolar, criado em 2014, destaca a responsabilidade na formação de futuros educadores, dando o melhor de si na relação com os estudantes e na relação da instituição com as entidades que os acolhem para o estágio. Perante desafios e “escolarização daquilo que não é escolarizável”, a mensagem que quer passar é a necessidade de refletir, investigar, questionar as práticas, responder às necessidades e respeitar o tempo de brincar e aprender. Aos 61 anos, Sofia Figueira, descreve-se como “exigente”, “honesto” e “justa”, e olhando para o futuro, está baralhada e expectante, mas uma coisa tem a certeza, em breve quer ser avó e continuar a viajar, uma das suas grandes paixões aliada aos congressos em que participa, procurando aprender sempre mais em cada um deles. Não só declara um grande sentimento de gratidão para com a ESE, como também se sente realizada com o “facto de já termos ex-alunos do mestrado que recebem as nossas estudantes e que estão a fazer um muito W trabalho”, vendo a sua evolução como profissionais. Assim, desde o ano 2000 que percorre os corredores da instituição, com uma vontade contagiante, vestindo a camisola pelo seu curso até ao fim, reforçando que “vale a pena estar aqui”.

“Eu desde sempre, que me lembre, que queria ser educadora de infância”

Filipa Marcos // Inês Pinto

Uma viagem pela educação infantil

De educadora de infância a coordenadora de Mestrado



Páginas e corredores de felicidade

“Nem todos os dias são iguais”



Na quietude dos corredores da Biblioteca da Escola Superior de Educação, Susana Marques encontrou mais do que um trabalho: encontrou um propósito.

Há 24 anos descobriu o seu local de emprego e, como descreve, uma segunda casa. “Quando aqui comecei a trabalhar pensei que estava no céu”. Entre a rotina de atender os alunos e professores, lidar com o tratamento técnico e gerenciar o repositório científico da instituição, a bibliotecária descobre a beleza na diversidade dos dias. “Nem todos os dias são iguais, mas cada um traz uma oportunidade de fazer algo significativo para a comunidade”. Essa paixão pelo trabalho não veio de imediato, antes de chegar à biblioteca, conciliava o emprego no supermercado, “achava que aquilo não era para mim” com os estudos noturnos, até surgir a oportunidade de um estágio profissional na ESE. Foi ali, na prática, que percebeu que bibliotecas eram muito mais do que aparentam ser. “Bibliotecas não são só livros e prateleiras, há uma dinâmica por trás, uma conexão com as pessoas, que é profundamente gratificante”, e assim quando viu que a área tinha saído focou-se nos livros e arquivos, sem nunca olhar para trás com arrependimento. Entre música e gargalhadas, as tarefas árduas, como a arrumação de coleções inteiras, tornaram-se memó-

“Quando aqui comecei a trabalhar pensei que estava no céu”

rias repletas de companheirismo e alegria, “nós sempre tivemos este espírito aqui na biblioteca”. Quando reflete sobre a sua trajetória, acredita ter escolhido o caminho certo. “Diria ao meu eu de há dez anos atrás que fiz a escolha certa”. No futuro tem apenas esperança de ver o progresso dentro da instituição, e é isso que apenas deseja, ver as “coisas a melhorarem”. A Escola Superior de Educação é mais do que um local de trabalho; é um refúgio onde histórias se cruzam e memórias ganham vida. É uma casa de muitos momentos:

das alegrias partilhadas à aprendizagem nas adversida-

des, assim cada experiência cria um vínculo

que transforma um espaço de traba-

lho num lugar de pertença. Afinal,

como na vida, é no tempo e na

dedicação que uma segunda casa

verdadeiramente se revela. Por

fim, se tivesse a oportunidade de

escrever um livro sobre si, destacaria

a procura pela felicidade nas adversidades

da vida. Sem pretensão de oferecer fórmulas prontas,

mas sim reflexões sinceras, encerraria a sua biografia com

uma frase que ecoa a sua visão otimista: “Todos nós deve-

mos lutar para ser felizes, devemos aprender a transformar

desafios em conquistas, com menos dramas e mais leveza”.

E é assim que encara a sua jornada: como quem escreve um

livro, página por página, repleto de histórias, esforço e, acima

de tudo, amor pelo que faz ponto final, mas sem parágrafo!

“Deixo a mensagem do teatro”

A peça da sua vida, entre aulas e ensaios



O teatro sempre fez parte do Instituto Politécnico de Setúbal, mas foi com José Gil, 71 anos, que tudo mudou, fazendo de um grupo uma companhia, que conquistou o seu espaço na Escola Superior de Educação. Entrou no ano 2000 como professor adjunto por concurso, dando aulas a quase todos os cursos, desde animação a educação básica, onde esta vertente artística é importante “no contar das histórias”, nas peças infantis e musicais, como competências para os futuros educadores. O seu percurso académico começou no conservatório em 1974, depois seguiu a Licenciatura em Teatro e Educação no Instituto Politécnico de Lisboa em 1991 e tirou o doutoramento na área de Ciências Humanas e Sociais, pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Destaca a relevância do teatro universitário, “uma grande tradição em Portugal” que permitiu a criação de muitas companhias como, por exemplo, o grupo “cornucópia” que surgiu na Universidade de Letras. Foi há 12 anos que se oficializou o espaço que hoje acolhe pessoas de diferentes idades, desde “alunos, professores e reformados”, fundado por José Gil e José Duarte Caldeira, com o apoio de outros elementos, como Luís Souta e Ana Pessoa. “É uma experiência única” e muito positiva para todos, como o mesmo aponta, que projeta a escola e o IPS a ser reconhecidos como

“um espaço artístico” que marca os jovens “como espetadores e atores”, havendo salas cheias e muitos espetáculos. O processo criativo e formação passa pela escolha da peça, distribuição das personagens e ensaios semanalmente. Questionado sobre a mais significativa, destaca a “Medeia”, peça grega muito antiga, “feita com muito amor e com muita consideração”, apresentada ao ar livre, na zona emblemática do Sobreiro. Ao longo dos anos, a “ESE foi a minha casa” e uma espécie de família que o motivou a continuar e, por isso, escolhe a palavra “comodidade” para a descrever, “é uma escola artística” na sua construção distinta, feita pelo Siza Vieira, e na sua essência com preocupação pela arte e pessoas. Natural do algarve, José Gil vive em Lisboa já há vários anos e descreve-se como “cómodo”, “artista”, “criador” e “simpático”, dando mais atenção, agora reformado, à sua família e às criações que ainda quer participar ou desenvolver. Aos estudantes “deixo a mensagem do teatro” e o legado “do grupo que dirigi”. Reflete que “a parte artística é muito delicada” e precisa de mais apoio do IPS, sendo o grande sonho a criação de uma sala de espetáculos “com muitos lugares”. Como balanço, realça que o “teatro em Portugal melhorou muito” e o seu grande foco e estudo vai ser sempre o público, “é para quem nós trabalhamos” e conquistamos diariamente.

Filipa Marcos

“ESE foi a minha casa”

Com apenas 21 anos, iniciou a carreira docente ao ensinar a alunos do secundário, “tinha quase a idade deles quando comecei”. Licenciado em Matemática, no ramo de Probabilidades e Estatística, descobriu “o gosto por computadores na universidade, quando estava no terceiro ano”. Foi quase sem querer que se tornou professor. Tinha um profundo apreço por informática e “gostava muito das cadeiras de programação”. A falta de docentes, juntamente com uma proposta para lecionar Introdução às Tecnologias da Informação, “deu início ao meu percurso como professor do ensino secundário”. Já com experiência em diversas escolas do país, na área da informática, “fui fazer uma oficina de formação à ESE”, com o professor José Duarte “e ele viu o

participou em projetos relativos às tecnologias educativas. Durante o percurso na ESE, “fiz o meu mestrado em Didática Informática com Uso das Tecnologias”, juntando as duas áreas de interesse. Com a camisola da ESE vestida, “gostei muito de trabalhar com África”, desenvolveu projetos, como o GE10s e o NONIO, “fui membro do Conselho Pedagógico” e integrou a Comissão de Horários, “para aí uns 10 anos. Atualmente, coordena o CCTIC e é Presidente do Júri de Equivalências”. Ao relembrar o início da carreira, “uma altura em que as tecnologias eram uma coisa nova”, não esquece quem o acompanhou. Lembra a professora Rosário Rodrigues, Ana Pessoa, professor José Eduardo, Miguel Figueiredo, entre outros docentes “que, entretanto, foram saindo”. Recorda os momentos em que “íamos muito à ESE, passávamos lá todos

“Destacaria aqueles primeiros anos da ESE em que gostei muito de trabalhar lá”

meu gosto pelas tecnologias”. No ano seguinte, foi convidado a fazer parte do Centro de Competências de TIC (CCTIC), da Escola Superior de Educação, do Instituto Politécnico de Setúbal. Em 1998, iniciou a colaboração com o projeto informático e, posteriormente, propuseram-lhe iniciar a carreira docente na instituição. Foi então no ano 2000, “talvez em 1999, que eu comecei a dar as primeiras aulas, a tempo inteiro, na ESE”. Para além de professor, esteve quatro anos no Departamento de Tecnologias de Informação e Comunicação e, com o CC TIC, na Direção-Geral da Educação (DGE),

os dias a pensar em projetos”. Revela que gosta de lecionar na instituição, mas “destacaria aqueles primeiros anos da ESE em que gostei muito de trabalhar lá”. O professor considera-a um local de investimento, “porque aprendi muito aqui, acho que cresci muito profissionalmente”. Intitula-se uma pessoa de “espírito curioso”, que procura conhecimento. Embora acredite que não tenha “grandes sonhos nem aspirações”, espera ter a oportunidade de investigar e aprofundar-se sobre tecnologia educativa, que junta as áreas a que dedicou grande parte da carreira: a Informática e a Educação.

Catarina Pires

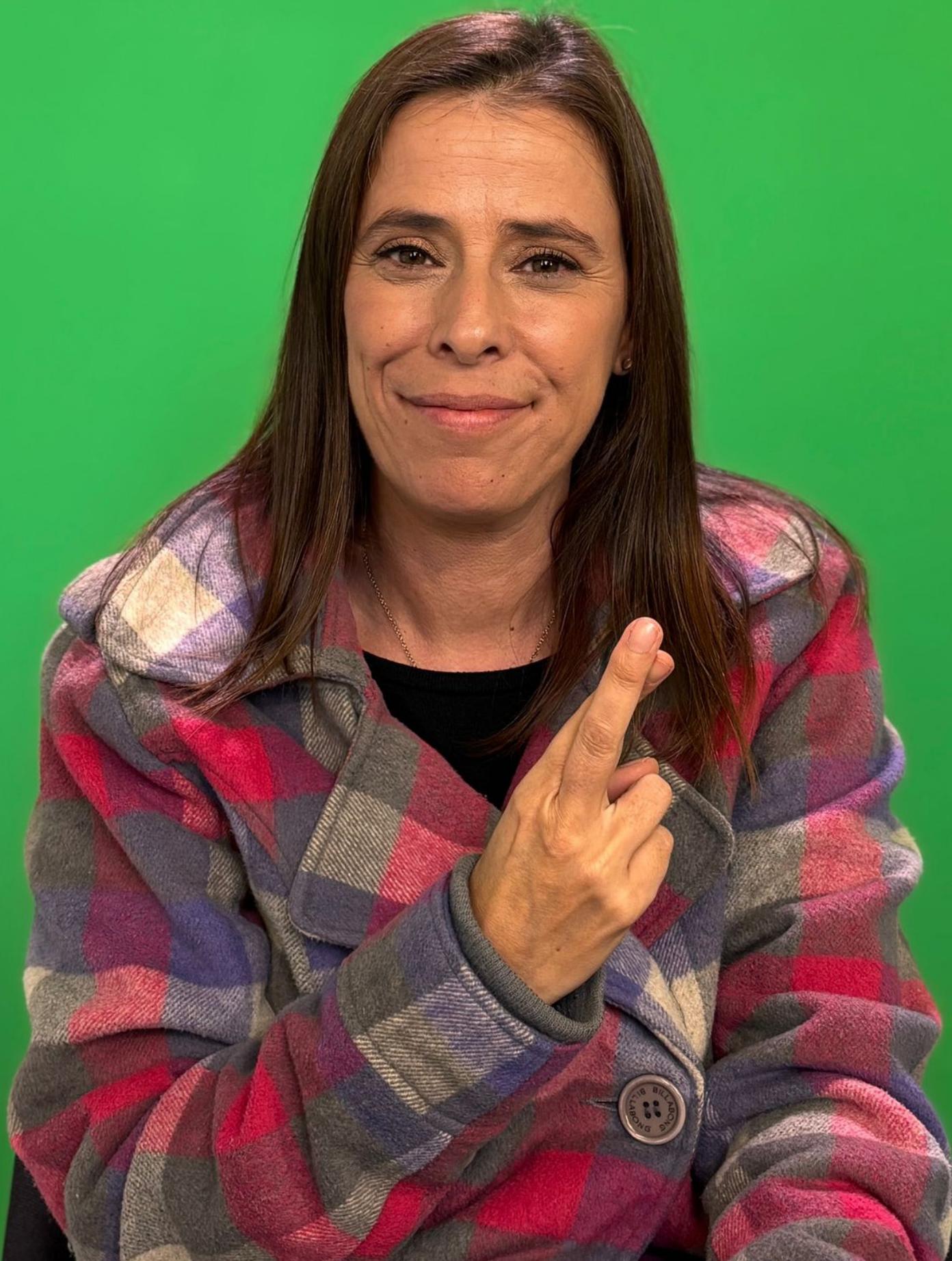
A TECNOLOGIA DA EDUCAÇÃO

Uma carreira dedicada à matemática e à informática



A voz que impera no silêncio

“Vejo o meu papel como uma missão de vida”



“Eu não escolhi ser intérprete, eu nasci e desde sempre me lembro de o ser”, Alexandra Ramos cresceu num mundo onde os gestos, os olhares e as expressões tornaram-se a forma mais natural de comunicação, “a minha língua materna é a Língua Gestual Portuguesa”. Criada num seio familiar onde o silêncio se exprime e o corpo é a voz, “os meus pais são ambos surdo e por isso desde sempre que vivo no meio da comunidade surda”. Os primeiros anos da sua vida foram passados junto da sua mãe, mas aos três anos de idade, “tive o meu primeiro contacto com a sociedade ouvinte e foi horrível, não estava habituada ao barulho”, recorda com emoção. A intérprete, desde muito cedo, carrega consigo o peso de

ser o elo essencial que transporta a palavra do mundo para a sua família,

“os pais muitas vezes levam os filhos para ser os seus tradutores e isso destabiliza completamente uma criança porque esse não é o seu papel”. Apesar da sua infância e adolescência ter sido marcada muitas vezes por olhares de incompreensão, “nunca senti que tenha sofrido de bullying mas sentia um bocadinho aquela reação de coitadinhos, os pais não ouvem”. Alexandra Ramos nunca permitiu que essas palavras enfraquecessem a sua essência, “sempre aceitei ser filha de quem era e dizia com muito orgulho a toda a gente que a minha família

era surda”, [sorri radiante]. Apesar de “o meu percurso como intérprete ter começado dentro das associações juntamente com o meu pai” trilhou o seu caminho de forma independente, acabando por trabalhar na Associação Portuguesa de Surdos e na Escola Artística António Arroios. “Eu tinha apenas a formação APS e quando surgem os primeiros licenciados na área, eu fiquei sem oportunidades profissionais e tive que ir tirar um curso”, é assim que a vida da diplomada se cruza com a Escola Superior de Educação. Em 2001, começa o seu percurso na licenciatura em Tradução e Interpretação de Língua Gestual Portuguesa, um caminho em que navegava num mar conhecido, mas com correntes que a desafiaram,

“sentia-me incompreendida, não estava satisfeita porque queria sempre saber mais e mais”.

“Eu não escolhi ser intérprete, eu nasci e desde sempre me lembro de o ser”

Em 2003, enquanto ainda estudava, tornou-se a “menina da SIC”, a casa onde trabalha há mais de 20 anos. A oportunidade de trabalhar em televisão surgiu porque “a Entidade Reguladora da Comunicação Social exigiu às televisões privadas duas horas e meia de língua gestual no daytime, eu mandei o meu currículo e fui a escolhida”. Alexandra Ramos compreendeu que a sua profissão é um compromisso com a mensagem e a inclusão, tornando-se essencial para conectar mundos e transformar realidades, “vejo o meu papel com uma missão de vida”.

Cenas de Marta Alves

De câmera na mão aos alunos no coração



“Hoje sinto-me professora”

“O meu pai gostava muito de cinema, assim como gostava muito de fotografia e eu, quando era criança, ia ao cinema todos os fins de semana, havia umas sessões, no sábado de manhã, de filmes dedicados ao público infantil”. Olhava para a sétima arte apenas como um “hobby, de atividade paralela”. Ao efetuar a Licenciatura em Ciências da Comunicação, no ano de 1998, expectava trabalhar em algo inserido nessa área, chegou a ponderar o jornalismo “como hipótese” por esta ser uma vertente inovadora, mas rapidamente descarta esta ideia ao observar as restrições ligadas à cobertura noticiosa. // O bichinho pela “esfera cultural” vence, Marta Alves durante e após o período dos estudos trabalha num “Cineclub”, sítio onde se mostrava filmes e onde se pensava sobre” produções audiovisuais. Porém não se conseguia sustentar apenas com a sua paixão, “era preciso ganhar dinheiro, era preciso que a vida comesse”. O seu momento de viragem inicia-se através de um clique, mas mais especificamente, de uma “câmara digital e um computador com software de edição, o Première”, surge então a oportunidade de se tornar docente na Escola Superior de Educação. Inicia a sua carreira como professora, em 2001, sem possuir formação no ramo da educação, aos 26 anos, confessa “sofri imenso”, “tinha aulas às nove horas ou às oito e

meia, e estava até às duas da manhã a preparar aulas, para ter a certeza de que aquilo ia correr bem, porque tinha alguma insegurança”. // Este receio mantém-se quando aborda a dificuldade de ingressar no ensino superior como professor, “hoje ninguém entra” na esfera universitária “sem ter um doutoramento”, é uma exigência que chega a não ser suficiente para exercer estas profissão, “talvez não tenha sido só por isso, fui mãe a primeira vez aos 40 anos e a segunda aos 43”, “acabei o meu doutoramento com 39 anos”. // Destaca que para além da qualificação académica é necessário dar atenção à “fragilidade emocional” presente nesta geração, mais concretamente nos estudantes e compreender que dar aulas não se resume ao debitar informação, mas sim “perceber quem são as pessoas que estão ali”. // As suas principais ambições são terminar o trabalho de investigação sobre o cineasta João Botelho, dar respostas aos desafios atuais como o “espírito do tempo” e a “inteligência artificial”. // Anseia continuar a ler, a assistir filmes e a fotografar, enquanto acompanha o crescimento dos seus filhos e da ESE. // Com um sorriso sente-se realizada, “Hoje sinto-me professora”, a ESE “é assim uma espécie de casa” [voz trémula]. “Costumo dizer que já faço parte da mobília da casa”, brinca, refletindo sobre o seu percurso nesta instituição, “já vivi ESE’S muito diferentes”.

Rafaela Cardoso

A arte que eterniza o tempo



“Sem cultura, não existe uma nação, e sem nação, não existe uma identidade”

Há lugares onde o tempo se perpetua, onde a cultura respira por entre os corredores e o silêncio das páginas guardadas. Neste espaço, Patrícia Simões encontra a sua essência. “Família” é assim que descreve a Escola Superior de Educação que frequentou entre 2005 e 2008 num curso que já deixou de existir, o de “Promoção Artística e Património”. Usa esta palavra para a descrever, porque ali encontrou não só o conhecimento, mas também a acessibilidade para o mercado de trabalho, “a ESE prepara-nos muito bem para trabalhar”, de experiências partilhadas e ligações pessoais. Chamar a escola de família não é exagero, é uma verdade que pulsa no coração de quem por lá passou. Mais do

que um edifício ou uma instituição, foi casa. Um espaço onde nasceram histórias e se criaram raízes, e onde a felicidade encontrou formas únicas de se expressar. Hoje, entre câmeras digitais e arquivos históricos, a ex-aluna preserva um pouco da alma de Setúbal. A cada fotografia do Arquivo Américo Ribeiro que digitaliza, a cada história que resgata na Casa do Bocage, a sua paixão pelo património cultural aumenta. No entanto, quando fala da cultura realça a falta de “vontade” da sociedade em contribuir para este meio, mesmo que existam várias iniciativas para combater o problema “estamos a caminhar a passos largos”. Há ainda quem

passa pela Casa do Bocage apenas para tirar uma fotografia, sem entrar ou explorar o seu conteúdo. Este comportamento revela a necessidade de uma maior consciencialização sobre a relevância da cultura no nosso quotidiano e na construção da identidade coletiva. Considera que é claro que o investimento nesta área não é apenas uma questão de lazer, mas de preservação daquilo que nos define como nação “sem cultura, não existe uma nação e sem nação, não existe uma identidade”. Entre a escassez de recursos e os desafios diários, sonha com um espaço que albergue ainda mais histó-

rias, mais imagens, mais vida “Um espaço maior, por exemplo, o Arquivo Américo Ribeiro está aqui porque não existia outro espaço na Câ-

“Eu acho que a ESE prepara-nos muito bem para trabalhar”

mara com as condições ideais para ter a coleção”. Ao olhar para trás, com emoção e lágrimas que só carregam a doçura da saudade, fica a certeza de que as escolhas foram as certas, porque o caminho trouxe mais do que realizações: “sou mais do que feliz”. Ser feliz é olhar para o passado com carinho, para o presente com orgulho, e para o futuro com esperança. E no fundo, é isso que a cultura e a educação nos ensinam: que somos feitos das histórias que vivemos, das pessoas que encontramos, e das memórias que guardamos. A ESE será sempre uma dessas memórias bonitas, que merece ser contada, com sorrisos, lágrimas e um coração cheio.

“O sítio onde eu me encontrei”

Do acidente da sua vida à vocação profissional



Miguel Freitas acaba “por aparecer aqui na Escola Superior de Educação, em 2007” no seguimento de um convite para incorporar um “grupo de formadores, ou seja, de professores que já estavam no terreno”, hoje em dia, é também um dos responsáveis do departamento de ciências e tecnologias. Graças a essa oportunidade descobriu uma paixão que não conhecia, “depois, nessa altura, tive a oportunidade de dar uma aula ou outra aqui na ESE e percebi naquele momento que, efetivamente, gostava de dar aulas”, mas a realidade é que o gosto pela educação “Foi um acidente”. Dá aulas de físico-química, consequência da sua formação em Química, “porque sempre achei piada aos fenó-

menos, mas a disciplina em si, não gostava”, foi então no secundário que “o bichinho começou” na parte da química, a “Física foi depois”.

Atualmente, admite,

são os conceitos associados à primeira componente desta dualidade que despertam em si um maior interesse, “acho fascinantes pela dificuldade, a explicação é feita por analogias, e aí estamos a entrar em campos em que a comparação é extremamente difícil”, logo, a facilidade na lecionação destes aspetos aos alunos, torna-se mais complexa. Porém, apesar de não ter sido o seu primeiro instinto, com o passar dos anos e junto da instituição, percebeu que “Não há fórmulas mágicas, dar aulas sempre

da mesma forma não é uma solução. Existem algumas adaptações consoante o contexto que se tem” e aqui não foi exceção, procurou sempre compreender “essa forma de ser e estar” dos seus alunos para que estes ficassem o mais esclarecidos possível com a matéria, fê-lo através de “exemplos significativos ou do estabelecimento de algumas pontes que criem empatia e ligação, para que se facilite a docência”. A realidade, é que apesar da surpresa que foi a sua profissão, admite que em Setúbal aconteceu o “cimentar, ou esse abrir de olhos profissional”, uma vez que até à sua vinda para a escola “andei a fazer N coisas” que se distanciavam daquele que foi o seu desfecho. Destaca Leonor Saraiva como crucial para o seu desenvolvimento enquanto docente, “era quase como uma mentora

aqui”, acrescenta ainda, “ao fim de contas consegui fazer de mim professor”. Recorda também Joana Brocardo, com quem teve a oportunidade de trabalhar,

na direção, foi alguém que “me ensinou muito sobre essa parte da escola como um elemento da estrutura”. Vive em Lisboa e nunca se imaginou a trabalhar na grande cidade, esboça um sorriso e afirma, “Gostei de tudo, do ambiente social e físico, a escola é fantástica”, o espaço envolvente contagiou-o e, a margem sul, captou a sua atenção. Por aqui decidiu ficar, e espera que toda a magia da ESE se mantenha, no fundo, foi “o sítio onde eu me encontrei”.

“Gostei de tudo, do ambiente social e físico, a escola é fantástica”

A ponte entre o estudo do ser humano e a educação

“Foi a profissão que me escolheu, não fui eu que a escolhi”



Para a docente Ana Luísa de Oliveira Pires, o ensino não foi a primeira opção “queria ser psicóloga”, por isso licenciou-se em Psicologia no Instituto Universitário de Ciências Psicológicas Sociais e da Vida (ISPA), com especialização em psicologia clínica. Porém, quis o destino que a amante de viagens realizasse um mestrado e um doutoramento em Ciências da Educação na Universidade Nova de Lisboa, na Faculdade de Ciências e Tecnologia e um pós-doutoramento na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa. Foi na primeira que começou a traçar o seu caminho pela área da docência. Em 2005

um bocadinho de mim em todos os meus alunos”. Na eventualidade de sair da ESE aquilo de que mais vai sentir saudades é da partilha que “tenho feito com os meus alunos” e dos “colegas”. A Diretora da Revista *Medi@ções* da escola onde leciona, afirma que, uma das coisas que mais gosta na instituição “é quando no verão ou na primavera saímos do edifício, vamos para o pátio e mergulhamos naquela temperatura amena”. Natural de Lisboa, Ana Pires, fora do espaço desenhado por Siza Vieira, gosta de passear e fazer desporto, como yoga, caminhadas e bicicleta. Tem como objetivo fazer a agregação “é um título que os professores do ensino superior podem fazer”. É

“Vou deixando um bocadinho de mim em todos os meus alunos”

abriu um concurso para professores coordenadores, ao qual concorreu, “ganhei o concurso” e em março de 2007 a Escola Superior de Educação apareceu na sua vida. Entrou no ano do processo de Bolonha e por isso, o primeiro desafio que enfrentou na instituição foi coordenar segundo as novas regras, a Licenciatura em Educação Básica, juntamente com o professor Augusto Pinheiro. Atualmente, em conjunto com o professor António Vasconcelos é responsável pelo Mestrado em Educação, Práticas Artísticas e Inclusão. Aos 63 anos descreve-se como uma pessoa “solidária”, “criativa”, “curiosa”, “justa” e “exigente”, algo que acredita transmitir aos seus estudantes “vou deixando

membro da Direção do Sindicato dos Profissionais do Ensino Superior e, paralelamente à profissão a que se dedica, a docente desenvolve projetos de investigação “agora vou entrar num com colegas brasileiros da Universidade Federal do Rio de Janeiro”. Há 18 anos que percorre a autoestrada A2 em direção à ESE “estou a atingir maturidade” [ri-se]. Antes de ingressar pelo mundo da educação, ainda se aventurou no universo da psicologia clínica, chegando mesmo a exercer, mas foi no meio dos livros e das salas de aula que Ana Luísa de Oliveira Pires encontrou a sua vocação, “foi a profissão que me escolheu, não fui eu que escolhi a profissão de professora”.

A primeira memória de Alice Samara da Escola Superior de Educação é na entrada da instituição, a “sensação de luz de abertura” encantou-a, “gosto muito da arquitetura”. Decorria o ano de 2008 quando surgiu a oportunidade de ensinar em Setúbal, na Licenciatura em Promoção Artística e Património que hoje já não existe. Manteve-se até ao ano de 2013, encontrando-se atualmente no Alentejo a exercer a sua profissão no concelho de Alvito. O gosto pelo estudo do passado, surgiu através dos “bons professores” que teve e que a levaram a apaixonar-se pela disciplina que leciona. Fez o curso de história na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, onde também realizou o mestrado e o doutoramento. Cresceu na margem sul, porém foi no outro lado da ponte onde nasceu e começou a trabalhar, até a ESE entrar na sua vida. Recorda com um sorriso alguns colegas que a marcaram, como a sua chefe Margarida Rocha, as professoras Marta Alves, Ana Pessoa, Teresa Pereira, Alcina Dourado e Cristina Gomes da Silva. Relembra também uma turma que lecionou “Eu dava-lhes várias disciplinas, às vezes acabavam as aulas e nós ficávamos um bocado mais na conversa sobre algumas coisas e eu gostava muito dessa troca e dessa partilha”. Aos

“Senti que queria colaborar neste projeto”

50 anos, revela que, apesar de ser mais descontraída fora do contexto escolar, tudo o que tenha a ver com a sua paixão pela história, faz parte dos dois mundos. A amante de viagens gosta de “fazer coisas novas”, e por isso anda a tentar decidir se quer ingressar numa nova aventura, um mestrado em educação especial. Descreve a Escola Superior de Educação através da palavra “partilha”, algo que a professora acredita e aprecia que aconteça nas suas aulas. Quer que os seus alunos a tenham na memória como “alguém que gostou de trabalhar com eles”. Uma das características que a mais encantou na

instituição foi a “dinâmica que era criada com alguma proximidade” entre docentes e alunos, é destes que sente mais saudades. Acredita que, “há sempre esta tentativa de melhorar” e que enquanto lecionava no Instituto Politécnico de Setúbal, “senti que queria colaborar neste projeto” Descreve-se como uma pessoa empática e como “alguém que ainda continua à procura de aprender mais para fazer melhor”.

Gosta de “debater”, “partilhar” e um dia quer fazer um livro de viagens, “não para publicar”, mas com o intuito de “fazer como se fosse um álbum”, para mais tarde lembrar as suas aventuras pelo mundo fora, tal como recordou, sentada à sua secretária, o seu percurso pela instituição localizada na Estefanilha, onde um dia tenciona poder voltar.

Inês Pinto



A linha do tempo entre o Alentejo e Setúbal

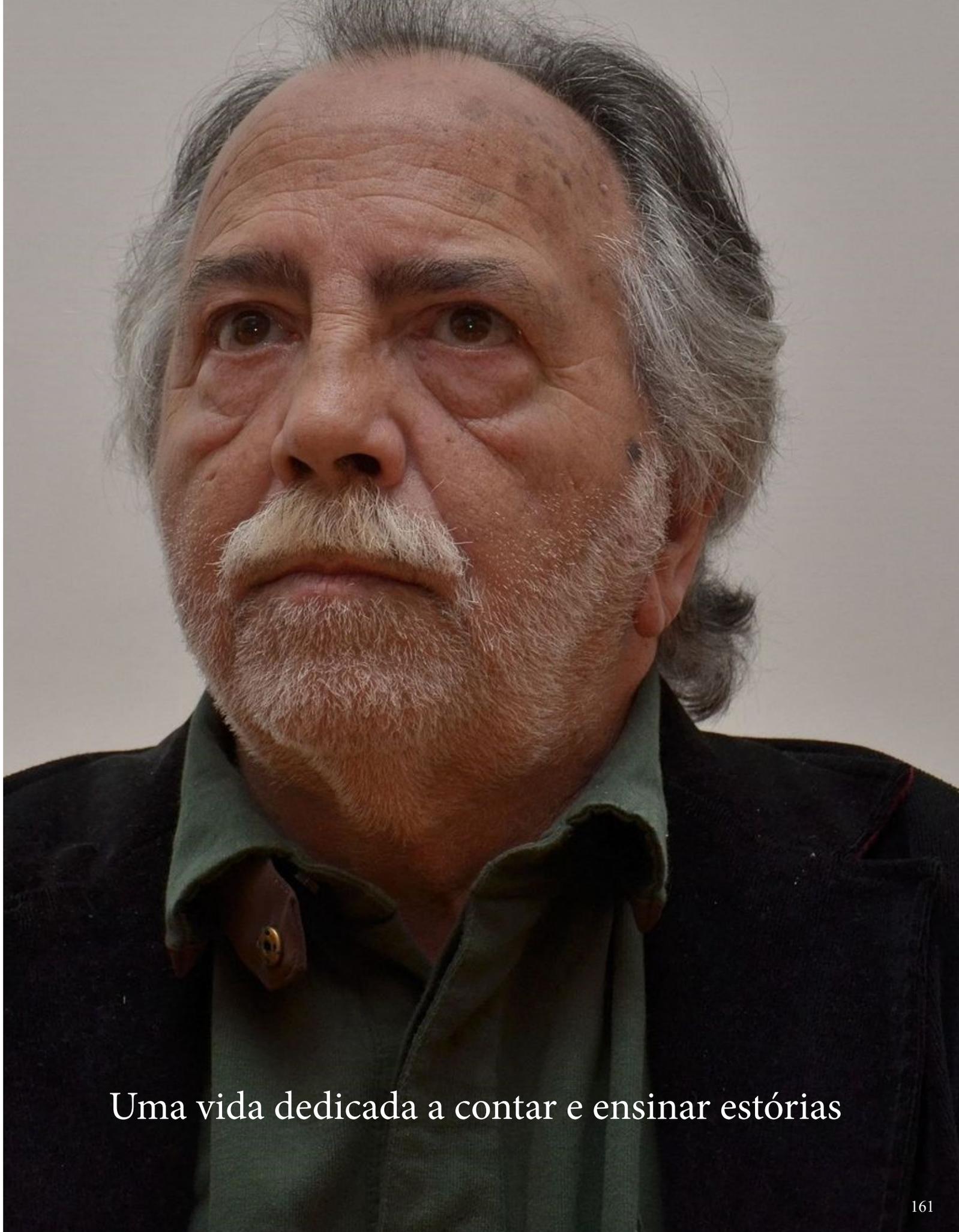
“Alguém que ainda continua à procura de aprender mais para fazer melhor”

“Desde jovem, e já lá vão muitos anos, que me interessei por procurar obter respostas”, é desta forma simples que Orlando César Gonçalves define a sua pessoa. Foi a vontade em desmistificar a informação e simplificá-la que mais tarde o conduziu ao jornalismo, ainda assim, considerou a agronomia como opção “é um bocado diferente, mas é uma coisa que eu gosto, que é a terra, tudo isso, o ambiente”. Apesar de à época não existirem cursos na área da comunicação social, iniciou o seu percurso no Jornal Notícias da Amadora, dirigido pelo seu pai “e, a partir daí, aquele jornal entrou na minha vida e nem o jornal, nem o jornalismo me deixaram”. Mais tarde “já neste século”, decide começar a dar formação no Centro Protocolar de Formação Profissional de Jornalistas, essencialmente pelo estado da profissão em Portugal no período antecedente à crise, mas esta torna-se também mais uma atividade profissional, “Ou seja, passava do jornalismo, de fazer jornalismo, para ensinar”. Em 2010, a “convite da professora Ana Maria Pessoa e, na sequência de se terem reformado as professoras Margarida Graça e Regina Marques” inicia o seu percurso na Escola Superior de Educação, a realidade é que “nunca me passou pela cabeça vir a ser professor”. Dizia aos seus alunos que “A minha primeira pele é ser jornalista, a segunda pele foi ser professor”, teve por isso de se ajustar e, também aprender muito com os seus estudantes, pois mesmo com a necessidade de adaptação aos vários ambientes, que exige o jornalismo, o cuidado num espaço escolar é distinto e mais delicado,

Daniela Nunes

na ESE “Foi fácil pela própria escola em si”. Talvez tenham sido os valores, a energia, ou até mesmo por ter sido construída após o 25 de Abril, para o docente a instituição “é, de facto, diferenciada” e a sensação de comunidade fazia-o sentir-se pertencente a um todo. Acredita que na ESE se tornou um melhor profissional “Aliás, tenho a ideia de que ninguém chega a um bom professor, a não ser que já venha de experiências anteriores. O professor vai-se construindo ao longo do caminho”. Nem sempre é fácil definir a importância que um lugar pode ter nas nossas vidas, porém a Escola de Educação foi “Uma experiência. Foi de facto, uma experiência rica”. Aqui conheceu alunos, profissionais e funcionários que potenciaram o seu trajeto “tudo isso foi muito enriquecedor pelas pessoas que se levaram, pelos acontecimentos que se proporcionaram”. Deixa na memória os momentos de que sente mais saudades “Gostava muito de ir para o pátio, fumar um cigarro, claro, e ter aquele sobreiro enorme”, de igual modo ficam as conversas que tinha com alunos nos intervalos e toda a magia escolar, **“Foi tudo. Foi uma experiência muito intensa”.**

Jornalista de raiz, professor por acaso



Uma vida dedicada a contar e ensinar histórias

Paulo Nunes não é apenas um nome nos corredores da Escola Superior de Educação. É um rosto familiar “de carácter leal, criativo e com bons valores familiares”. A sua jornada no desporto começou desde cedo “praticando atividade física desde os 5 anos” e foi ganhando forma com o tempo, até se tornar muito mais do que uma prática, “é um verdadeiro processo de educação e inclusão”. A vontade de ensinar “não surgiu de um dia para o outro”, foi crescendo e acabou por ser moldado pela experiência e pela reflexão sobre o impacto que o desporto pode ter na vida de cada um. Para Paulo Nunes, ser professor é mais do que transmitir

conhecimentos é “estar presente, ouvir, aprender e evoluir” e é essa mesma disponibilidade para com o outro que o

levou, em 2012, até ao Instituto Politécnico de Setúbal. Caracterizando a sua chegada à instituição como “um marco na minha vida”, pois foi uma mudança que acabou por trazer estabilidade profissional, mas, acima de tudo, trouxe a certeza de que ali “posso fazer a diferença”. Ao longo dos anos “vi a escola crescer e evoluir” acompanhando de perto o desenvolvimento do ensino na área do desporto “testemunhei o sucesso dos meus antigos alunos no mercado de trabalho” pois, a Escola Superior de Educação, tem “sabido adaptar-se às exigências do mundo profissional, formando indivíduos resilientes, capazes de enfrentar os desafios da vida”.

Bernardo Duarte

Sendo “para mim esta a verdadeira essência do ensino, mais do que saber fazer é preciso saber ser e estar”. Os seus alunos ensinam-lhe todos os dias que “só aprende quem quer”, sendo o seu maior objetivo “ensinar de forma estruturada, ajustada às necessidades de cada um, criando um espaço onde todos possam evoluir”. Quanto ao futuro, “desejo continuar a crescer como ser humano, promovendo a paz, a tolerância e os valores da família”. No plano profissional, ambiciona “permanecer na ESE, contribuindo para o seu desenvolvimento do ensino e da comunidade académica”. Gostaria de ser lembrado como “o profes-

sor Paulo, o colega e amigo Paulo Nunes”, pois num lugar onde criou laços, fez amigos e encontrou um espaço onde o ensino se mis-

tura com o afeto e pertença, decide-lhe chamar “Porto Seguro”. Porque se para o professor a Escola Superior de Educação “significa família” talvez seja essa a verdadeira lição que deixa aos seus alunos, “mais do que um lugar de aprendizagem, o Instituto Politécnico de Setúbal é um espaço de partilha, de crescimento e de construção de futuros”. E no fim é isso que realmente importa, “as pessoas, os momentos e as memórias que ficam para além dos livros e das aulas”. Porque, a verdadeira marca de um professor, “não está apenas no que ensina, mas na forma como transforma quem está lá para verdadeiramente aprender”.

Um professor, um mentor, um amigo

**O desporto como caminho, a
instituição como porto seguro**



“Eu cheguei num período conturbado, o curso, não tinha docentes”, Mário Espada professor na Escola Superior de Educação desde 2013, apaixonado pelo desporto e pelo ensino, viveu momentos difíceis aquando da sua chegada ao Instituto “O que eu me lembro foi que tínhamos de fazer tudo para ontem”, desafio este que encarou com muito compromisso e seriedade, dois adjetivos que o caracterizam. Apaixonado pelo desporto desde a tenra idade, iniciou na natação aos quatro anos “por recomendação médica, como a maioria dos jovens”, intercalou as piscinas do Clube Naval Setubalense, com os longos “voos” nos campos de futebol ainda em areia “joguei nos Pelezinhos no futebol, em Montemor e em Sesimbra, mas já era

sénior”. Desde sempre teve uma visão virada para a educação, perceber o porquê de os treinadores executarem aqueles exercícios, levou o

professor a ser o que é hoje em dia “nós quando somos atletas, às vezes não percebemos bem porque fazemos esta tarefa e eu comecei a querer perceber isso”. Entre a sua vida desportiva como atleta de natação e de futebol, iniciou os estudos, começou por tirar uma Licenciatura em Ciências do Desporto, mais tarde fez uma pós-graduação em Fisiologia do Exercício “esta é a minha área de investigação, e a minha área de eleição”. Em 2015 enfrentou um dos desafios mais

difíceis enquanto docente da ESE, a criação do Curso Técnico e Superior Profissional (CTeSP) de Desportos da Natureza, que só se iniciou no ano de 2017, um procedimento que considerou muito difícil devido às exigências que são impostas “Foi possivelmente, entre muitos, felizmente nós temos muitas coisas, esse foi o que exigiu mais”. Mário Espada, além de ser um dos pioneiros deste curso ainda é coordenador, responsabilidade que acredita ser muito preponderante para despertar o interesse dos alunos “Os maiores desafios é envolvê-los e motivá-los nas disciplinas teóricas não é fácil”. Aos 45 anos de vida, não ambiciona sair da Escola “Penso que o grande objetivo é tentar ajudar a ESE e o IPS a crescerem”. Um dos maiores desafios

que o professor vê neste momento para a Licenciatura em Desporto é a criação do mestrado “Acho que temos condições para isso, temos produção científica

“O desporto tem sido sempre colocado, em terceiro e quarto plano”

e temos docentes”. Mário Espada olha ao seu redor, observa que na margem sul existe um potencial desportivo muito grande que não é aproveitado, criticando também as Câmaras Municipais que não investem “o desporto tem sido sempre colocado, em terceiro e quarto plano”. Com uma década de casa, o professor vê a escola que o acolheu como tendo um grande impacto na região, uma das referências deste momento no país.

Alexandre Santos

Dos saltos para a água ao *ensino* do desporto

“Penso que o grande objetivo é tentar ajudar a ESE e o IPS a crescerem”



Um remate para o ensino



Uma jornada de 350 km numa
década de desporto.

Os pés que rolam a bola “desde pequenina” são os mesmos que percorrem 350 quilómetros para fazer aquilo pelo qual é “eterna apaixonada”, ser professora. A distância não é um entrave para que possa deixar o Porto por breves instantes e rumar até à Escola Superior de Educação, mas “foi difícil a integração, porque há uma diferenciação entre o Norte e o Sul”. Aos 40 de vida, Ana Pereira, aponta como o maior desafio da sua existência “Não perder a minha autenticidade, ser aquilo que eu acredito”, num mundo onde é uma chama solitária que arde no meio da escuridão, menciona “Sou a única mulher na Licenciatura de Desporto a dar aulas práticas”.

A fascinada pelo mundo do fitness abraçou o desafio de coordenar o curso de Desporto pouco depois de embarcar na sua jornada no Instituto Politécnico de Setúbal, em 2014,

“Eu julgo que viram em mim algo de diferente para a escola, era uma forma de testarem a colega que vinha de longe”, [sorri]. Foi num florescer no meio de um campo árido que se tornou Presidente do Conselho Técnico-Científico, “estávamos no meio de uma tentativa de um golpe de Estado na Guiné, eu estava retida no hotel há 3 dias”, [sorri nervosa]. Não duvidou das suas capacidades, e propôs-se a este cargo mesmo sabendo que “estavam lá colegas muito mais

velhos e com mais anos de experiência”, mas “sentia-me com capacidade e precisava de algo novo na minha vida”. No compasso entre a vida corrida de Ana Pereira e a atividade física, ainda existe espaço para um sopro de calma. “Seja numa estação de serviço, num hotel ou num restaurante” e apenas com um livro na mão, a docente distancia-se do som dos apitos do campo e encontra um momento de “bem-estar” na leitura. Sem os seus discentes a sua profissão tornar-se-ia impossível de exercer. Por isso, Ana Pereira acredita que cria um ninho com cada um dos seus alunos, é

como “se tivesse um passarinho na mão e construísse uma redoma à sua volta” perspetivando que no fim estes consigam voar sozinhos, “vê-los a sair é um ato de satisfação”, mas deixa claro que “se precisares, sabes o caminho e poderás retomar”. A amante do Padel carrega consigo o peso

de ser uma figura feminina com impacto numa área historicamente dominada por homens. “Não tenho de ser chamada de amor, amorzinho, linda”, Ana Pereira acredita que a forma “mais leviana” como as mulheres se apresentam é propícia a “determinados comportamentos”, mas que, de cabeça erigida e um sorriso orgulhoso como se tivesse acabado de marcar um penálti, convence-se de que “temos de assumir que o problema é do outro, não é meu”.

“Não tenho de ser chamada de amor, amorzinho, linda”

Ajudar os jovens foi sempre o seu grande objetivo. Conta Lídia Marôpo, que desde cedo sentiu esta necessidade em consciencializar os mais novos sobre a sua área de trabalho, os media e a comunicação social. Ao contrário de muitos, a sua paixão foi prontamente encontrada, “Desde a escola, eu gostava muito [da Comunicação Social] e queria ser jornalista”. Esta paixão é justificada por ser uma pessoa muito curiosa, comunicativa e achar que informação é tudo nas nossas vidas. No ano de 2002, Lídia Marôpo, conseguiu conciliar a

Comunicação Social e o ensino, tornando-se professora auxiliar, ainda na sua terra natal, no Instituto Superior do Ceará. Por esta altura, decidiu o que queria mesmo, investigar os jovens e as crianças e ser docente, ambas, continuam a ser exercidas, e no que depender da professora, continuarão a ser durante muitos anos.

Todas as investigações, permitiram com que ganhasse reconhecimento e chegasse a fazer formações para Organizações Não Governamentais, tanto em África, como no Brasil “Fiz vários projetos em parceria com a UNICEF, dei formação de jornalistas em Moçambique”. Na ESE, reconciliou os seus dois mundos. Passou ainda pelo Instituto Politécnico de Portalegre e pela Universidade Autónoma de Lisboa, mas era numa instituição pública

que se queria fixar, surgindo a ESE. A professora decidiu abandonar por completo o jornalismo e a assessoria, focando-se naquilo que mais gosta, o ensino “Gostei muito de trabalhar como jornalista e assessora de comunicação, mas encontrei-me como professora”. Na Escola Superior de Educação do IPS foi designada coordenadora do curso de Comunicação Social, o mesmo no qual se licenciou, ainda no Brasil. Conta que é muito difícil gerir o seu tempo entre a coordenação do curso, a docência, a investigação e a família e que muitas vezes os alunos não têm

noção daquilo que os professores são obrigados a fazer “Os alunos pensam que a

nossa vida é preparar as aulas e corrigir trabalhos, mas além disso, temos todo esse trabalho de investigação”. Desde que entrou na ESE, sente-se uma pessoa mais competente, que tem um grande orgulho quando os seus antigos alunos lhe contam como têm sido as suas experiên-

cias profissionais “não há recompensa me-

lhor ao saber que contribuiu para a formação de uma pessoa”, este é o seu maior prazer enquanto professora! “Um mix entre brasileira e portuguesa, mãe, esposa, amiga e filha”. É desta maneira que Lídia Marôpo se define, uma pessoa que tenta sempre fazer o melhor em todos os aspetos da sua vida. A educação para os jovens e a comunicação social serão sempre a sua paixão enquanto pessoa.

“Gostei muito de trabalhar como jornalista e assessora de comunicação, mas encontrei-me como professora”

João Busca // João Tomaz

Uma missão para os jovens

Educar para os meios de comunicação



Educar o futuro do ensino

“Um espaço de formação muito aberto a ideias diferentes”

Professora da Licenciatura em Educação Básica, investigadora e apaixonada pela aprendizagem, Ana Luísa Costa tem uma carreira marcada pelo compromisso com o ensino e a formação de futuros professores. Atualmente docente na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal ESE, iniciou o seu percurso no ensino obrigatório, experiência que continua a moldar a sua maneira de estar enquanto docente, “comecei como professora do ensino básico e secundário e nunca deixei essa relação com a formação dos alunos mais novos fora da minha identidade profissional”. // A vocação para a educação surgiu desde cedo, influenciada pelo ambiente familiar, “os meus pais eram os dois professores”, cresceu nas escolas, prova disso é que chegou a acompanhar o pai no trabalho quando ainda antes de começar os estudos, “lembro-me de ir para a escola do meu pai e dormir em cima das mesas, tapada pelos casacos dos alunos dele”. // Ao longo da sua carreira, Ana Luísa Costa enfrentou desafios significativos, especialmente na transição do ensino básico para o superior. “Foi uma transição que não foi nem fácil, nem natural”, afirma, ao explicar que tentou conciliar a investigação académica com a educação, mas as condições dadas a professores da escolaridade obrigatória não permitiram essa compatibiliza-

“Lembro-me de ser um espaço de formação muito aberto a ideias diferentes”

ção, “nós não temos, nem o reconhecimento, nem o tempo para fazer investigação, e isso entristece-me”. Já na ESE há 10 anos, desde 2015, a professora encontrou nela um ambiente académico dinâmico e inclusivo, “lembro-me de ser um espaço de formação muito aberto a ideias diferentes”, a leveza desse ambiente ajudou-a a reencontrar um equilíbrio entre a formalidade académica e a dimensão pedagógica. // Para a professora a construção de Siza Vieira tornou-se mais do que um local de trabalho, é um espaço de crescimento e partilha que a faz sentir em casa, “ora a ESE é a minha casa”, afirma, e compara o ambiente da instituição com o da casa dos seus pais,

onde sempre houve livros e debates constantes. A diversidade académica e a interação entre diferentes áreas de conhecimento são, para Ana

Luísa Costa, elementos essenciais, “não estamos numa faculdade só de uma área científica, estamos aqui em contato com muitas áreas e isso leva-nos, a um desafio muito mais rico como professores”. // Em meio aos problemas históricos que a educação e os estudantes enfrentam, deixa um valioso conselho, “sejam leitores”, para a professora a leitura é mais do que uma ferramenta académica é um recurso pessoal que pode proporcionar força e clareza em momentos difíceis, e pode ajudar em tomadas de decisão importantes ao longo da vida.

Guilherme Claudino





Do 50 da carris a realizador de cinema
“Eu preciso de entrar em filmes o mais depressa possível”



“Gosto de fazer filmes, gosto de ensinar, isso é o que gosto de fazer”, realizador, editor e professor, João Pedro Duarte, um apaixonado por contar histórias através das lentes do audiovisual. Com um percurso que combina a prática artística e a educação, destacou-se como um mentor que inspira os seus alunos a explorar a criatividade e a subjetividade nas suas próprias narrativas. Para muitos, a escolha da profissão pode ser um caminho claro, mas para João Pedro Duarte, a decisão de seguir a área das Ciências da Comunicação, com foco em audiovisuais, surgiu num momento de reflexão inesperado, durante uma viagem de autocarro para um curso noturno de gestão, “não, não é isto que eu quero fazer para o resto da minha vida.” “Eu sempre dei aulas no ensino superior”, afirma João Pedro Duarte, refletindo sobre a sua trajetória como educador. O professor começou a sua jornada no ano de 2004, quando colaborou pela primeira vez com a Universidade Independente. Naquele momento, deparou-se com um ambiente rico em recursos, com estúdios bem equipados e uma forte ligação com a indústria da televisão e da publicidade. O que realmente o motiva é o entusiasmo em compartilhar o seu amor pelo audiovisual “mostrar o quão extraor-

“Mostrar
o
quão
extraordinário
e
divertido
pode ser
contar
histórias
a
partir
de
imagens
e
sons”

dinário e divertido pode ser contar histórias a partir de imagens e sons.” Assim, na sua sala, cada aluno é incentivado a explorar a sua criatividade e a abraçar o desafio de contar as suas próprias histórias, reafirmando a importância da educação na formação de novos profissionais do audiovisual. Quando chegou à Escola Superior de Educação (ESE), a sua primeira impressão foi de entusiasmo “Gostei muito”, recorda o mesmo, a sorrir. Naquela ocasião, teve uma conversa produtiva com João Pires, atual diretor, que à primeira vista não correu muito bem pois João Pedro não hesita em compartilhar uma observação crítica sobre o estúdio da ESE, “eu disse que era o primeiro estúdio ao qual acedia por escadas”. Honestidade, é a palavra que lhe vem logo à cabeça para descrever a ESE, palavra com um significado muito relevante, de uma pessoa que gosta muito do local onde trabalha “focada em dar condições às pessoas que são docentes.” Para além da sua paixão pelo ensino e por cinema, João Pedro Duarte ainda é coordenador de um Curso Técnico Superior Profissional (CTESP), desafio este que vê de uma forma diferente, mas com muita seriedade e rigor “é esta visão comum para estarmos todos a caminhar mais ou menos para o mesmo lado, mesmo que seja por maneiras diferentes”.

Alexandre Santos //
Guilherme Claudino

A MAGIA DO COLINHO NA EDUCAÇÃO

“A profissão de Educadora é uma constante aprendizagem”



Pequena de estatura, enorme de coração, com sonhos que a acompanham desde que se lembra do que queria ser no futuro “sempre tive a certeza que queria trabalhar com crianças de alguma forma”. Filipa Santos, 29 anos, Educadora de Infância, de uma leveza contagiante e de um olhar profundo, licenciou-se em Educação Básica na Escola Superior de Educação em 2020, mostra o quanto é importante a sua profissão na sua vida “gosto muito de conhecer cada criança no seu íntimo e de poder trabalhar diretamente com as necessidades de cada um”. A natureza e o mundo são lugares que gosta muito de explorar, numa profissão que lhe permite estar em constante aprendizagem, contudo não abdica do que mais gosta de fazer “gosto muito de dar colo”. Passou pela ESE sendo esta, um dos principais pilares na sua aprendizagem “foi o berço de toda a aprendizagem para a educação”, cresceu muito nesta casa que a acompanhou durante cinco anos, uma escola que lhe permitiu sonhar e aprender, na sua lembrança ficam marcados os momentos criados pelas praxes “posso dizer que foi das melhores decisões que tomei, porque foi lá que criei o vínculo com as pessoas”. O Instituto Português de Oncologia, um momento muito marcante na vida de Filipa Santos, viveu experiências que jamais sonharia, presenciou momentos difíceis, mas certa-

mente todos estes a fizeram crescer e perceber a importância da sua profissão “os ensinamentos que enquanto pessoa levamos para a vida com aquilo que vamos vivendo e que vamos acolhendo naqueles corredores e naqueles quartos”. Foi coordenadora do Projeto de Educação Solidária, o prazer constante de educar as crianças para problemas que existem “nós envolvemos as crianças e as famílias na consciencialização para olharmos para o outro e para percebermos que o mundo à nossa volta, está cheio de problemas”, a emoção ao falar das “suas” crianças estão presentes em todos os momentos da sua vida.

Em certo momento, os olhos encheram-se de lágrimas, assim

como a Educadora enche as crianças de amor,

José Carlos Godinho docente da ESE,

é recordado com alegria, sendo

este a pessoa que mais a marcou

“foi um professor muito motiva-

dor, muito à procura daquilo que

nós podemos fazer de melhor”.

Enfrenta desafios diários enquanto

Educadora de Infância, as crianças são

sempre o ponto principal do seu dia a dia, conseguir

dar o colo que tanto gosta, perceber que todas são diferentes

“o maior desafio para uma educadora de infância é olhar para

cada uma das 25 crianças dentro da sala e conseguir identificar

as necessidades e conseguir estar nas suas individualidades”.

“Família”, a primeira palavra que lhe vem à cabeça quando

pensa na ESE, a emoção que fala na casa que a viu crescer.

“Foi o berço de toda a aprendizagem para a educação”

A beleza no ensino

“Sinto-me especial por ser um exemplo”



“ Venho de uma família de professores e, por isso, acredito que de certa forma isto esteja no meu sangue”,

Matilde Ramos cresceu rodeada por um ambiente onde a paixão pelo ensino era palpável em cada conversa. Desde muito cedo, o gosto pela educação foi cultivado por aqueles que lhe eram mais próximos, “a minha mãe é professora, a minha avó foi professora e a minha tia é educadora”. Contudo, nem sempre pensou seguir os mesmos passos que a sua família já havia percorrido, “a minha ideia inicialmente era enveredar por algo no ramo da saúde, mas a vida tomou outro rumo”. Uma área marcada por desafios e precariedade que aqueles que já os haviam vivido quiseram deixar claro a Matilde Ramos, “a minha mãe disse-me que era um grande erro porque agora ser professor é muito difícil, iria andar exausta”. Apesar dos receios, o seu sonho já se encontrava gravado no seu código genético, por isso, no ano de 2017 decidiu ingressar na Licenciatura em Educação Básica na Escola Superior de Educação. “No primeiro ano só fiz o segundo semestre porque no primeiro fui apenas a duas ou três aulas”, o seu percurso académico foi repartido entre outra grande conquista que obteve quando deu os seus primeiros passos no Instituto Politécnico de Setúbal. “Quando ainda tinha 18 anos, estava no meu primeiro ano, ganhei o concurso de Miss

Francisca Caeiro

“Somos
nós
que
levamos
as
bases,
somos
os
alicerces
para
o
resto
da
vida
dos
mais
pequenos”

Universo Portugal”, este prémio fez com que a apaixonada por ensinar tivesse que trilhar dois caminhos ao mesmo tempo, “tive de me ausentar do país durante alguns períodos, mas sabia que a parte escolar estava sempre assegurada”. Nunca se abalou por tantos desafios e “consegui fazer tudo numa jornada de seis anos”, o seu trajeto pelo mundo das *misses* terminou primeiro do que aquele que percorria nos corredores da ESE. Foi durante “as oportunidades de estágios que tive”, que percebeu o impacto que a sua profissão teria na vida de cada criança que acolhesse, “nós conseguimos mesmo fazer a diferença na vida destes miúdos, apesar de muito desgastante e desafiador, é gratificante ver aquilo que conseguimos fazer por eles”. Hoje em dia, Matilde Ramos é a bússola de 23 crianças que começaram agora a navegar nos seus próprios mares, tendo voltado para o local que já havia sido o seu Norte, “tenho a sorte de trabalhar na escola onde já estudei, portanto voltei a casa”. Tem às suas costas uma grande responsabilidade porque “somos nós que levamos as bases, somos os alicerces para o resto da vida dos mais pequenos” e por isso “todos os dias aprendo com eles como eles aprendem comigo”. Encara este peso com uma coroa da qual fica “muito orgulhosa, sinto-me especial por saber que sou um exemplo para os meus alunos”.

Uma voz contra as *desigualdades*



A Educação como ferramenta de transformação
social

Ainda que um membro recente da Escola Superior de Educação, Cristina Roldão procura ter um papel ativo no desenvolvimento da mesma “é investigadora no ISCTE, trabalha em Sociologia e é alguém que tem preocupações com a sociedade em que vivemos, do ponto de vista das desigualdades”, com principal destaque para o racismo, muito presente em Portugal. Foi sempre uma criança com uma necessidade de compreender as “questões da injustiça, porque também havia muito à minha volta”, e, por isso, segue o seu percurso académico como forma de se tornar alguém preponderante neste combate. A pobreza, os padrões na sociedade, as questões de género, o racismo, “foram coisas que a mim sempre me inquietaram e que quis perceber porque é que isso acontecia

para poder contribuir para a sua mudança”. A inquietação perante as desigualdades sociais, foram um dos motivos que levaram a socióloga à área da educação. Acredita na instituição escolar como um palco para a transformação social, mas também “sou muito crítica e tenho muitas deceções com o sistema educativo tal qual está organizado”. Mesmo assim, procura através da sua atividade profissional expandir a consciência nos seus alunos, acreditando por isso, que um bom docente “exige organização, preparação, aquelas coisas que são básicas” e que não surgem como resposta orgânica

quando os docentes são questionados sobre a profissão. De igual modo, a proximidade com os alunos e a utilização de exemplos dos seus quotidianos são questões valorizadas pela professora, um dos seus principais investimentos é “despertar o interesse, o compromisso com o conhecimento, porque é que eu estou a aprender isto e porque é que isto é importante”. A partir de 2017, continua a sua trajetória na ESE, onde sente que existe uma essência de comunidade, distinta das restantes instituições de ensino superior em Portugal, “Eu não vou lá só trabalhar, os alunos eu sinto que também não estão lá só a estudar, vão-se criando ali relações também de afeto e de acolhimento”. Não só um espaço familiar, a

“Na ESE há abertura e há apoio para esse tipo de iniciativas”

Escola Superior de Educação é para a docente, uma local onde existe vontade em gerar o debate sobre temáticas consideradas

complexas ou até mesmo deixadas de lado, uma vez que existe uma forte tendência para o não questionamento do sistema, “na ESE há abertura e há apoio para esse tipo de iniciativas”, mesmo assim considera que poderiam ser feitas melhorias nas condições de trabalho, não só nesta, mas nas diversas estruturas educativas. Em tom de desfecho assume que pensar na ESE é refletir sobre uma “comunidade crítica”, não que pensem todos de forma igual, ou tenham as mesmas lutas, “Mas é um local onde eu sinto que isso está em cima da mesa, que as pessoas vão, comentam, falam.”

Refeições que contam Histórias

O sorriso de boas-vindas da ESE



Se todos os caminhos vão dar a Roma, no caso de Ana Calado, 48 anos, estes levaram-na à Escola Superior de Educação em Setúbal. Um caminho que a própria não esperava e “surgiu assim do nada”, mas que se tomou o ideal, “tinha acabado de ter a minha filha, estava em casa e à procura de trabalho”, assim aceitou esta oportunidade. Ao contrário da sua formação em técnica administrativa abraçou o lugar de funcionária no bar da ESE, onde circula do balcão à cozinha a oferecer o melhor atendimento, desde a preparação de torradas, baguetes e almoços. Confessa que a parte mais desafiante é ter controlo e organização nas horas de maior movimento, e por vezes sozinha “tenho de dar despacho aquilo tudo”. Ressalta que “não há fácil nem difícil, nós temos de fazer tudo um pouco”. Ao

para definir as afinidades que criou com alunos, professores e com quem trabalha lado a lado, a sua colega Solange que “é uma das pessoas que ficou e vai ficar marcada”. O olhar da setubalense reflete o amor que sente pela família, quando fala dos três filhos, dos “animaizinhos” e do tempo de qualidade que lhes dedica, “a minha vida é esta” [pausa]. Descreve-se como “brincalhona”, “refilona”, “simpática”, “tímida, apesar de não parecer” e “comunicadora”. Acredita que, para se trabalhar num bar de uma escola é necessário “saber lidar com o stress e com a pressão” pois “quem trabalha no atendimento ao público sabe que aparece de tudo um pouco”. Com seis anos de casa, afirma que o momento mais marcante “foi a altura do Covid, quando fechou tudo e fiquei assim um bocado perdida”, recordando o medo da incerteza. Ao pensar no

“Esta escola é muito familiar”

final do dia, apesar dos imprevistos ou atrasos aponta que o mais gratificante “é saber que todas as pessoas ficam contentes com o nosso trabalho e continuam a falar com simpatia, isso é sinal de que fizemos um bom trabalho”. Para Ana Calado o que diferencia a ESE é a animação, “há sempre alguma coisa e nós acabamos por interagir também um bocadinho”, são momentos como estes em que se permite conviver e espreitar o que está além do bar, um dos principais espaços de convívio, acabando por juntar “tanto alunos como professores” e assim fomentar a essência de casa que tanto descreve. “Esta escola é muito familiar”, a palavra que escolhe

futuro, é realista, mencionando “sonhos a gente tem, mas devido à minha idade, ao estar perto de casa e ter miúdos, existem prioridades”. Questionada sobre a continuidade na escola, acrescenta que espera “continuar aqui” a fazer aquilo que gosta. Na eventualidade de sair, o que sentirá mais saudades é do “público” e das pessoas que conheceu ao longo destes anos a cada refeição. Das conversas de passagem às mais demoradas, cada um ocupa o seu lugar, o bar da ESE é isso tudo, tendo como observador principal a D. Ana, como muitos lhe apelidam, que atrás do balcão deixa a sua marca sorridente e cria ligações que mesmo distantes, ficam na memória.

O desafio de formar futuros

Os bastidores da criação de professores



Entre os politécnicos de Viseu, Lisboa, Beja e Setúbal, a educação esteve sempre presente na vida das professoras Elisabete Gomes e Mariana da Veiga, “Não tenho memórias de mim fora da escola”. A professora Elisabete destaca a importância da escola pública na população portuguesa, pois foi a primeira da sua família que estudou numa instituição superior, algo que ninguém do seu seio familiar tinha alcançado, “Eu sou da primeira geração que frequentou o Ensino Superior”. Nenhuma das docentes tem ligação geográfica com a cidade setubalense, mas foi aqui, na Escola Superior de Educação de Setúbal, que encontraram a sua famí-

lia profissional. Relembrem o almoço organizado no ano de 2022, com todos os seus

alunos, valorizam esse momento como um dos mais marcantes enquanto professoras na ESE. // É com grande orgulho que ambas coordenam o mestrado de educação do 1º Ciclo do Ensino Básico pois sempre estiveram presentes na formação de pessoas, assim que finalizaram os estudos. A qualificação destes alunos requer outro nível de empatia para com os professores, pois esse sentimento tem de ser transmitido quando os futuros educadores estiverem a exercer as suas funções com os mais pequenos. “É muito complicado [risos]. Temos de ter atitude e empatia para perceber como os alunos se relacio-

nam com as crianças e os seus problemas”. Quando se fala em empatia na ESE surge o nome da D. Céu, uma das mais antigas funcionárias da escola. É dela que a professora Mariana da Veiga se recorda quando aqui assinou o seu contrato, “Lembro-me da simpatia da D. Céu”. Devido às mudanças de governo, a direção desta graduação tem tido algumas dificuldades com a organização do curso, “Foi um grande desafio porque não tínhamos grande informação”. Alguns aspetos deste decreto-lei não vão ao encontro da maneira de como as professoras gostariam de lecionar as suas aulas, de forma mais lúdica e didática para os seus alunos. // Os tempos mu-

dam e a distância entre os alunos e a escola também não foi exceção. Como diretora do Conselho Pe-

“Não tenho memórias de mim fora da escola”

dagógico, a coordenadora Mariana da Veiga lamenta que este aspeto tenha mudado com o passar dos anos e os alunos estarem cada vez mais afastados do ambiente que, em tempos, a ESE teve, “Ouço relatos daquilo que eram as dinâmicas entre os estudantes na escola”. // Numa complexidade entre as duas coordenadoras, a missão de formar os futuros professores do nosso país sobressai nas suas vidas. A educação sempre presente, tanto no futuro dos seus estudantes, como no percurso académico de cada uma, a ambição de chegar ainda mais longe continua a perseguir as duas professoras.

ENTRE A PÁ E O GIZ

Os artefactos de Ana Alcântara



“Há coisas que a vida nos põe à frente, nós experimentamos e muda completamente o nosso percurso”, foi assim que a coordenadora da Licenciatura em Educação Básica descobriu o seu gosto por lecionar. Ainda no secundário, a docente sabia que o rumo da sua vida iria passar pela área das ciências, mas o gosto pela história fê-la “refazer o exame nacional do 12.º ano para conseguir concorrer a Arqueologia e pronto, entrei”, lembra. Foi entre passos no meio das ruínas que se tornou “arqueóloga de terreno”, mas as “condicionantes da minha vida” fizeram com que se dedicasse “mais à área da investigação das coleções arqueológicas”. A apaixonada pelo passado de forma a “completar a minha formação mais técnica” decidiu, em 1999, frequentar um curso de Animação Sociocultural promovido pelo Instituto do Emprego e Formação Profissional, confessando que sente “que o bichinho da educação surgiu daí”. O desejo de ensinar ainda não fazia parte dos seus cadernos de campo, mas algo fez com que o seu destino se cruzasse com a Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal, “foi aqui que descobri de facto que até podia ser professora em vez de ser

Francisca Caeiro // Tamára Silva

“Foi aqui que descobri de facto que até podia ser professora em vez de ser só investigadora”

só investigadora”, [sorri]. Até hoje, o maior obstáculo que atravessa dentro das suas salas de aula “é ensinar história ou questões da área do património a pessoas que não vão ser não serve para perceber o que se passou para trás, ela é fundamental para percebermos o mundo em que vivemos hoje e em que mundo é que queremos viver amanhã”. O desafio de coordenar a Licenciatura de Educação Básica, foi o projeto mais recente em que embarcou na sua vida, “foi um convite que surgiu por parte da direção, mas devo dizer que nunca tinha coordenado um curso antes, mas ajudou muito saber que não ia estar sozinha”. Foi em conjunto com a professora Sílvia Ferreira que decidiu “abraçar este desafio” que confessa ter sido “uma das maiores responsabilidades” e o maior culpado por “menos horas de sono.” [ri levemente]. “Diversa, solidária, acolhedora e descontraída” é a visão que Ana Alcântara tem no decorrer da sua história na ESE. O local em que se permitiu “descobrir como uma nova vertente de mim” e onde quer ser recordada por “alguém com quem se aprende e a quem se ensina”. Traça o seu mapa com coordenadas no qual o “caminho se vai fazendo caminhando”, em que se escava o passado e se molda o presente na sua paixão pela descoberta do incógnito, “o que interessa de uma viagem não é o percurso, mas sim o destino”.

As fitas pretas e laranjas abraçadas à parede de Alexandre Serra esvoaçam na direção daquela que tem sido a sua casa desde a sua primeira chegada a Setúbal, a Escola Superior de Educação. Descreve o seu percurso académico no Politécnico através da música “Histórias” da Tuna de Bragança “Nesta vida tantas histórias para contar, que me deu para rir e para chorar. E foi mesmo isso. O IPS, para mim, foi tudo, foi chorar, foi rir, foi fazer, foi tudo”. Para Alexandre a comunicação é algo que sempre lhe foi natural, “desde pequeno que falo muito, até a dormir falo” [ri-se], porém, o interesse pela área do audiovisual também surgiu ao longo do tempo. Acredita que, ao ter formação nestas duas áreas, existe uma relação de complementaridade entre as mesmas “Vocês (Comunicação Social) precisam deles (Audiovisuais) para trazer o material todo, estar ali a captar e a editar aquilo tudo, e eles precisam de vocês porque não querem ir lá para a frente”. A diferença marca não só a visão que Serra tem da Escola Superior de Educação como aquela que três pessoas fizeram no seu percurso e que o marcaram, desde as conversas “caricatas” com a Professora Ana Maria Pessoa, às aventuras com o seu colega Leonardo Alexandre “muito pés à terra” e à sua admiração pelo profissional e ser humano que é o professor Ricardo Nunes “gosto muito da dinâmica que o professor tem no trabalho, e na vida. É uma pessoa muito vigorosa e muito rigorosa com o seu trabalho e tudo isso inspira-me”. “Apesar de ser muito mau musicalmente” não foi isso que o impediu de se juntar à Tuna, facto que veio reforçar a sua adoração pela tradição académica, quando faltavam apenas dois anos para acabar a Licenciatura em Comunicação Social, “Depois fiz a bolsa”. Como bol-

“Eu estou ali representado no mural. Eu nunca vou sair daqui, porque eu vou continuar na tuna, até 40 anos também”

seiro do IPStartup, integrou a equipa de comunicação em diversos projetos, onde efetuava entrevistas, reportagens a mentores e editava todo o conteúdo produzido. Cobria ainda eventos como o “Erasmus”, “Semana da Comunicação” e a “Semana da Empregabilidade” e outras iniciativas do Instituto Politécnico de Setúbal como a Feira ETEC. Serra ressalta que “Foi incrível dar continuidade a toda essa bagagem que já trazia antes, mas por outro lado, estar assim tanto tempo em escritório” não correspondia à sua essência, “Eu sou um jovem muito dinâmico”. A experiência na Tuna também lhe trouxe desafios. Além da vivência do espírito académico, foi na tasca que desenvolveu competências das suas áreas de formação através da gestão de redes sociais. Começou na Tuna Matata “que era uma tuna mista”, mas quis o destino outro desfecho, e que este fosse na Tasca. O desafio

lançado pelos seus colegas, fez com que conseguisse conciliar a parte boémia com a profissional. Além de gestor de redes sociais, é também repórter e editor de conteúdos da Tuna, e admite que aprendeu “a fazer coisas em momentos

de Tasca, assim movimentos com a câmara a gravar ou a fotografar e tive técnicas assim mais diferentes que utilizei na minha bolsa de investigação”. Acredita que a “carpa” da sua vida começou no “ninho pequenino”, que foi a Escola Superior de Educação, e acabou numa árvore, o Instituto Politécnico de Setúbal. Alexandre Serra gostaria de ser lembrado como alguém que desfrutou da vida académica como um todo, sabendo estabelecer um equilíbrio entre a diversão e o profissionalismo. Emocionado, com o sentimento de orgulho e pertença, vê-se eternizado no lar que esta instituição se tornou, “Eu estou ali representado no mural. Eu nunca vou sair daqui, porque eu vou continuar na tuna, [...] até 40 anos também”.

Diogo Mendes // Rafaela Cardoso



A Carpa **do Mural**
“Obrigado por me aceitarem”

Onde muitos desistem

“Isto pode parecer patético, mas gosto mesmo de estudar”



Por trás de um sorriso tímido e nervoso, há uma força de vontade que poucos conhecem. Fernanda Almas, ingressou no curso de CTeSP Serviço Familiar e Comunitário em 2018 e foi uma das primeiras diplomadas, é o reflexo de resiliência, empatia e uma vontade de fazer a diferença. Apesar da tenra idade, a sua caminhada não é apenas sobre um percurso concluído, mas sim de conquistas profissionais, e mudanças onde muitos já desistiram. Como menciona “sentir que estou a ajudar as pessoas faz-me sentir bem”. Quando questionada sobre o porquê da sua primeira escolha profissional, não hesita. “eu venho de um bairro social”, exprime com a voz carregada de emoção e orgulho. Num olhar profundo, reflete sobre a educação destes

mo tempo, foi complicado, mas faz-se”. A Covid-19 chegou inesperadamente à vida da diplomada. E o tão esperado estágio foi interrompido “foi uma das coisas que mais me entristeceu, porque eu gostava muito de lá estar e não tive a oportunidade de demonstrar naquela altura as capacidades que eu tinha para ajudar”, apesar deste contratempo, a esperança não morreu. “Família e acolhimento” foram as primeiras palavras que usou ao descrever a Escola Superior de Educação, onde recorda a melhor lembrança da mesma “a relação com a turma que eu tinha, nós éramos 20 meninas e era uma turma que, felizmente, toda a gente se dava bem”. Quando questionada sobre o contacto com a ESE, explica que, após o CTeSP, sentia saudades de adquirir mais conhecimento “Isto pode parecer patético, mas

“Sentir que estou a ajudar as pessoas faz me sentir bem”

jovens, “a partir do momento que nós somos educados e ensinados de uma certa forma, nem sempre conseguimos alterar as rotinas das pessoas”. O Politécnico não foi escolhido por acaso. A proximidade da sua casa foi um fator, mas o elemento decisivo foi mesmo o que podia vir a proporcionar na sua vida profissional, um passo em direção à vocação de “ajudar sempre os outros”. Conciliar estudos, trabalho e ainda tirar a carta de condução não é tarefa fácil. Mas para Fernanda Almas, foi apenas o começo, conta ironicamente “além de eu estar a estudar e a trabalhar também, estava a tirar a carta de condução ao mes-

gosto mesmo de estudar.” Assim, em 2020, decidiu lutar mais uma vez por algo a licenciatura em Animação Sociocultural, no local que considera uma Casa. Com alguma dificuldade em expressar-se em relação a si mesma, pede ajuda ao colega presente na sala “Ui, Hélder ajuda-me”. Imediatamente o amigo responde “é uma menina muito dedicada, mesmo que apareça alguma dificuldade, está lá e não desiste, é uma pessoa muito comunicativa e amiga do próximo”. Após estas declarações, Fernanda Almas deixa escapar um sorriso tímido, ainda marcado pelo nervosismo, assim como no início desta entrevista.

Marchas e conquistas

13 anos de dedicação e amor à tradição



Num dia ensolarado, no Centro de Criação Artística, conheci Sónia Páscoa. Uma mulher simples, com um sorriso contagiante e uma energia que imediatamente

deu a perceber o porquê de estar onde está. A diplomada explica o motivo que a levou a escolher o curso de Animação Sociocultural em 2018, “o facto de eu já ser funcionária, da Câmara Municipal de Setúbal, o contrato é certo, mas com o intuito de ter progressão na carreira”. Escolheu de acordo com o que mais combinava com a sua personalidade e jeito de trabalhar, “este era o que mais se enquadra em mim”. Os

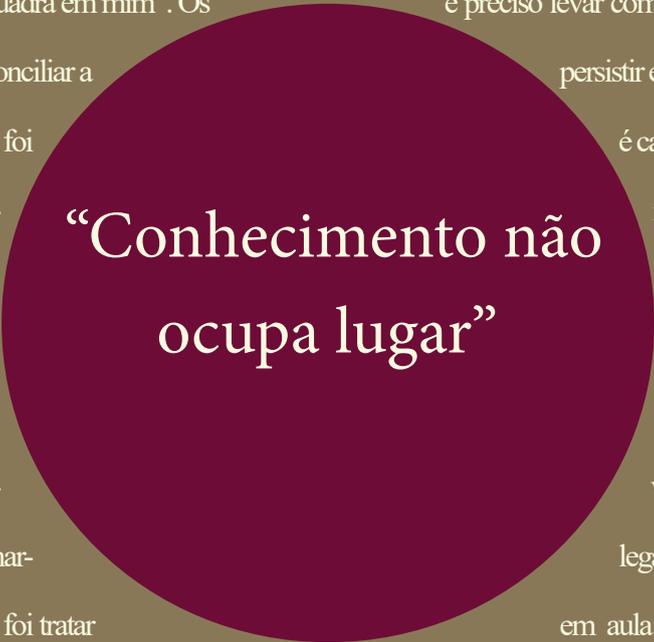
desafios surgiram desde o início, conciliar a vida profissional com os estudos foi árduo. Mas, com coragem, conseguiu uma das maiores vitórias pessoais, “ter concluído nos três anos, porque foi de facto muito duro”, menciona com enorme orgulho. Na sua trajetória, um dos marcos mais importantes, sem dúvida foi tratar

da organização das marchas populares. Revela um carinho especial por esta tradição pois “fui ensaiadora de marchas durante 13 anos”, com a voz carregada de entusiasmo, mostra o quanto é difícil para as associações organizar estes projetos. Quando questionada sobre o impacto da formação no seu desenvolvimento profissional, Sónia Páscoa destaca o valor de aprender e adquirir “conhecimento não ocupa lugar”. Deixa

uma mensagem, simples e direta, para os jovens que tenham ambições semelhantes “a perseverança, porque eu acho que às vezes desistem muito rápido, e se de facto querem, têm de insistir”. No fim da licenciatura, mantém laços com a Escola Superior de Educação, “vou-me cruzando com alguns professores”. Partilha, com um olhar de nostalgia e de gratidão “houve alguns que me ficaram na memória”, a relação que construiu com os docentes do Politécnico vai além das aulas. Quando desafiada a descrever a ESE, utiliza uma palavra que não tão esperada “para mim foi dureza”, no sentido de algo que

é preciso levar com afincado e trabalho árduo e sempre persistir e nunca desistir. O termo escolhido, é carregado de significado para a atual responsável pela parte da organização de eventos da Câmara de Setúbal. Ao recordar o que mais deixa saudades, destaca o convívio e a partilha com os antigos colegas. Sente saudades dos momentos em aula “sentar na sala, estar disponível,

ouvir os professores, voltar ao antes”, sentir aquele bichinho de aprender sempre mais e mais. Sónia Páscoa, assume com sinceridade e orgulho no que se tornou, “uma mulher jovem, também meio obstinada, e que também luta pelo que quer, com as certezas e incertezas do que possa vir”. Com a mesma energia contagiante que me recebeu, acaba a entrevista a deixar claro de que está exatamente onde deve estar.



“Conhecimento não ocupa lugar”

Entre o concelho de Pombal onde nasceu e a cidade de Luanda, a infância de Isaura Fernanda Graça Pedro é marcada por “alguns cheiros naturais.” Angola foi onde brincou nos seus “primeiros anos de vida”, “é um misto de cheiros e de vivências.” Após regressar às suas origens, passado uns anos a docente ingressou no ensino superior, a licenciatura em Psicologia na altura ainda não existia em Portugal e isso exigiu um percurso alternativo para alcançar essa formação tão desejada “na época, quem queria estudar psicologia ou fazia filosofia ou ia para o estrangeiro”. Em 1974 iniciou a licenciatura no Instituto Superior de Psicologia Aplicada (ISPA), mais tarde fez um mestrado na área da psicologia educacional e concluiu com um doutoramento na universidade do Porto, em psicologia e ciências da educação sobre as funções parentais na escolaridade dos filhos. Começou a dar aulas da sua área de formação, na faculdade onde se licenciou até 2010. A sua paixão pelo ensino

surgiu cedo, ao longo de uma carreira dedicada à formação de psicólogos, professores e animadores. A docente descreve que o processo de orientar estudantes é um dos maiores desafios e alegria da sua profissão e afirma que “sempre me fascinou ver os alunos crescerem na sua curiosidade” e que é bastante gratificante quando lhe dizem “professora, gostei mesmo deste projeto”. Ao longo da sua jornada várias pessoas deixaram marcas

inapagáveis na sua vida, entre elas destaca o professor João dos Santos e o professor Pedro Onofre com quem aprendeu muito, e “especialmente em metodologias de trabalho”. Em 2018 já na escola Superior de Educação de Setúbal (ESE) a professora lecionou disciplinas que marcaram a sua trajetória e lembra uma das que lecionava na licenciatura de Animação Sociocultural “relações interpessoais e gestão de grupos” onde um dos trabalhos com os alunos era na formação “das primeiras impressões de outra pessoa”. Um dos momentos mais difíceis para a professora foi o período do COVID-19 onde se questionava “como vamos conseguir que os alunos aprendam nestas condi-

ções?”. Mas, mesmo com todos esses desafios enfrentados, afirma que é muito gratificante quando encontra ex-alunos e dizem-lhe, “professora, aquilo que me disse nas aulas mudou a minha forma de pensar e aplicar na prática” onde vê que o seu maior legado está nos seus próprios alunos. Ainda hoje

leva consigo todas as memórias que vivenciou na ESE embora tenha “sido pouco tempo, mas com muito significado” relata que “o que me impressionou sempre foi a vivacidade dos estudantes” e o quão participativos são em sala de aula. Ao olhar para trás, como uma segunda casa cheia de histórias e projetos que ficarão para sempre na sua memória, Isaura Pedro sem hesitação diz que sim “valeu a pena sem dúvida. Pelo que consegui fazer e até pelo que não consegui”.

“Valeu a pena sem dúvida”

Mafalda Ruivo



O tempo ensina, o coração guarda
Cada aluno uma história, cada aula uma transformação

Paixão de uma vida no Bonfim

“Gostava que o Vitória fosse o principal parceiro da ESE”



Uma vida inteira conectada com o clube mais emblemático da cidade, Alexandre Silva Team-Manager da equipa sénior do Vitória Futebol Clube, afirma que este o acompanhará para sempre “desde pequenino, eu não sou de outro, sou há 48 anos”// Começou a frequentar o mítico Estádio do Bonfim desde os quatro anos, quando brincava na rua com os amigos e, onde estes se punham à porta “pedia ao vizinho, deixe-me entrar consigo, era isso que fazíamos em meninos, pedíamos a alguém”// Na memória de um sócio, que tanto ama o clube, ficam resultados históricos “tinha lembranças de um quatro a quatro com o Porto, de um cinco a dois ao Benfica”, onde antes o estádio era repleto de pessoas, agora encontra-se despido devido aos problemas que o

VFC enfrenta “segunda Distrital, isto agora é difícil, ninguém quer vir”// Com 48 anos de idade, Alexandre Silva já enfrentou muitos momentos complicados, contudo, o da descida ao Campeonato de Portugal foi o pior até agora “o mais desafiador que tive foi quando o Vitória desceu da Primeira Liga, aí sim, não tivemos suporte nenhum”. Um vitoriano de alma e coração que nunca baixou os braços e sempre lutou para que o clube voltasse a ser o que era “eu e mais o Gabriel da manutenção, íamos para a cozinha, fazer as refeições

para os jogadores”// O seu papel neste momento dentro do clube é ajudar e suportar toda a estrutura, papel que exerce com muito gosto “o team-manager é o que faz tudo perante a equipa, é o que ajuda, e é o suporte também do diretor desportivo”// Alexandre Silva vê com bons olhos uma parceria entre a Escola Superior de Educação e o VFC “devia estar mais ligado ao IPS, à ESE”, para o diretor esta parceria seria benéfica para ambas as partes, todos sairiam a ganhar “nós precisamos de vocês, e o Vitória também precisa”. Nos seus planos está apenas um pensamento, não sair de cá, um homem que já teve muitos convites, mas nunca pon-

derou em abandonar o seu grande amor “já recusei muitas propostas de outros clubes, não quis ir”. Entre ruas e becos, dos pontapés nas bolas ao banco de suplentes,

“Nós precisamos de vocês, e o Vitória também precisa”

vive o seu dia a dia dentro das instalações do clube, mas sempre com os objetivos bem fixos na sua cabeça, neste momento só pensa na subida de divisão e voltar a colocar o “Enorme” Vitória, como o caracteriza, um clube que tenta encontrar os caminhos corretos, entre objetivos e sonhos, esses são bem claros “Primeira Liga”// Numa mensagem breve aos alunos da ESE, Alexandre transmite através das suas palavras que o futuro é continuar “a batalhar, a carregar os vossos objetivos, que só assim também o país avança”.

Alexandre Santos

O desporto como caminho de aprendizagem



Licenciatura não alcançada transformou-se numa porta para novos desafios

“Sou uma pessoa dinâmica, divertida, gosta de se dar com todos, de trabalhar em equipa, e de aprender sempre com todos e com tudo”.

João Afonso, 25 anos, um jovem ativo e apaixonado pela atividade física, é ex-aluno do Curso Técnico Superior Profissional em Desporto de Natureza, onde iniciou em 2019, no Instituto Politécnico de Setúbal, na Escola Superior de Educação. Na sua jornada académica, enfrentou inúmeros desafios, mas também viveu experiências enriquecedoras que o marcaram tanto a nível pessoal quanto profissional “fugir da zona de conforto e a experiência de viver sozinho, foi algo mais desafiador”// O primeiro grande objetivo era ingressar na licenciatura

em Desporto. No entanto, não conseguindo alcançar essa meta, optou por uma segun-

da via “não consegui, então olhei para a opção do CTeSP”. Movido pelo interesse em desportos ao ar livre, como a canoagem, e a vontade de expandir as suas competências foi o que o levou a optar pelos Desportos de natureza “Sempre gostei de atividades ao ar livre e identifiquei-me com a ideia de praticar desportos fora do contexto habitual”//Ao olhar para a sua trajetória académica [risos], lembra as dificuldades trazidas pela pandemia de Covid-19 “não ajudou muito, deixámos de fazer algumas disciplinas o que nos tirou um bocado de motivação”. “Foi uma experiência boa, conheci muitas pessoas,

aprendi muito e vou levar o curso para a vida”, disse com gratidão, ao lembrar o seu percurso académico na ESE.//Um amante do desporto, João Afonso apaixonado por diversas modalidades, contudo existe uma que o acompanha há já muito tempo “desde pequeno, sempre pratiquei futebol, portanto eu digo sempre que é a minha paixão”. Ao olhar para o futuro, o ex-aluno da escola pensa que é importante ter várias saídas profissionais “tenho o objetivo de ser professor de educação física, estou ligado ao futebol e penso também em tirar o curso de nível um de nataçã”// Pedalando para o passado, vem à memória a primeira lembrança que tem da instituição “das aulas práticas de ciclismo onde ía-

mos passear na Arrábida, levo isso comigo, porque são experiências que ficam”. Além das memórias guar-

dadas na passagem pela ESE, fica também a importância que esta teve no desenvolvimento enquanto estudante, o crescimento e as amizades que guarda com carinho “cresci a nível pessoal e profissional, conheci pessoas que me fizeram ver outros pontos de vista”//“Aprendizagem” palavra que João Afonso escolheu para descrever a escola que o acompanhou durante o seu caminho, apesar de não ter sido a sua primeira escolha mencionou sempre a importância que o curso teve na sua vida.//“Acho que devem aproveitar todos os momentos”, conselho que deixa a todos os alunos da ESE.

“Acho que devem aproveitar todos os momentos”

Entre manchetes e sonhos

A paixão que nasceu nas *bancas de jornais*



“Eu era pequenino e ia juntamente com o meu tio, íamos comprar o Expresso ou íamos comprar a Sábado foi isto que me influenciou muito, muito mesmo”, foi entre as manchetes dos grandes jornais do nosso país que Daniel Lemos encontrou a sua grande paixão pelo jornalismo. Este entusiasmo corre-lhe nas veias como a tinta que dá vida às palavras impressas nas notícias que lia, “tenho um tio que é jornalista e que desde muito cedo me influenciou para este mundo”. O tempo foi passando, mas o interesse pela comunicação social “foi crescendo e na adolescência comecei mesmo a ter gosto por ler notícias”. No momento em que estava prestes a abrir um novo capítulo na sua vida, a entrada no ensino superior, decidiu que o havia de fechar por mais um instante, “eu sempre achei que era uma decisão muito precipitada e por isso quando terminei o secundário resolvi parar um ano, para decidir bem aquilo que queria”. É no ano de 2018 que a sua vida se cruza pela primeira vez com a Escola Superior de Educação, mas não pelo caminho mais retilíneo, “inicialmente entrei na Licenciatura em Tradução e Interpretação de Língua Gestual Portuguesa”. O apaixonado pela escrita sabia que aquele não era o trilho que esperava desbravar, “decidi que ia fazer um mês daquilo depois se não gostasse iria fazer outra coisa”, mas a ver-

“Eu era pequenino e ia juntamente com o meu tio, íamos comprar o Expresso ou íamos comprar a Sábado

dade é que mesmo navegando num rio desconhecido, “comecei a gostar do curso e passou um ano, passou dois anos e depois acabei por me licenciar”. Em 2020, conclui a licenciatura em TILGP e percebe verdadeiramente que o jornalismo faz parte do lead da história da sua vida, que agora ganha um novo parágrafo. Em setembro do mesmo ano, “entrei em Comunicação Social também no Instituto Politécnico de Setúbal”, mas o sentimento do primeiro dia de aulas foi o mesmo que havia sentido anteriormente, o abrir de uma página de jornal em branco, “foi aquela ânsia de não conhecer ninguém e saber que iria fazer novas amizades, foi um dia muito estranho”, recorda com nostalgia. Foi no IPS que viveu dos momentos mais marcantes da fase em que o ser humano é como uma fotografia em processo de revelação. “Cresci muito aqui, enquanto pessoa, enquanto amigo”, mas acredita que este amadurecimento se deve muito a disciplinas como Produção de Texto Jornalístico, “foi um grande choque com a realidade, foi ver como poderia ser uma redação, o mundo do trabalho”. Daniel Lemos recorda com muito orgulho a conquista mais marcante na sua passagem pela ESE, “ver a PerfilLocal no átrio e saber que estava ali o meu suor, foi grande uma euforia, saber que o plano estava realizado, foi o sonho concretizado”.

O motivo de fazer a diferença

“Quero ser melhor um bocadinho todos os dias”



“Apercebi-me da necessidade de querer dar resposta à minha realidade”. Desde cedo que a professora Andreia Vicente teve contacto com as crianças. Ainda em tenra idade começou o seu fascínio pela educação, um amor que surge quando a professora decide parar um ano, depois de acabar o secundário. Quando volta a estudar, opta pela Licenciatura em Ensino Básico, mas decidiu não se limitar ao 1+1 ou à conjugação de verbos. // Depois de acabar a Pós-Graduação em Domínio Cognitivo e Motor, a Escola Superior de Educação continua a fazer parte da sua vida, “Fui cooperante de estágios, em Formação Básica de Primeiro Ciclo”. Atualmente é docente de Educação Especial, depois de 20 anos a exercer como educadora. Conta

que lidava com jovens com graves deficiências e foi para os ajudar que Andreia Vicente decidiu trocar a história pelas estórias. Foram essas pessoas que provocaram a paixão da professora, “Ágia de forma mais inata, mais maternal”. Numa profissão onde o trabalho que é feito nunca é suficiente, a ambição é sempre a mesma, todos os dias, “Há sempre um sentimento insatisfatório, queremos sempre fazer mais”. // A primeira memória sobre a Escola Superior de Educação de Setúbal encontra-se no sobreiro que dá imagem à tão diferente arquitetura do espaço envolvente. Foi aqui a primeira intera-

ção com as tantas atividades lúdicas que a instituição proporciona a todos os alunos, “O que marca a ESE são as aulas que não são tão teóricas”. // Apesar da proximidade que Andreia Vicente mantém com a escola, a presença diária no edifício acabou há alguns anos, mas as memórias continuam intactas, “Quando entrei aqui [pausa] dá-me umas lembranças”. A instituição tem o poder de se tornar a “casa” dos alunos que por aqui passam e a professora não é exceção. Continua à espera do mestrado em Educação Especial, para se especializar na área que a apaixona e voltar a pisar os cantos que tantas memórias lhe trazem. // A rampa de lançamento

“Quando entrei aqui [pausa] dá-me umas lembranças”

para a sua profissão é a Escola Superior de Educação, pois aqui construiu as melhores lembranças

durante os seus anos de formação profissional. “Gostei imenso, como devem calcular”. Na ESE, a professora cresceu tanto como pessoa, como na sua área de trabalho. É nesta instituição que tem as melhores lembranças enquanto estudante e onde mais aprendeu aquilo que hoje exerce. Sabe que não pode auxiliar todos, também não é essa a missão que quer para a sua vida, apenas deseja ajudar aqueles que precisam e fazer a diferença nas pessoas que a rodeiam, “Quero ser melhor um bocadinho todos os dias. Não penso em mudar o mundo, mas posso mudar o mundo daqueles que passam por mim”.

“Todos os dias na ESE são incríveis”

Acima de tudo um espaço de convívio entre alunos e professores



Como diz o ditado, não há duas sem três, e para Marta Almeida foi isso mesmo que aconteceu no período de inscrição ao ensino superior, não foi na primeira, nem na segunda, mas sim na terceira fase que consegue ingressar em Animação Sociocultural, na Escola Superior de Educação. A realidade é que este curso não era o que ambicionava, “queria mesmo era jornalismo”, mas o politécnico troca-lhe as voltas e acaba por encontrar motivação, “temos bastante a parte humanística e este curso torna-nos pessoas, acima de tudo, e capazes de compreender o próximo”, tendo de lidar com pessoas com demência, necessidades especiais ou outro tipo de condição. Para além das aulas, considera que os planos extracurriculares fomentam a vida académica e mantêm tradições, por isso, frequentou a Tuna durante um ano, uma “experiência gratificante” pela partilha de testemunhos de ex-alunos e ainda está ligada à associação de estudantes que têm parte ativa na promoção de atividades para a comunidade escolar. Sobre o olhar da setubalense, a ESE “é uma escola muito boa” pelo ambiente de convívio que “é fundamental”, diferenciando-se por ser “muito mais ampla e muito mais integradora do que as outras escolas”. Escolhe a palavra “leveza” para a descrever, tanto pela arquitetura como pelos colegas e professores, figuras estas que mais a marcaram ao

“Temos bastante a parte humanística e este curso torna-nos pessoas, acima de tudo, e capazes de compreender o próximo”

longo dos três anos, como o professor Luís Santos, mas também outros que estão sempre dispostos a ajudar, “são quem nos forma como profissionais, por isso acho que lhes devemos muito”. O principal desafio que enfrenta é ser trabalhadora-estudante, “tentar conciliar estudo, aulas e o trabalho, acaba por ser um bocado complicado”, mas acredita ser tudo uma questão de organização, que conseguiu ultrapassar no curso de Animação Sociocultural e que assim continua em Comunicação Social. Aos 23 anos, já licenciada, procura mais formação e assim persegue o sonho pelo jornalismo de investigação, mostrando que “vale a pena” estar mais três anos na ESE, “continuei pela razão das equivalências”, estando as ciências sociais e humanas relacionadas. Sente gratidão pelo curso que a surpreendeu, mas que agora é criar novas memórias num ambiente que já lhe é familiar. Descreve-se como “ambiciosa”, “compreensiva”, “sensível”, “cómica” e “exigente”, com ainda alguns anos para se descobrir e o principal objetivo de ser feliz. A casa é a mesma, mas agora as salas são diferentes das que entrou entre 2021 e 2024, neste novo ano letivo traça o seu caminho pela comunicação, acreditando no futuro da escola que pode melhorar se ouvir mais os estudantes, “se nos dessem mais voz”, mas independentemente disso deixa a nota final de que “todos os dias na ESE são incríveis”.

Aproveitar as Oportunidades de Golo

O Segredo para o Sucesso não só em Campo



As linhas brancas do relvado, pintam a jornada de Diogo Pereira, “desde os quatro anos sou jogador federado”, porém nunca quis ser o protagonista em campo, confessando cedo aos pais que sonha então “ser treinador”. Uma lesão grave altera o seu rumo, “já sabia que não podia jogar mais”, fecha-se uma porta, mas abre-se uma janela no percurso do atleta quando um ex-treinador o integra no “mundo dos treinos”. // “Perto de casa” une a sua paixão com os estudos, na Escola Superior de Educação, no curso de Desporto. O primeiro ano “de habituação” foi para si o mais “desgastante”, “nós entrávamos às oito e por vezes saíamos às cinco para conciliar as aulas com o que nós tínhamos no exterior”.

O diplomado da formatura de 2024 aconselha a se “co-

meçar cedo” a desenvolver competências e experiências para facilitar a integração no universo do mercado de trabalho, “muita gente pensa que vai para o desporto e é o deixar andar”. // Desconstrói a estigmatização das saídas profissionais do seu domínio, acredita na quantidade de alternativas que o mesmo oferece, embora “o curso de desporto é mais ligado ao fitness, mais ao ginásio e acabou por ser aí as opções do estágio da minha turma”. Contrariamente aos seus colegas, remata numa outra direção, levando consigo a resiliência e alcança o seu maior desejo quando assume a profissão de treinador-adjunto geral e na academia Twenty Eight Football

Rafaela Cardoso

Camping trabalha com os jogadores numa outra perspetiva. Para o técnico que já passou por clubes como o Pinhalnovense, Amora e Barreirense, a diferença entre estas duas abordagens é marcante “A ligação com os desportistas é muito mais forte” e a preparação “é sempre mais focada no jogador”, nas “capacidades de cada um”. // Além do futebol, também trabalha as capacidades físicas de jovens noutra contexto, é professor de Aecs (Atividades de Enriquecimento Curricular) no Agrupamento de Escolas José Maria dos Santos no Pinhal Novo, “tenho crianças a agarrarem-me as pernas e a pedirem-me para ir para a casa delas e para tomar conta delas” [ri-se]. // Prioriza a comunicação em tudo

o que faz “um treinador e um professor tem de ter uma comu-

“Muita gente pensa que vai para o desporto e é o deixar andar”

nicação adequada com os seus jogadores ou com os seus alunos, visto que são crianças”. // Com apenas 21 anos, demonstra que é preciso mais do que talento, acredita num “mundo de oportunidades”, no apoio da sua família e amigos, e no seu propósito principal que é acabar o curso de treinador nível um e continuar as “formações”. Espera ser treinador a full time para poder criar oportunidades de golo. O segredo para o seu sucesso está na forma como equilibra todos os prismas do seu dia-a-dia. “Levo” da ESE “os ensinamentos agora para o exterior, tanto para os treinos, tanto para as Aecs e para o resto da minha vida”.



Uma vida dedicada à educação e à cidade

O "corrupio" de que Carla Guerreiro não se cansa

Carla Alexandra Potrica Guerreiro, dedica a sua vida há 15 anos à vereação da Câmara Municipal de Setúbal, apesar de não encarar “isto como profissão”, “pelo menos eu não encaro isso dessa maneira”. A sua primeira opção era Psicologia, mas decidiu entrar em Beja na Licenciatura de Professores do Ensino Básico, na variante de Matemática e Ciências da Natureza e quem diria que ali descobriria a grande paixão da sua vida, o ensino. Durante pouco mais de uma década os alunos eram a sua vida, agora o “corrupio” da Câmara é o conforto de Carla Guerreiro, apesar de admitir ser difícil manter um afastamento do

trabalho quando está só com as suas duas filhas, “às vezes é quando estamos até mais sozinhos e fora destes corredores, que temos um

“Às vezes é quando estamos até mais sozinhos e fora destes corredores, que temos um bocadinho de tempo, para refletir sobre as questões”

bocadinho de tempo, para refletir sobre as questões”. Para a Vice-Presidente “o trabalho é aquilo que nós quisermos”, tudo depende do nosso compromisso e do empenho que se tem “se a pessoa se empenhar naquela função e der o seu melhor com certeza que terá frutos”. Ao fim de década e meia ao serviço dos setubalenses, já muito aconteceu dentro do edifício Sado, mas o dia mais difícil foi “há uns anos atrás”, quando “houve um acidente grave no Mercado Livramento”, “morreram 5 pessoas”. Quem se cruza com Carla Guerreiro percebe à primeira vista que se trata de uma mulher discreta, é com a sua secretária Benedita com “quem às vezes

converso”, “mas tenho aqui alguns bons amigos”. A família é um alicerce fundamental na sua vida, “sem a minha família, não era possível eu estar aqui”, apesar de lamentar a falta de tempo que lhes dedica, “muitos jantares que não são feitos em família”. Apesar de não admitir as saudades de lecionar são evidentes na forma como fala dos tempos em que percorria os corredores das escolas entre livros de ponto e manuais, “tenho sempre assim uma certa nostalgia”, “do que é que podia ter sido também a minha vida”, confessa algo muito curioso, uma funcionária com quem trabalha “foi minha aluna” e “chama-me professora”. A Escola Superior de Educação sempre

teve um lugar especial no desenvolvimento da região, e é “uma referência a nível nacional”, ali reconhece uma “capacidade de inovação” e de métodos muito “à frente do seu tempo”. Há 40 anos, a Escola foi feita com uma outra filosofia “de alguma forma aquele edifício também deixa transparecer uma forma diferente de dar as aulas”, realça ainda a importância das comemorações do quadragésimo aniversário da ESE, como uma forma de “dar a conhecer o que ali se faz”, “ao resto da cidade”. A professora entristece-se ao falar do estado da Educação em Portugal, “não é rentável trabalhar nesta área, as pessoas não são reconhecidas”, apesar de se caracterizar como “uma pessoa otimista”, “não tenho nada aquela ideia de que o mundo está perdido”.

Destreu-se no Ensino Superior na Faculdade de Letras de Lisboa, onde fez uma Licenciatura em Artes e Humanidades, mas Mariana Alves “já há muito tempo queria aprender a Língua Gestual Portuguesa”. Natural de Castelo Branco e residente na Amadora, estava destinada a cruzar-se com a escola setubalense, visto que é uma das três instituições do país com a Licenciatura em Tradução e Interpretação de Língua Gestual Portuguesa (LGP). “Tinha de arriscar e vim, foi a melhor experiência que eu tive até agora. Encontrei tudo aquilo que procurava e aquilo que não sabia que procurava”. A Escola Superior de Educação e os docentes receberam-

-na da melhor forma e fizeram “sempre um acompanhamento muito próximo”. Guarda na memória Cristina Gil, “ela é que nos dá todas as bases da interpretação

e dos aspetos culturais”, a professora Maria José, um dos “modelos éticos e da profissão que pretendo sempre seguir” e Carlos Gonçalves, “que foi a primeira pessoa com quem nós tivemos contacto com a língua”. “Todos os professores da área de LGP são incríveis e marcam-nos, pelo menos a mim, marcaram-me imenso”. Vivenciou o voluntariado, que “eram oportunidades de estar no ativo antes de estar no ativo”. O contacto com a comunidade foi variado, desde acompanhar crianças surdas e codas, “que são crianças ouvintes ou surdas, filhas de pais surdos”, à participação

nas segunda Peregrinação de Pessoas Surdas a Fátima, em que era a ponte de comunicação”. Ao trabalhar com várias faixas etárias, “obriga-nos a adaptarmos a forma como interpretamos”. Os adultos, fluentes em Língua Gestual Portuguesa, “à partida têm um nível linguístico mais avançado”, mas “quando é uma criança nós temos, para além da função de interpretar, sermos um modelo”. Remontando aos seus tempos de estudante da ESE, sente saudades do ambiente familiar e de “termos ali o nosso nicho de LGP. Tenho muitas saudades disso”. Intitula-se como uma curiosa, “gosto de aprender e de tentar coisas novas, mesmo com medo”, consegue “ser mais corajosa no trabalho do que fora

dele”, indecisa, sonha-

dora e empenhada.

Com a licenciatura terminada, procurava “trabalhar um bocadinho em todas as áreas possíveis”, sempre li-

“Tinha de arriscar e vim, foi a melhor experiência que eu tive até agora. Encontrei tudo aquilo que procurava e aquilo que não sabia que procurava”.

gada à interpretação. “Com esta profissão, eu consigo tudo isso porque podemos trabalhar em qualquer contexto”. Atualmente, aventura-se ao lado da Gestu, uma empresa de intérpretes. “Agora estou numa instituição de ensino superior, já tive a minha formação profissional com eles e, entretanto, também vou interpretar em contexto teatro”. Fluente em LGP, admira a cultura da comunidade surda, “é fascinante e aconselho toda a gente a tentar conhecer um bocadinho”. O que mais a desafia é também “o que mais me fascina, porque é uma língua incrível”.

Catarina Pires

A arte de interpretar as palavras

“É o que mais me fascina porque é uma língua incrível”





Adormecer *debaixo das asas* e acordar sendo as asas

“A porta ficou aberta”, para que sempre se consiga ir à descoberta

O desporto sempre foi, para Luís de Matos, uma presença assídua, quando era mais novo praticou “andebol e basquetebol no Vitória de Setúbal.” Talvez tenha sido esse gosto pelo desporto que o tenha feito especializar-se na vertente de Educação Física, quando se licenciou no Piaget, no curso de Educação Básica e 2º Ciclo. Até à sua chegada à Junta de Freguesia de São Sebastião, fascinava-o o contacto com os alunos, contacto esse que diz ser uma peça fundamental, agora, que assume o cargo de Presidente da freguesia, “conheço os trabalhadores todos, pelo nome, são à volta de 100.” O professor assume a dificuldade que tem em conseguir desligar o “botão” e ser apenas o pai e o marido, isto porque é “dependente do trabalho.” É como se este fosse o combustível que o move a cada dia. “É fácil chegar a casa e mudar o chip, com uma condição, é chegarmos a casa independentemente do dia, ter sido muito intenso e desgastante, chegamos a casa e temos o sorriso de uma bebé de 2 meses à nossa espera ou de uma criança de uma menina de 6 anos à espera.” Com um olhar resplandecente, Matos faz questão de levar a sua “pequenina todos os dias à escola”, “a base de tudo foi a minha família em casa.” Orgulhosamente, o presidente da Junta a que o IPS e a ESE pertencem, destaca que “o único estabelecimento de Ensino Superior Público no

nosso Concelho é aqui, na nossa freguesia”. A importância da Escola para a região é notória, “tem uma grande carga histórica na formação de professores”, “a ESE surgiu aqui em Setúbal, numa época do nosso país em que havia uma carência notória e grave de professores.” Ironia do destino, a primeira aparição pública enquanto presidente da “nossa freguesia” foi justamente na receção aos novos alunos do IPS e da ESE, em 2023, ali na avenida principal com um megafone, sem pompa, mas com muita circunstância fez questão de “levá-los todos (os funcionários) porque quis partilhar esse momento com todos”, “até a porta ficou aberta”. Este é o lema do professor, ter uma freguesia sempre aberta “quando nos batem à porta, nós não perguntamos quem é”, “somos todos fregueses.” Quando pedida uma mensagem aos estudantes e aos professores da ESE, Luís de Matos pede “muita astúcia” e “rigor”, “temos de uma vez por todas que dignificar o Ensino.” A “excelência” é a palavra que encontrou para descrever a Escola das linhas direitas e da cor pálida, além de evidenciar a preocupação que a ESE tem com o meio ambiente. O pai, marido, filho, professor e presidente, recorda a diferença que sentiu quando lhe foi confiado o cargo mais importante da freguesia, ***“num dia adormeci debaixo das asas do Presidente e no outro dia acordei sem rede.”***

Temos de recuar mais de quatro décadas para lembrar a chegada de Manuel Agostinho a Setúbal vindo de Santa Luzia, Ourique, na altura veio “ter com uma tia que morava aqui”. A cidade que é conhecida como o berço de Bocage foi a madrinha do casamento que já dura “há quase cinquenta anos”. Em 1985 as novas instalações da Escola Superior de Educação foram inauguradas, tal como, o café “O Parque”, “sabíamos que era uma aposta certa”. O “tio” como é chamado pela grande maioria dos clientes é um verdadeiro casamenteiro, ali, dentro daquelas paredes verdes e laranjas, viu nascer grandes amores e até tem “ido a casamentos”.

Muitos desses casamentos nasceram das “tardes maravilhosas” com os “alunos de música”, as tunas

que sempre foram uma presença assídua. Ir ao Senhor Agostinho às quintas-feiras é uma tradição, todos se juntam para beber um famoso “remédio” ou comer uma “bifana especial”, mas ao fim de tantos anos o “tio” recorda as festas que se faziam das tunas, transpirando um espírito académico, que se foi perdendo com o passar dos anos. Antes de chegar a Setúbal, Manuel já havia passado por muito. Foi um dos combatentes na Guerra Colonial e todos os anos organiza um almoço para celebrarem a vida. Desse tempo guarda “memórias tristes”, “tivemos camaradas mor-

tos”, Agostinho e os camaradas só pensavam “em um dia voltar”. É com um olhar inundado de angústia que afirma: “O dia mais triste que lá passei foi o dia 23/07/1973, morreram-nos 11 camaradas” e isso deixa marcas, marcas essas que perduram até hoje, fica “marcado no coração”. Manuel Agostinho lembra as relações que construiu com os docentes nos tempos áureos da ESE, “uns já partiram”, apesar de muitos ainda percorrem os corredores da escola. A escola para o negócio foi uma lufada de ar fresco, foi a partir daí que o IPS se começou a desenvolver e a carregar consigo uma reputação invejável. Ao fim de tantos anos a ementa de sucesso do café mais conhecido

“Para mim todos são iguais, sejam alunos ou professores, não faço distinção a ninguém”

pelos estudantes é a “simpatia” e “o sorriso” com o qual são recebidos quando ali vão, “para mim todos

são iguais, sejam alunos ou professores, não faço distinção a ninguém”. Reformado há já muito tempo, o Senhor Agostinho é uma figura histórica para a ESE e para o IPS em geral, “se não valesse a pena estar aqui já não estava cá há muito tempo”. Manuel quer ser recordado como “um amigo, que sempre lhes deu conselhos”, recorda que sempre disse aos seus clientes que “o principal objetivo não era estar aqui”, mas sim “na escola”. “Quero estar cá mais 10 anos, até eu poder estou aqui sinto me completo estando aqui isto, dá-me anos de vida”.

Balcões *riscados* por memórias

“Quero estar cá mais 10 anos”



Da Máquina de Escrever ao Computador

“Sou mesmo só eu, a Luísa Gago da Silva”



Conhecida pela sua longa trajetória profissional na Escola Superior de Educação, Luísa Gago da Silva relembra experiências de uma carreira marcada pela dedicação, desafios e amizades duradouras, “fiz bons amigos que ainda hoje mantenho”. Define-se de forma simples e direta “sou mesmo só eu, a Luísa Gago da Silva”. Apesar de ter sonhado quando jovem com uma carreira dentro da área da medicina, a sua trajetória tomou outro rumo, “quando cheguei ao sexto ano do liceu, percebi que a matemática seria o meu calcanhar de Aquiles”, acabando por se direcionar para o secretariado. Um ambiente de trabalho, segundo

Luísa Gago da Silva, caracterizado por uma certa constância, “o trabalho de secretariado é bastante rotineiro”, mas que lhe dá um “certo prazer, porque

posso expandir as minhas competências”, a organização de eventos é de longe o que mais gostava de fazer e sublinha que “esta habilidade foi um dos pontos altos da minha passagem pela ESE”. Resalta que um bom funcionário na área do secretariado é mais do que apenas cumprir tarefas, “um bom profissional é aquele que não se esquece das coisas, que faz o trabalho sem precisar constantemente de ser lembrado”. Sendo que para Luísa da Silva a satisfação no trabalho vinha pela valorização por parte dos colegas “o que me fazia sentir realizada

era saber que o meu trabalho era apreciado”, mas sempre com uma perspetiva de melhoria contínua pois “tudo na vida pode ser sempre um bocadinho melhor”. A capacidade de adaptação às novas tecnologias é algo que ressalta como um desafio vencido, “comecei por escrever à máquina, depois passei para a máquina elétrica e finalmente para o computador”, contudo “hoje já não domino tanto, e as minhas netas precisam de me ajudar”. Atualmente dedicando grande parte do seu tempo aos netos, descreve esta nova etapa da sua vida como “muito cansativa”, mas também “muito gratificante”, onde encontra prazer em pequenas coisas como “ajudá-los com as tarefas diárias, desde levar à es-

cola até vestir ou levar à natação”, mas o que mais gosta de

“As memórias e amizades permanecem vivas”

fazer é o “bordado a ponto cruz, criando quadros para os netos”. Não tendo uma carreira isenta de desafios, retrata o ano de 2005 como o ano que a marcou mais dentro da Escola Superior de Educação, “foi quando fui dispensada das minhas funções e a maneira como foi feito marcou-me muito”. Salaria que a ESE foi uma “segunda casa” e mesmo após 12 anos de reforma, Luísa Gago da Silva recorda que “as memórias e amizades permanecem vivas” querendo ser recordada “como aquela pessoa simpática, sempre pronta para ouvir”.

Bernardo Duarte

Jornalismo com Justiça direito com verdade
Compromisso com a ética e a deontologia



Francisco Alves Rito nascido, mas não criado em Estremoz, com apenas nove meses de vida veio para a cidade de Setúbal, conhecida como berço do Bocage. O gosto pelo jornalismo está presente desde os 16 anos onde, “vi um anúncio no jornal sobre uma rádio no Pinhal Novo que procurava colaboradores”, foi desde então que o diretor do Setubalense começou a dar os primeiros passos como jornalista. Apesar da paixão pelos factos, a sua formação levou-o para Direito, embora nunca tenha exercido confessa que “aplica-se a tudo na nossa vida, tudo o que nós fazemos tem relação com o direito”. Em 1993, oficializa-se como jornalista

profissional mesmo estando sempre ligado e a trabalhar na mesma área. Segundo Rito tudo era muito diferente do cenário atual “Naquela

altura, trabalhávamos com outro ritmo. Havia mais tempo para amadurecer uma notícia antes de publicá-la. Hoje, com as novas tecnologias e o imediatismo, tudo precisa de ser publicado rapidamente”. Reflete que, apesar de quaisquer mudanças nos suportes e até mesmo nos ritmos, os valores essenciais do jornalismo permanecem inalterados, “A ética, a deontologia e o compromisso com a verdade continuam os mesmos”. Após uma trajetória em diversas rádios e jornais, tanto locais como nacionais, em 2000 deu início à sua

ligação com o Setubalense, “Fundamos vários jornais na região de Setúbal e, decidimos fundir títulos e criar um jornal regional diário”. Este é uma das entidades de estágio dos estudantes de Comunicação Social “Os estágios beneficiam o jornal, a escola e os alunos”. O entrevistado não esconde a sua preocupação com a nova levada de jornalistas “Muitos não leem jornais, nem sequer os digitais. Limitam-se ao feed das redes sociais.” Ao longo da sua carreira vivenciou experiências desafiadoras. Uma das mais marcantes foi a reportagem a um casal russo acusado injustamente de espionagem “Toda a imprensa nacional já os condenava, mas decidimos ouvir a versão deles. Foi

“Objetividade jornalística e a empatia humana”

um exemplo de como o jornalismo pode equilibrar debates e até corrigir injustiças”, esses momentos revelam o dilema entre a “objetividade

jornalística e a empatia humana” é impossível passar por certos lugares ou ouvir certas histórias sem se envolver emocionalmente, mas o desafio é transformar isso em jornalismo ético e informativo.” Confessa que quer “trabalhar mais uns 30 anos”, gostava de estar vivo quando o Setubalense fizesse 200 anos. Ao fim de três décadas dedicadas aos factos não se sente realizado pois o “meu sonho era ter-mos um jornalismo próximo do meu ideal”, mais sustentado e que não seja “dependente e tão frágil economicamente”.

Entre a educação e a música

“Porque somos nós que criamos o amanhã”



Maria Barreiros, descreve-se como “empática”, mas é na pluralidade das suas vivências que encontramos a sua verdadeira essência, “achei mesmo que eu tinha que experimentar um bocadinho de tudo aquilo que era a vida académica”. Licenciada em Educação Básica pela Escola Superior de Educação, seguiu o exemplo da mãe tornando-se professora, mas “sempre disse que não seria este o caminho”. Foi aqui que nasceu o seu amor pela educação, transformando a sua vida e levando-a até à sua “casa”. “A ESE foi a minha primeira opção”, uma instituição onde os corredores são palco de aprendizagens profundas e as docentes, como Joana Brocardo e Helena Simões são “exemplos sólidos”, de profissionalismo e humanidade. Foram estas professoras que acabaram “por me guiar e orientar na licenciatura e foi um ponto

de referência muito importante para mim”. Porém, foi além das salas de aula que Maria Barreiros encontrou o grande pilar da sua jornada académica. Foi na Semana de Acolhimento, arrebatada pela magia das vozes e dos instrumentos que enchiam a ESE de alegria, que entrou na Tuna Sadina, “partilhamos todas o mesmo gosto pela música e o clima que temos dentro da Tuna é mesmo um clima de família em que não há superioridade”. Mesmo depois de terminar a licenciatura, não consegue estar

longe do Politécnico, “quando nós entramos na Tuna, somos sempre da Tuna”. É muito mais do que um grupo musical, “é um espaço de união, partilha e construção de memórias”. // Atualmente, tem uma “profissão de enorme responsabilidade”, enquanto professora do pré-escolar, “porque somos nós que criamos o amanhã”. Ao desempenhar o papel de educadora multifacetada, “consigo aproveitar aquilo que a Tuna me deu para alicerçar a minha profissão”, desde o teatro, a educação física e a música, onde acaba por aplicar “o que a Tuna me deu nas aulas que dou”. Um conselho que deixa a todos os que desejam ser professores é que “sejam re-

silientes, educar é um grande desafio”, ressaltando que “quando se tem gosto naquilo que se faz, consegue-se”. Representar a Escola Superior de Educação, ao ostentar um traje único,

“Quando nós entramos na Tuna, somos sempre da Tuna”

“inspirado na Luísa Todi”, é para a tunante um ato de amor e respeito, que faz perdurar os valores académicos, que se tem vindo a desvanecer, “infelizmente, esta tradição está a perder-se”. Apesar de já ter experienciado outros ambientes de Ensino Superior, não esquece a escola setubalense, que “tem uma enorme capacidade de criar um cordão umbilical com os alunos que por aqui passam, marca-nos sempre de alguma maneira”. “A ESE é mesmo isso, é uma casa, uma família”.

Convite ou destino

“O maior desafio da minha carreira foi aprender a ser professor”



Na vastidão de um edifício que respira história, Fernando Almeida, relembra o caminho que o levou a liderar a Escola Superior de Educação. Não foi um desejo, foi mais “perseguição exaustiva” por parte dos colegas “para ser eu” e como se costuma dizer, “água mole em pedra dura, tanto bate até que fura” e foi isso que aconteceu. Já tinha conhecido os bastidores da gestão anteriormente por ter “sido presidente do conselho pedagógico e vice-presidente do conselho diretivo”, mas a responsabilidade de ser dirigente é “completamente diferente”. Ser diretor “para mim é corresponder a um conjunto de competências que estão definidas pelo estatuto”,

é um caminhar sobre uma linha tênue entre princípios abstratos e as urgências do dia a dia. Existem “diferentes maneiras de o ser”, mas

tentou sempre ser o mais democrático possível, respeitando a opinião de todos, “criando um ambiente Soft”. Fernando Almeida diz que não existem momentos de glória que se destaquem sozinhos, mas sim “em coletivo”, e que os seus objetivos para a ESE “em geral” foram cumpridos, sentindo-se orgulhoso de ter aberto, “mestrados nos Açores e na Madeira”, pois foi estimulador, “por ser algo diferente”. Ressalta que, “o maior

desafio da minha carreira, foi aprender a ser professor”, querendo sempre manter uma boa relação com os estudantes acreditando que “é capaz de ser o mais difícil”. Confessa que o seu percurso de liderança não foi isento de tormentas, e uma delas foi a crise financeira que a escola atravessava devido ao atraso do pagamento de “um projeto financiado pela União Europeia e por um programa a nível nacional chamado PRODEPA”, sendo bastante difícil gerir o orgulho enquanto “pedia ajuda a outras instituições do Politécnico” para continuar com as portas abertas, mas “conseguimos manter a coisa”. // A paixão pela Sociologia, marcou a sua forma de “estar na vida e no ensino”, na escolha de caminhos optou sem-

pre pelo “que fazia crescer”. A Escola Superior de Educação, “para mim é um projeto e um processo”, sendo uma reflexão continua, uma lição eterna de que nada “se faz

A Escola Superior de Educação, “para mim é um projeto e um processo”

no automatismo de um interruptor”. Quando questionado pelo futuro da escola, profere a esperança, “o melhor possível”, reconhecendo os desafios de um sistema que limita, mas não deixa que isso apague o ideal de evolução constante. No final de contas Fernando Almeida, é uma pessoa que no registo mais simples procura sempre “fazer o melhor”, afirmando que “sim” sente-se realizado a nível profissional e pessoal.



Entre livros e pessoas

“Entro a horas, saio a horas, ajudo sempre quando precisam”

Na biblioteca da Escola Superior de Educação, a luz que entra não vem apenas das lâmpadas, vem do sorriso e da presença de Paula Rosa. Transforma este espaço em muito mais do que um simples local de estudo ou aprendizagem. // Quando chegou à Escola Superior de Educação, descreve “a primeira vez é tudo novo para mim”, abraçar este desafio proposto por “uma ex-colega”. Ocupa o balcão da biblioteca com humildade, “eu algumas coisas sei fazer, outras peço ajuda a minha colega Susana”, quando a mesma está ausente é ela que recebe os alunos do Instituto Politécnico de Setúbal. // Atende quem chega à procura de conhecimento, orienta os indecisos e acolhe quem precisa de um sorriso, e embora tenha

bastante visível enquanto ria ao lembrar-se das peças em que já participou. // Durante a entrevista, um dos momentos mais emocionantes, foi quando perguntei como gostaria de ser lembrada “Quando sair? Não sei se saio”, respondeu esboçando um sorriso enorme e uma gargalhada tão genuína e sincera quanto ela. A grande motivação baseia-se no “gosto de estar aqui”, comparecer todos os dias neste espaço tão querido. // Um pouco envergonhada, sente alguma dificuldade em descrever-se “entro a horas, saio a horas, ajudo sempre quando precisam”, estas poucas palavras servem para perceber o melhor de Paula Rosa, a responsabilidade dos horários e a generosidade em ajudar sempre alguém que precise. // Sobre as colegas com

“Gosto de estar aqui”

algumas dificuldades, nunca se deixou de definir por elas. Demonstra que tudo é possível sendo esforçada e honesta. // O mais importante “é estar no balcão quando vocês entram”, diz com convicção. Essa frase resume um pouco da visão da funcionária da ESE, o ser a ponte entre a biblioteca e os estudantes e não apenas uma pessoa, mas uma amiga. Além de uma funcionária exemplar, revela outros passatempos fora do trabalho, entregando-se a umas das suas paixões. O teatro é onde encontra a liberdade, quando faz os seus espetáculos que para si “representa muita coisa”, o fascínio por esta arte foi

que convive diariamente, menciona o carinho que tem por elas “gosto, gosto imenso”, esta citação é comprovada facilmente no fim da entrevista quando, contente, vai abraçar Susana. Paulinha, como é carinhosamente conhecida na Escola Superior de Educação, é muito mais do que uma funcionária. É a prova viva de que a biblioteca guarda mais do que livros, guarda histórias, sorrisos e laços entre colegas e amigos. A sua presença já se tornou insubstituível. Enquanto continuar ali, entre letras e palavras, aquele sorriso genuíno será sempre uma luz a iluminar o caminho de alunos e professores.



No ritmo das *ondas* e das lições

Onde as memórias e o ensino se encontram

Pedro Miguel Silva Felício nascido em Setúbal e criado ao som das gaivotas e ao perfume das marés recorda assim a sua infância, “cheirava muito a areia e mar, cresci na baixa de Setúbal, junto à zona da ribeirinha e ia frequentemente à praia”. Além das paisagens marítimas magníficas, as ruas da cidade também contam histórias e guardam memórias, memórias essas onde Pedro Felício passava horas a fio a brincar com os amigos, onde o espírito de comunidade era forte, fala que nos dias de hoje “já não se brinca tanto na rua como antes” e afirma que “isso faz falta”. Toda a sua trajetória escolar foi traçada em Setúbal, começou na escola básica do Montalvão e terminou o seu 12º ano na escola D. Manuel Martins onde descobriu a sua paixão pelas artes e que o fez tirar o curso de “professores na variante de educação visual e tecnológica” na Escola Superior de Educação de Setúbal, mais tarde fez uma “pós-graduação em arte e educação na universidade aberta”. O professor recorda momentos únicos da sua época de estudante “a escola estava aberta 24 horas”, relembra passar muitas vezes “a noite inteira aqui para terminar trabalhos e víamos o sol nascer”. Os professores que marcaram a sua vida académica foram fundamentais para consolidar o amor pelas artes, destaca o professor Eurico Gonçalves, o professor António

“Ser professor é mais do que ensinar, é influenciar vidas”

Galrinho e a professora Helena onde afirma que as “aulas despertaram-me um profundo interesse pela criatividade”. Hoje como docente destaca a grande responsabilidade que é “educar jovens” e afirma que se “passarmos o nosso mau humor para os jovens, isso afeta diretamente a relação deles com a escola. Ser professor é mais do que ensinar; é influenciar vidas”. Atualmente, divide-se entre o doutoramento em Artes e Audiovisuais e as demandas do cargo de subdiretor. Ao assumir o papel, embora com hesitação, encarou o desafio com seriedade, e reflete que “a gestão material e física da escola é fácil, mas lidar com pessoas é o verdadeiro desafio”, no entanto, res-

salta que, com o passar dos anos e com o aumento de responsabilidades, o medo de errar cresce “hoje, cada erro meu pode impactar muitas pessoas”. As melhores recordações de Felício

não são apenas as aulas, mas sim os momentos de trabalho em grupo com os seus colegas fora da sala. Ao tentar definir a vivência na ESE numa única palavra: “magia”, essa que o envolveu desde os primeiros dias como aluno, viver e crescer numa escola que não foi apenas paredes e cadeiras, mas sim um espaço pulsante de criação e transformação. Ao percorrer com o olhar os corredores da instituição, a cada passo que ecoa memórias vivas, a resposta é clara “vale a pena estar aqui, com toda a certeza”.

A Escola Superior de Educação de Setúbal guarda na sua história diversas personalidades que marcaram a instituição de forma significativa. Uma dessas figuras é Ana Margarida Chora, cuja curta passagem deixou uma marca inesquecível nos seus alunos e colegas. Desde cedo, demonstrou uma paixão pela literatura e pelas artes. Com formação académica na área da literatura e especialização em literatura comparada e medieval, a sua trajetória profissional é um autêntico castelo, erguido com dedicação e trabalho, pedra por pedra. Contudo, a sua ligação às artes não se limitou à escrita. O desenho, a dança e a música também fazem parte do seu percurso e ajudaram a moldar a sua

não se limita às salas de aula, mas sim na continuidade do ensino. “Saber que aquilo que fazemos terá um seguimento é o mais importante”, afirma. Um caso particularmente curioso acontece no próprio prédio onde mora, onde uma das suas ex-alunas escolheu seguir a via do ensino. Apesar das suas experiências enriquecedoras, Ana Margarida também aponta desafios que enfrentou. A dependência tecnológica dos estudantes é notória no ensino superior “estranhei muito, os alunos estarem completamente agarrados ao telemóvel”. O ensino deve ser adaptado à modernidade, sem perder de vista o papel essencial do professor na sociedade. Questionada sobre que conselhos daria a quem quer ingressar na carreira de docente, afirma “pensar se é a sua vocação e experimentar”.

“Saber que aquilo que fazemos terá um seguimento é o mais importante”

abordagem pedagógica. A relação com o ensino surgiu de forma natural. Em criança, já imaginava ensinar, idealizava turmas fictícias “desde pequenina, já tinha um quadro, imaginava que tinha meninos para ensinar.” Essa vocação transformou-se em profissão, primeiro no ensino secundário e depois no ensino superior, onde em 2008 encontrou o Instituto Politécnico de Setúbal, um espaço de partilha e crescimento. A passagem pela ESE foi um dos momentos mais marcantes da sua carreira. Saber que podia influenciar futuros professores, inspirando-os a seguir a via do ensino, trouxe-lhe uma satisfação única. O verdadeiro conhecimento

Acredita que o amor pelo ensino pode ser uma descoberta inesperada e gratificante, e que, mesmo em tempos de incerteza, vale a pena lutar pelos sonhos. Define-se como alguém profundamente envolvido nos projetos, uma mente inquieta e criativa “penso muito, em muita coisa ao mesmo tempo”. A sua paixão pelo conhecimento e pelo ensino continua a guiá-la, e a sua presença será sempre lembrada como um desafio, pois foi a palavra com que descreve a ESE. Ana Margarida Chora é, sem dúvida, um nome que ressoa nos corredores da instituição, como é visível na vitrina da entrada, que deixa uma emoção e uma recompensa única.

João Busca



Um nome que ecoa no ensino

Simpatia, dedicação e criatividade ao serviço dos alunos.

Joana Brocardo foi uma das diretoras da Escola Superior de Educação, mas que fez questão de ter sempre ao seu lado durante o seu mandato alguém que fosse “muito importante para mim”, “o professor Miguel Figueiredo”, que já havia sido subdiretor anteriormente. A decisão de se candidatar foi toda ela “em cima da hora”, apesar de nunca ter gostado de “ter cargos ligados à gestão”, abraçou este desafio de braços abertos rodeada de pessoas da sua confiança. Na altura o espírito que se vivia na ESE, “é muito diferente do estilo de hoje”, era “muito baseada em projetos de investigação” e com “grande ligação aos PALOPS”, iniciativas que acolheu com grande entusiasmo. “Tínhamos muito uma tradição de projetos cen-

continue a ser muito boa”, é pelo menos esse o legado que a própria ali deixou. “A contratação de pessoas do terreno com o estatuto de especialista foi claramente algo que começou com o meu mandato” e é algo que deixa a professora orgulhosa, era uma forma de valorizar o pessoal e integrar cada vez mais pessoas para o espírito que ali se vivia, orgulha-se ainda do seu feito a quando das comemorações dos 30 anos da escola, “fiz jus àquilo que tinha sido ESE até ali”. Recuando umas décadas a apaixonada pelos algoritmos e pela educação ainda achou que “ia para medicina”, “mas felizmente não fui”, “eu queria ser professora”. Defende que nesta profissão “não é nada monótona, não há monotonia, há desafio, há aprendizagem, há também sabores, há luta” e foi nes-

“A ESE foi um projeto profissional muito importante para mim e de que eu gostei muito”

trados em trabalho de equipa”, “numa boa camaradagem entre as pessoas, aquilo a que eu chamo o estilo ESE, uma grande colaboração.” Destaca ainda a gratificação ao ver “como todos lutavam pela bandeira”, foram todos saindo “um bocadinho fora das normas”, era um ambiente pacífico e respeitador, aquele que se respirava pelos corredores pálidos. Em 2021, o “projeto ESE” acabou para Joana Brocardo, “quando pedi a reforma”, “continuo a ter bons amigos lá, mas mais nada”, apesar de não ter uma ligação ativa com a instituição, a ex-diretora, deseja que a “ESE

ta batalha que Joana Brocardo decidiu lutar durante X anos. “Equipa” é a palavra que lhe surge quando pensa na Escola Superior de Educação, esta é uma escolha baseada na experiência e nos contextos em que trabalhou ao longo do tempo que lá esteve, “eram equipas que trabalharam muito e que sempre se apoiaram muito”. O futuro para Joana Brocardo estará muito bem entregue, acho que os novos vão ser muito melhores do que aquilo que nós éramos” e por fim, reflete “a ESE foi um projeto profissional muito importante para mim e de que eu gostei muito.” “Fiz o melhor que pude.”

Tomás Marques

“Fiz o melhor que pude”
A camaradagem que não a deixou indiferente



Foi em Angola que Fernanda Vaz viu a luz pela primeira vez, mas foi em terras lusas que encontrou espaço para expressar a paixão pelo mundo artístico. Esta aptidão está-lhe no sangue desde que se lembra, “desde pequena, sempre tive muito interesse pelas artes”, sendo na Escola Superior de Educação que encontra a oportunidade de conciliação entre dois aspetos importantes: “o gosto pelas artes e a forma natural de lidar com as crianças”. A professora pisa pela primeira vez o átrio do lar que a acolheu em 1992, ao ingressar na Licenciatura em Professores do Ensino Básico com vertente em Educação Visual e Tecnológica. Ao recordar os velhos tempos, relata as adversidades sentidas, “o nosso curso estava a estrear o primeiro ano no edifício arquitetado pelo Siza Vieira. Para os alunos do meu curso, se por um lado estávamos num espaço privilegiado, por outro, este não nos permitia expandir o nosso lado mais criativo”. Enquanto estudante, participou ativamente na vida académica, integrando a Associação de Estudantes, que “era muito dinâmica” e a Tuna. Passados três anos do término dos estudos, ingressa em 1996 como docente, na escola que a viu crescer, no departamento das artes. Relembra a sua estadia no edifício de Siza com nostalgia, “A ESE marcou-me pela positiva enquanto aluna e como professora”, não só pelas boas memórias, mas também

pelo desafio, “devo dizer que a transição não foi fácil”, visto que, “ser convidada a assumir o papel de Professora Assistente foi uma mudança de paradigma”. Fernanda Vaz acredita que a ESE foi fulcral no seu percurso, alegando “que se tivesse feito carreira noutra instituição, eu nunca seria a profissional que sou hoje. Sinto-me acolhida por todos nesta casa e quando sei de colegas que por lá passaram é como se de um irmão se tratasse”. A docente recorda com admiração os antigos colegas, desde professores a funcionários, destacando o antigo diretor “lembro ainda com saudade Raúl Carvalho, sempre pronto a ajudar e a ouvir os estudantes”, demonstrando-se “grata ainda pela atenção e cuidado dados por todos”. A professora guarda a ESE na memória como “uma casa muito familiar, onde havia companheirismo e cuidado”, defendendo que “continua a marcar pela diferença no que toca ao cariz pedagógico”. Agora leciona no Agrupamento de Escolas José Maria dos Santos, no Pinhal Novo, recebe “colegas vindos da ESE, e que apesar dos tempos difíceis que correm, mantêm a sua postura e continuam a destacar-se pela abordagem pedagógica perante o ensino”, uma vez que “como dizia Madre Teresa de Calcutá: Não é através de grandes coisas, mas de pequenas coisas, feitas com grande amor”, descrevendo assim a instituição da Estafilha como “A ESE foi, para mim, a minha segunda casa”.

“A ESE marcou-me pela positiva enquanto aluna e como professora”

Diogo Mendes

Da tela ao lar institucional que a acolheu

Cada aluno uma história, cada aula uma transformação



“Trabalhava na área do turismo”, mas depois de ser mãe da sua filha mais velha, decidiu entrar para o mundo da educação e até hoje, por lá vagueia. As

fronteiras nunca foram barreiras para a professora, depois de se formar por terras lusas foi à procura de outras oportunidades, formando-se também em França e nos Estados Unidos da América. Em 1987, chega à Escola Superior de Educação já com uma bagagem recheada de experiências. Antes de cá chegar passou por ATL's, jardins de infância e pela Segurança Social apoiando diversas instituições enquanto educadora. Ana Bela Baptista é uma das fundadoras do primeiro curso de Educadores de Infância que a ESE acolheu e por cá ficou 23 anos. Mas depois “apareceu a Troika e eu quanto mais anos lá ficasse, menos ganhava, e isto foi um problema” e assim decidiu colocar um travão na viagem que fez durante mais de duas décadas pelos corredores pálidos e retilíneos, mas “o bichinho pela educação nunca mais me largou”. Durante estes anos que por cá passou, Ana Bela Baptista recorda o Instituto Politécnico de Setúbal como “sinal de alegria” e talvez por isso lhe tenha custado olhar para aquelas duas décadas e ter que fechar a porta, “sob pena de sair prejudicada a nível financeiro”. Temos de recuar uns anos para encontrarmos a primeira memória

“O
bichinho
pela
educação
nunca
mais
me
largou”

que a docente tem da ESE, recorda-se da ternura com a qual foi recebida na época pela professora Cristina Figueira e da surpresa pelo trabalho de excelência que estaria a ser desenvolvido na preparação do curso de Educadores de Infância. Ali respirava-se aquilo que sempre acreditei que “a educação não se faz só dos três aos seis”, “faz-se a partir do nascimento ou mesmo e estamos sujeitos à educação até à morte”. Mesmo depois de ter deixado o barco num qualquer porto antes do fim da viagem, Ana Bela Baptista mantém um contacto muito direto com quem cá conheceu, “temos um grupo de teatro” e “uma vez por mês”, “encontramo-nos para ir, é muito interessante”. O teatro sempre foi uma paixão na vida da docente, mas foi com uma neta que “tirou o curso de teatro” que aprendeu a olhar para esta arte de forma diferente. São 82 anos de uma jovialidade invejável e hoje rodeada de netos admite que todos os dias aprende com os jovens, “é a melhor coisa do mundo” e fica até “um bocadinho aborrecida”, se em algum dia sente que nada aprendeu. A viagem por cá foi longa, muitas vezes “o carro estava em automático para a ESE e tinha que voltar para trás” porque não era a escola o seu destino. Destino esse que colocou o IPS na vida da professora Ana Bela Baptista e que até hoje é lembrada com ternura pelos que ainda cá andam.

Tomás Marques

Uma viagem de 23 anos

A eterna jovem que não quer parar de aprender e ensinar



Entre as paredes coloridas de uma sala de aula, onde os sonhos se misturam com o riso de crianças, encontramos Ana Isa Camilo que acredita que o seu ofício tem um papel fundamental na sociedade. Não esconde que a educação transformou a sua vida pessoal “sinto que nasci mesmo para ser educadora”, vive constantemente com o desejo de “tomar o mundo num lugar melhor” e “fazer a diferença nas crianças”. Acredita também que essa felicidade interior se reflete no bem-estar dos outros à sua volta “posso até estar cansada ou ter aqueles dias normais, mas quando chego ao trabalho fico felicíssima”. A Escola superior de Educação foi uma casa de liberdade, onde se apercebeu que o mundo era “muito maior do que aquilo que podia

a importância da idade quando o que importa é um ser humano que está à nossa frente?” e que a idade não desvaloriza o facto de serem “seres humanos, com sentimentos, com vontades e com convicções”. Ana Isa Camilo quer ser recordada como uma comunicadora cooperante, “acho que é fundamental nós cooperarmos uns com os outros, não no sentido de sermos nem bengala de alguém, nem superior a ninguém, mas no sentido de sermos recursos uns dos outros”, e como alguém que educa e transforma a vida de cada pessoa, assim como a a Escola Superior de Educação o fez, “a forma como a ESE nos ensinou, nos deu educação a partir do princípio de que há várias maneiras de fazer e há várias maneiras de fazer bem”. Por fim, quando tudo se resume, a educadora acredita que qualquer pessoa, ao

“A profissão é, no fim, um reflexo do que somos, do que podemos ser, daquilo que nos preenche, eu, pessoalmente, não tenho dúvidas: sou verdadeiramente feliz no que faço”.

sonhar”, mesmo depois de 30 anos, vê a ESE como uma família, o ambiente de cooperação e inclusão continua muito presente dentro das paredes da escola, sente-se “filha” da instituição que a acolheu e formou. O que faz a profissão bonita, é poder acompanhar o crescimento das crianças e da sua autonomia, e ao longo de 30 anos aprendeu que é essencial respeitar o tempo de cada um “é preciso dar-nos mais tempo e essa humildade de assumir as nossas fragilidades”. Acima de tudo acredita que a idade não justifica certas ações que se tem com os “mini” seres-humanos, “então, se se respeita à pessoa, o ser humano, qual é

escolher a sua profissão, o faz porque, no fundo, acredita que será capaz de a desempenhar da melhor forma possível. Seja pela paixão, pelo amor que sente pelo que faz, ou pela convicção de que ali encontrará a sua verdadeira realização, “A profissão é, no fim, um reflexo do que somos, do que podemos ser, daquilo que nos preenche, eu, pessoalmente, não tenho dúvidas: sou verdadeiramente feliz no que faço”. E, talvez, esse seja o segredo, fazer o que amamos, com o coração pleno, é o que nos dá a força para seguir, sempre em frente, sempre a crescer e para a Ana Isa Camilo não existe nada mais valioso que isso.

Bernardo Duarte // Mariana Fonseca



A Educadora que é feliz a fazer a diferença

“A profissão é, no fim, um reflexo do que somos”

A dedicação de quem faz brilhar

“A *ESSE* é tudo para mim”



“É o que eu sei fazer, o que gosto de fazer. E isso é o que importa”

Já passaram mais de 28 anos desde a primeira vez que Isilda Cardoso entrou na Escola Superior de Educação. Foi a convite da Dona Céu que surgiu a oportunidade de trabalhar na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal. Por esta altura, estava a trabalhar, como empregada de limpeza, na Portucel, após ter estado 13 anos na Segurança Social. Quando aqui chegou foi prontamente aceite, “A Doutora Mariana engraçou comigo, espero eu [risos] e ainda estou cá.” A ESE foi uma lufada de ar fresco na vida de Isilda Cardoso, pois, na papelreira, o seu trabalho estava limitado, devido ao problema que tem, desde nascença, nos ouvidos. O ruído nas instalações da empresa comprometia, tanto o trabalho, como a sua saúde. Esta mudança para a instituição beneficiou, bastante, a qualidade de vida de Isilda Cardoso. “Desde que vim para cá, tudo melhorou. Foi excelente para mim”. Diz que sempre foi respeitada, salvo exceções, mas sempre fez aquilo que lhe compete, com muito amor e dedicação, “É o que eu sei fazer, o que gosto de fazer. E isso é o que importa”. Esta humildade e gratidão constata-se quando relembra um dos dias mais felizes nas quase três décadas de carreira na ESE, o dia em que recebeu a notícia da efetividade

nos quadros da escola, “Eu não sabia se ia ficar ou não. Quando finalmente fui efetivada, foi uma das melhores recordações que tenho aqui”. Ao longo dos anos, Isilda Cardoso viu muitas mudanças na instituição. Destaca a importância da atual administração, que trouxe melhorias significativas nas condições para os alunos e funcionários. “Esta direção se preocupa com detalhes que as anteriores não consideravam. Isso fez uma diferença enorme para todos nós”. Os elogios à atual direção continuam. A funcionária da escola salienta a colocação de mesas junto aos micro-ondas. Esta aquisição ajudou bastante os alunos, dando-lhes mais espaços para alimentação e mais comodidade, pois nem sempre as mesas do bar são suficientes para a grande quantidade de estudantes da escola. “Esta direção fez com que vocês tenham aqui cadeiras e mesas. As outras direções não se preocupavam com isso”. Uma mulher com um grande coração, que se sente realizada com tudo aquilo que já fez pela instituição e vice-versa. “A ESE é tudo para mim”. Um olhar que reflete a satisfação e o apreço que tem com a escola e com todos aqueles que por aqui passam e passaram, agradecendo esta oportunidade que a vida lhe deu, “Sou uma pessoa que gosta daquilo que faz, adoro a minha família e estou muito feliz de estar aqui”.

A educação em *tom Maior*

O *som* das memórias, a *canção* do futuro



No palco invisível da lembrança, onde a nostalgia e a realidade dançam um pas de deux, é feita uma viagem nas partituras de Filipe Fialho. Professor de educação musical, traz no olhar a lembrança de quem viveu a transformação do ensino superior, sentindo na pele a mudança das notas de um passado coeso para os ritmos dispersos do presente. A sua expressão ilumina-se ao recordar o tempo académico de grande união com os docentes, alunos e funcionários num coro harmonioso de convivência coletiva. “Havia o concurso de talentos, poesia declamada, dramatizações, cantorias. Era um tempo em que conhecíamos todos pelo nome, um tempo em que a educação tinha rosto, não apenas números”, rememora. O seu caminho com a Escola Superior de Educação começou em 1993, primeiro como estudante, e a partir daí construiu a sua pauta musical. A sua formação académica é um mosaico de escolhas, desvios e reencontros. O atual docente começou por estudar Promoção e Gestão Turística, mas mais tarde seguiu para o ensino e formou-se professor do primeiro ciclo. No entanto, foi na música que encontrou sua verdadeira vocação, levando-o a concluir a licenciatura em Ensino de Educação Musical que era “mesmo a tua cara”. Ao longo do caminho, muitas pessoas marcaram a sua trajetória, mas destaca-se um acor-

de: o professor José Carlos Godinho, que lhe fez o convite para lecionar na ESE. Desde então, dedica-se ao ensino com o mesmo entusiasmo que sempre teve pela música e pela educação, desde os seus “20 e poucos anos”. Para Fialho, os seus estudantes são mais do que meros estudantes: “Os alunos são assim, os filhos que eu não tive, uma espécie de afilhados. Gosto de ver as pessoas a crescer. Lembro-me do meu tempo também, de quão importantes foram outros para mim, e essa generosidade e essa gratidão que eu sinto fazem-me querer retribuir”. Quando se dá a oportunidade de reconectar com o seu eu do passado e aconselhá-lo, ele sorri:

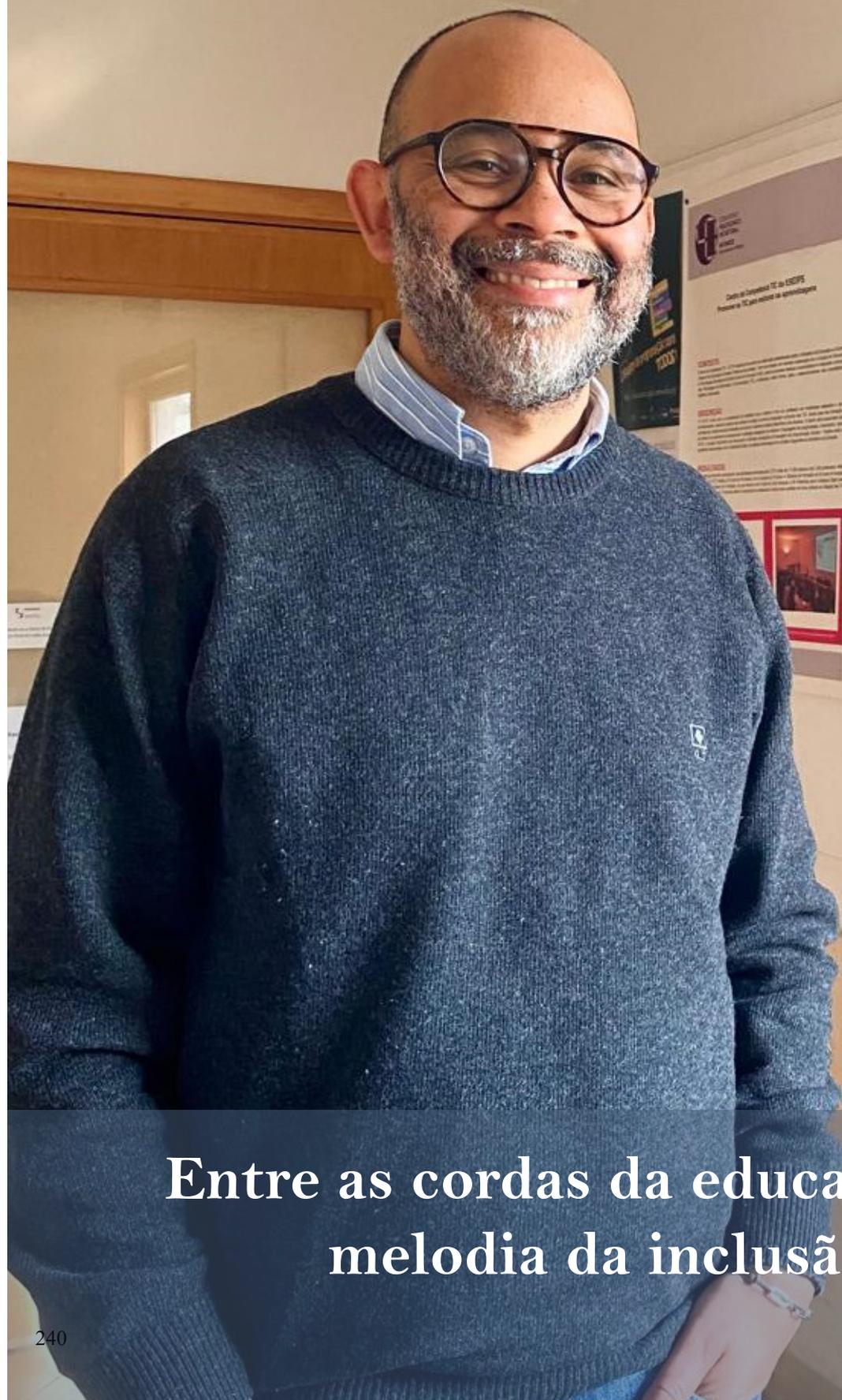
“Diria para não se preocupar tanto. Tudo faz sentido no tempo certo”. Já para o Filipe Fialho do

futuro, a mensagem é outra: “É preciso ter calma, não dar o corpo pela alma”. Olhando para o horizonte da educação musical, acredita que a expressão artística é um instrumento poderoso de formação humana. “Aproxima e complementa, faz de nós seres humanos inteiros. Se não tivermos isso, seremos seres incompletos”.

Se pudesse definir a ESE numa palavra, não hesitaria: “Família”. “Família do coração, onde a pessoa cresce, é aceite e onde lhe é dado espaço para germinar”. E assim, entre o passado vivido, o presente desafiador e o futuro incerto, Filipe Fialho segue, afinando a melodia da sua história, tentando manter a harmonia no seu mundo de claves de sol.

“Família do coração, onde a pessoa cresce, é aceite e onde lhe é dado espaço para germinar”

A CASA ONDE SE CONSTROEM RELAÇÕES



Entre as cordas da educação e a
melodia da inclusão

Foram as experiências que construíram quem Henrique Silva é hoje, considera-se “uma pessoa animada, sou bem disposto, mas também alguém que “aprendeu a respeitar os momentos de tristeza”.

// Ao longo do seu percurso sempre teve a sua guitarra bem afinada ou melhor dizendo a sorte “de trabalhar em lugares que eu escolhi”, desde a área do serviço social, durante 20 anos, a terapeuta na Associação Vale de Ácor, a exercer com idosos em diversas instituições, a dar aulas particulares de instrumentos, até chegar ao Instituto Politécnico de Setúbal. A Escola Superior de Educação surgiu por acaso, em 2023, quando concorreu “aqui para o IPS” inscreveu-se para “uma vaga nos

serviços centrais”, “fiquei em quinto lugar nesse concurso” “em mil e tal pessoas”. O destino troca-lhe as melodias quando pas-

sados seis meses recebe um telefonema para lecionar na ESE, como professor brinca com o facto de não se conseguir desligar deste seu lado social, “Havia um rapper que dizia, podes sair do guetto, mas não podes tirar o guetto de ti, costumo brincar, que o serviço social está sempre em mim e acaba por estar”. // Utiliza ferramentas das áreas em que trabalhou como o olhar positivo, a esperança e o saber lidar com a frustração naquela que é agora a sua profissão. A conexão com os estudantes para si é muito importante, reflete que para esta funcionar deve existir um

Rafaela Cardoso

“amor” mútuo, um docente “pode disponibilizar todo o seu empenho” “para que os alunos possam fazer um caminho e um percurso de aprendizagem bastante positivo, mas isso depende também de uma correspondência” por parte do mesmo. // Sente que ensinar não basta, tem de se ser “apaixonado por aquilo que se vai transmitir”, para contrariar o modelo existente em que ocorre “esta competição” onde se quer “tudo muito imediato”. // Destaca ainda a diferença perceptível entre o ensino politécnico e as universidades nos cursos, onde as abordagens efetuadas são “muito teóricas” e aconselha quem se está a especializar nesta vertente, “tem que se ter muita paciência” [ri-se].

// Com um forte desejo de crescer academicamente, o docente sonha em trazer mais contribuições para a escola, criando projetos que toquem a vida

dos alunos. A solidariedade de Henrique Silva sobressai em todos os momentos, para si a ESE é “casa” pelo hino que diz “vale a pena estar aqui”, “onde o sol é maior e a gente é mais feliz” e “ nós passamos muitas vezes a maior parte do nosso tempo aqui com pessoas que nós não escolhemos”, “é importante não estarmos aqui à vontade mas criarmos espaços e relações marcadas pela sinceridade, pelo respeito, pela partilha, pela colaboração, pela entajuda, pela empatia e é isso que torna este espaço um espaço agradável como seria a nossa casa”.

Lembrar e esquecer – tudo são memórias

“Tenho cinco gavetas na minha mente.

Abro as três de cima muitas vezes.

A quarta com muito menos frequência.

Fechei a quinta gaveta a 8 de Maio de 1945 e não a abri desde então.”

Gunnar Sostebj, resistente norueguês anti nazi (1918-2012)



Na complexa encruzilhada de compreender os mecanismos da memória, situamos as relações que se estabelecem, de um modo muito particular, com o exercício do jornalismo: a forma como o presente é absorvido pelo *modus faciendi*, a formatação dos factos que conduz à fixação de um presente transformado em pretérito e, não menos importante, como a prática jornalística procura antecipar os termos de um presente ainda não acontecido mas que, tantas vezes sobre ele se projecta e pré-configura. A cerimónia, o ritual mediático, a festividade e o aniversário constituem-se como momentos especialmente importantes que potencializam a reafirmação da memória com particular pujança social (Katz e Dayan, ano). Exercitá-la, a nível individual, mas também de forma colectiva, é revelador de uma desejável saúde memorística, condição sem a qual, o simples gesto de pensar pode assumir total exuberância ou, paradoxalmente, a nulidade do ser humano e o vazio do tecido social.

Ter memória de si convoca um acto de consciência, de maturidade, de vida, sem a qual se instala um perturbador silêncio, um eterno acto primeiro, uma consolidação de coisa alguma. Gravada na pedra, ouro, prata, bronze e ferro, num sistemático processo de catalogação e arquivamento, temos nos registos e actos de memória um terreno polisémico, característica porventura falha, mas que na ambivalência, se reveste de tremenda riqueza. Há, por isso, magia, alquimia na incorporação que dela os humanos, sistematicamente fazem, obrigando a intrincadas combinações fisiológicas e tecnológicas, a sofisticados sistemas de arquivamento físicos e digitais que possibilitam um universo, aparentemente, ilimitado de possibilidades de manter informação preservada e disponível para gerações vindouras. Tecnicamente, a memória passou a incorporar dimensões múltiplas que se traduzem no facto de ser instantânea, *urbi et orbi*, cumulativa, rápida e extremamente flexível.

Assim é a memória, dura, porque condenada à fixação, por penetrar, vincar, enrugar e, por vezes, alisar os registos da experiência humana. A memória está condenada à metamorfose, ora no fado da sua fixação - no desenho, na escrita, na arte; ora na volatilidade da desmaterialização, da infinita reprodutibilidade e da fluidez que lhe traça o destino. Entender a trama de memória é, em grande parte, conseguir dominar os códigos que determinam o papel do jornalismo na sua formação. São eles, os artífices dos factos e quem, simultaneamente, é testemunha do ocorrido, artesão da narrativa, construtor de uma identidade, legitimador de sentidos. Ao recolher, seleccionar, filtrar, registar, estabilizar e formatar, tem a responsabilidade do compromisso com a verdade. A mediação jornalística tem essa força motora, pois ao presenciar os factos, ao interpretar a matéria-prima do quotidiano, ao determinar o escarapate da actualidade, torna visível as suas escolhas e oculta as que, editorialmente, considera socialmente menos relevantes. E assim se constroem, também com tijolos voláteis, as narrativas que expressam as vivências contemporâneas. Em boa medida, lembra Zelizer (1992) a narrativa do passado será a que os media escolherem lembrar. Por seu lado, Schudson (2010)

considera que o jornalista é agente da memória social pois, selecciona, fixa e “perpetua” a vida dos seus protagonistas maiores, sejam ilustres ou anónimos. Impõe-se pensar os novos lugares da memória, no exercício do jornalismo digital e no modo como se manifesta em múltiplas, ou, no sentido mais abstracto da interpretação, como se fixa em nuvens, num derradeiro esforço de ser guardiã de gigantescos patrimónios. É legítimo perguntar: qual é o lugar da memória? E agora, entre a complexidade do hipocampo, as enredadas formas de apropriar e registar a realidade e do que dela se pretende manter, surgem novas galáxias que vão impor questionamentos - como preservar, manter, categorizar, arquivar, perpetuar? O viés da comunicação, na expressão de Innis, situa tremendas tensões, em particular as que dizem respeito a lembrar e a esquecer. Daí que, recorrer às traumáticas lembranças de Gunnar Sostebj obrigue a um reencontro do vivido e da forma como se acomoda essa vivência. Em gavetas frequentemente abertas, outras com parcimónia, outras ainda desejavelmente encerradas. Assim se faz a construção da identidade, de uma argamassa de vida feita de pazes e conflitos. Pretérito sempre imperfeito, presente sempre contínuo, futuro por haver.

Ficha Técnica



Alexandre Santos



Bernardo Duarte



Catarina Pires



Daniela Nunes



Diogo Mendes



Francisca Caeiro



Filipa Marcos



Guilherme Claudino



Inês Pinto



Inês Salgueiro



João Busca



João Tomaz



Mafalda Ruivo



Mariana Fonseca



Rafaela Cardoso



Tamára Silva



Tomás Marques

Editor
Instituto Politécnico de Setúbal - Escola Superior de Educação

Diretor
Ricardo Nunes

Chefia de Redação
Francisca Caeiro
Tomás Marques

Redação
Alexandre Santos
Bernardo Duarte
Catarina Pires
Daniela Nnunes
Diogo Mendes
Francisca Caeiro
Filipa Marcos
Guilherme Claudino
Inês pinto
Inês Salgueiro
João Busca
João Tomaz
Mafalda Ruivo
Mariana Fonseca
Rafaela Cardoso
Tamára Silva
Tomás Marques

Design
Mafalda Ruivo
Tamára Silva

Copy Desk
Bernardo Duarte
Diogo Mendes
Inês Pinto

Secretariado
Rafaela Cardoso



**POLITECNICO
SETUBAL**

POLYTECHNIC UNIVERSITY

**ATÉ ONDE
VAI O TEU
LIMITE?**

**CURSOS
SUPERIORES EM
ENGENHARIA
E TECNOLOGIA
CIÊNCIAS SOCIAIS,
EDUCAÇÃO
E DESPORTO
CIÊNCIAS
EMPRESARIAIS
SAÚDE**

**O talento
é o teu ponto
de partida.**



WWW.IPS.PT | ESTUDAR@IPS.PT

